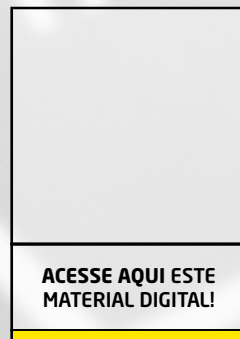




# ROTEIRO E STORYTELLING



CLARICE LIPPMANN



**ACESSE AQUI ESTE  
MATERIAL DIGITAL!**

# EXPEDIENTE

**Coordenador(a) de Conteúdo**

Caroline Hadlich

**Projeto Gráfico e Capa**

Arthur Cantareli Silva

**Editoração**

Alexandre Donzelli

**Design Educacional**

Aguinaldo José

**Revisão Textual**

Tatiane Schmitt Costa

**Ilustração**

Bruno Pardiniho

Eduardo Aparecido Alves

**Fotos**

Shutterstock e Envato

## FICHA CATALOGRÁFICA

N964 Núcleo de Educação a Distância. **LIPPMANN**, Clarice;

**Roteiro e Storytelling** / Clarice Lippmann. - Florianópolis, SC: Arquê,  
2024.

**224 p.**

ISBN papel 978-65-6137-446-0

ISBN digital 978-65-6137-447-7

1. Roteiro 2. Storytelling 3. EaD. I. Título.

CDD - 153.35

Bibliotecária: Leila Regina do Nascimento - CRB- 9/1722.

Ficha catalográfica elaborada de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Impresso por:

# AVALIE ESTE LIVRO!



CRIAR MOMENTOS DE APRENDIZAGENS INESQUECÍVEIS É O NOSSO OBJETIVO E POR ISSO, **GOSTARIAMOS DE SABER COMO FOI SUA EXPERIÊNCIA.**

Conta para nós! leva menos de 2 minutos. Vamos lá?!

**DIGITE O CÓDIGO**

Aa

**RESPONDA A PESQUISA**

...

# RECURSOS DE IMERSÃO



## PENSANDO JUNTOS

Este item corresponde a uma proposta de reflexão que pode ser apresentada por meio de uma frase, um trecho breve ou uma pergunta.



## APROFUNDANDO

Utilizado para temas, assuntos ou conceitos avançados, levando ao aprofundamento do que está sendo trabalhado naquele momento do texto.



## EU INDICO

Utilizado para agregar um conteúdo externo.



## ZOOM NO CONHECIMENTO

Utilizado para desmistificar pontos que possam gerar confusão sobre o tema. Após o texto trazer a explicação, essa interlocução pode trazer pontos adicionais que contribuam para que o estudante não fique com dúvidas sobre o tema.

## PRODUTOS AUDIOVISUAIS

Os elementos abaixo possuem recursos audiovisuais. Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.



## PLAY NO CONHECIMENTO

Professores especialistas e convidados, ampliando as discussões sobre os temas por meio de fantásticos podcasts.



## EM FOCO

Utilizado para aprofundar o conhecimento em conteúdos relevantes utilizando uma linguagem audiovisual.



## INDICAÇÃO DE FILME

Uma dose extra de conhecimento é sempre bem-vinda. Aqui você terá indicações de filmes que se conectam com o tema do conteúdo.



## INDICAÇÃO DE LIVRO

Uma dose extra de conhecimento é sempre bem-vinda. Aqui você terá indicações de livros que agregarão muito na sua vida profissional.



# SUMÁRIO

---

## 7

### UNIDADE 1

O QUE É ROTEIRO E PARA QUE SERVEM AS HISTÓRIAS . . . . .	8
CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA: STORYTELLING . . . . .	28
TEMA E ENREDO . . . . .	50

## 71

### UNIDADE 2

RITMO E ESTRUTURA . . . . .	72
CONFLITOS, DILEMAS E CONTRADIÇÕES . . . . .	94
criação de personagens . . . . .	120

## 147

### UNIDADE 3

DIÁLOGO, SUBTEXTO E FILTROS DE DIÁLOGO . . . . .	148
STORYLINE, SINOPSE, BEAT SHEET, ESCALETA E ARGUMENTO . . . . .	170
FORMATAÇÃO DE ROTEIRO . . . . .	196





**uni  
dade**



TEMA DE APRENDIZAGEM 1

# O QUE É ROTEIRO E PARA QUE SERVEM AS HISTÓRIAS

## MINHAS METAS

- Introduzir o que é roteiro, em uma fala mais provocativa.
- Falar da perspectiva histórica do roteiro.
- Desenvolver uma perspectiva prática do roteiro.
- Descrever uma introdução a recursos de roteiro.
- Fazer uma introdução ao conceito de "narrativa".
- Efetuar a introdução ao conceito de "storytelling".

## INICIE SUA JORNADA

Como criar uma identidade visual de marca? Como contar uma história com recursos audiovisuais? Como desenvolver personagens, arcos narrativos e descrições que depois serão transformadas em recursos visuais? Para tudo isso, você precisará de um **roteiro** e conhecimento de **storytelling**.

Pare e pense: quando falamos de **roteiro**, pensamos, obviamente, primeiro em filmes, séries, documentários, programas de televisão... As mídias audiovisuais clássicas. Mas, idealmente, para **todo** e **qualquer** material filmado ou gravado, um bom roteiro faz toda a diferença. Isso significa que o roteiro está por trás, geralmente, de todas as mídias que consumimos. Do cinema à televisão, dos jogos eletrônicos às publicidades, dos podcasts até mesmo aos vídeos mais curtos do TikTok e do Instagram Reels, todas essas mídias podem – e deveriam – ser planejadas com roteiro.

Imagine que você tem uma ideia em mente. Supondo que sua ideia seja, por exemplo, vender-se como um profissional de design para trabalhar em estúdios de animação, empresas de design industrial, design de games etc., se você não tiver uma **identidade própria**, nem souber contar o porquê a sua marca, o seu produto é diferenciado, será difícil vender os seus serviços. E mais do que isso: o design e o roteiro são parte de um todo maior: a produção criativa. Ambos são **linguagens**, enquanto o design é **ilustrativo** e visual, o roteiro é **narrativo** e visual.

Pense também em qualquer marca que lhe vier à mente. Coca-Cola, Fanta, Nike, Adidas... Todas têm identidades visuais, mas também se vendem por meio de **narrativas**. A Coca-Cola se associa com o Natal, a Fanta, faz especiais de Halloween, a Nike e a Adidas são marcas de esporte ligadas à superação. Todas essas identidades e personalidades seguem um **storytelling**, a habilidade de contar histórias com recursos audiovisuais, não apenas as palavras. A **interpretação** do storytelling pelo público resulta, portanto, de uma boa “contação de histórias” e torna essas marcas reconhecidas pela cultura popular e reconhecimento fácil. Portanto, nesse primeiro momento, faremos uma introdução do que é o roteiro, suas principais metodologias narrativas de escrita, bem como sua perspectiva histórica e prática.

E, apenas a título de familiarizar o estudante com o tema, falaremos brevemente da funcionalidade do **storytelling**, já que será o assunto principal do próximo tema de aprendizagem.

**PLAY NO CONHECIMENTO**

Vamos escutar um pouco mais sobre como compreender o roteiro e storytelling, suas técnicas, como eles funcionam e como são pensados. Já entendemos que o roteiro é a forma escrita de materiais audiovisuais, e que o storytelling nada mais é do que contar histórias com enredo, a narração de histórias. É hora de entendermos um pouco mais sobre o que serve a boa contação de histórias e o porquê de ser fundamental ter a capacidade, enquanto profissional criativo, de desenvolver ou identificar um bom roteiro. Para isso, é preciso ser capaz de identificar alguns critérios, bem como desenvolvê-los, caso você queira ser capaz de atuar como autor ou roteirista. Para isso, escute o nosso primeiro podcast, que trabalhará mais detalhes e informações sobre a construção de roteiro, storytelling e falará um pouco mais sobre a história do roteiro. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

**VAMOS RECORDAR?**

Vamos assistir ao vídeo do canal Narratologia, que contém diversos bons vídeos para roteiristas, roteiristas em formação ou apenas interessados no assunto. Neste vídeo, lembraremos da diferenciação entre histórias character-driven e histórias story-driven, porque elas são assim e como são escritas. Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=R0AT8ixzPyA>.

## DESENVOLVA SEU POTENCIAL

### POR ONDE COMEÇO A ESTUDAR?

É muito comum que os estudantes de roteiro e storytelling tenham interesse em utilizar famosos “manuais” de roteiro, como os escritos por Syd Field e Robert Mckee, autor do livro de *Story*.



Segundo Syd Field, o roteiro deveria seguir os três atos, uma estrutura já pensada por Aristóteles em *Poética*, como falamos no podcast. Isso também remete ao fluxograma que falamos no começo dos nossos estudos, onde vemos o caminho narrativo de um roteiro. Aqui, vamos mostrar rapidamente a estrutura de três atos proposta por Syd Field, em seu livro *Manual do Roteiro*:

Primeiro ato – Apresentação.  
Segundo ato – Confrontação.  
Terceiro ato – Resolução.

Temos uma estrutura otimizada, em que o clímax do incidente incitante (o que inicia a história, ou seja, o ponto de partida), e dos três demais atos precisa ser desenvolvido. Essa estrutura pode servir como guia para a escrita dos nossos textos e organização criativa, mas que não deve ser entendida como regra. Por quê? Isso porque minimizar as experiências audiovisuais, gráficas e ilustrativas a estruturas matemáticas não é, simplesmente, funcional.

Contar histórias é subjetivo, necessita de capacidade de transposição de emoção, é preciso que tenha uma expressão autêntica do autor para que a narrativa também tenha carisma. É importante que essa “fórmula” seja entendida como uma sugestão, mas não como uma verdade imutável.

Mas também é importante saber que, quanto mais atos, maior será seu esforço de tornar sua história envolvente, pois ela irá aumentar, tanto de tamanho quanto de complexidade. Quanto mais complexa, será ainda mais necessário que o autor saiba desenvolver cenas, personagens e interações carismáticas. Isso não só não é fácil, como pode facilitar que seu roteiro se torne confuso ou raso. É melhor trabalhar com uma proposta SIMPLES e torná-la mais desenvolvida pela qualidade de cenas, de personagens e da jornada proposta, do que ter uma proposta complexa e longa e torná-la interessante para um público amplo. Mas, novamente, isso não é uma regra estrita.

E também precisamos entender, antes de tudo, que o roteiro existe com um propósito: ser filmado. Ele não é um livro, um artigo ou um material literário que funciona sozinho. Não à toa, em espanhol, roteiro é chamado de “*guión*”, um guia de filmagem. Ele funciona narrativamente, sim, mas é uma narrativa proposta com um fim: ser filmado.



O Roteiro é a forma escrita de qualquer audiovisual. É uma forma literária efêmera, pois só existe durante o tempo que leva para ser convertido em um produto audiovisual. No entanto, sem material escrito não se pode dizer nada, por isso um bom roteiro não é garantia de um bom filme, mas sem um roteiro não existe um bom filme (COMPARATO, 1995, p. 20).

Dessa maneira, não devemos pensar o roteiro apenas como um texto ou uma história a ser contada. Ela é uma história que será filmada. Ou seja, tal como a fotografia, a mixagem de som e outras composições técnicas audiovisuais, o roteiro é um dos ramos que compõem a “árvore” do audiovisual. Todos precisam coexistir bem para que o resultado seja um bom produto, portanto, se o roteiro for pensado apenas como literatura, as chances são de que isso possa desfavorecer o resultado final, o filme, o vídeo, ou o produto audiovisual pensado.

## COMO ESCREVER BOAS NARRATIVAS E COMO COMEÇAR BOAS HISTÓRIAS

Estudante, o pressuposto de que seu roteiro será filmado é o que irá guiá-lo durante a escrita, do começo ao final do texto. Sabendo que uma linguagem cinematográfica ou audiovisual será utilizada, o que mais podemos acrescentar nesse início de uma jornada como roteirista?

Em *Story*, segundo Robert McKee (2017, p. 17): “*Story* é sobre princípios, e não regras. Uma regra diz 'você tem de fazer isso dessa maneira'. Um princípio diz 'isso funciona... E vem funcionando desde o início dos tempos'”.

Se formos seguir a definição menos técnica e mais abrangente de Robert McKee, isso significa que, além de não existir fórmula para um bom roteiro, no máximo, podemos ter bons indicativos de um bom roteiro. Para isso, é importante conhecer algumas ferramentas narrativas que nos ajudam a construir uma boa história, quando sabemos reconhecê-las e diferenciá-las. Como visto, você



já sabe que uma história será *character-driven* se você valorizar mais a forma introspectiva, o desenvolvimento de seus personagens e conflitos internos. Também já pode reconhecer que uma história será *story-driven* se você focar na ação, em atos e eventos que ocorrem na história e tornam ela movimentada e envolvente para o público. Portanto, o que

mais você pode saber para mergulhar na escrita do seu roteiro e torná-lo bem desenvolvido? Treinar a escrita com o uso de outras ferramentas que podem ajudar você a compor melhores personagens e melhores histórias.

## ARQUÉTIPOS

As representações de identidades que existem no inconsciente coletivo. São figuras cuja humanidade é capaz de trespassar culturas e conjunturas diversas, porque tratam de experiências muito comuns pelas quais todos nós passamos e podemos nos identificar.

## TROPOS NARRATIVOS

De origem grega, tropo seria uma figura de linguagem pela qual há uma mudança de significado. Mas, atualmente, entendemos em ficção tropo como figuras, conflitos, características e formas conhecidas e recorrentes em um tipo de literatura, gênero ou produto.

## CLICHÊS

O clichê é justamente o que ficou batido, já foi muito usado, e por isso, faz com que o público tenha menos interesse em vê-lo mais uma vez repetido. O que não significa que todo clichê é ruim. Novamente, não existem verdades definitivas na escrita de roteiro. Existem sugestões, e uma boa sugestão é: evite clichês para não correr o risco de escrever uma história banal.



### EU INDICO

Uma boa ideia para reconhecer tropos narrativos é conhecer o site TV Tropes. Acesse: <https://tvtropes.org/>.

É uma grande enciclopédia grátis, estilo Wikipédia, com tropos narrativos diversos: personagens, histórias e seus arquétipos, de diversas mídias possíveis: séries de televisão, jogos, filmes, livros etc. Uma infinidade de produtos de ficção e arte catalogados por seus tropos. É uma forma divertida e fácil de se acostumar com a utilização de arquétipos e começar a imaginar como eles podem se relacionar, acrescentar-se entre si e mais.

## COMO SABER SE MINHA HISTÓRIA É BOA? SERÁ QUE ELA É CLICHÊ?

É uma pergunta legítima e que, certamente, sempre passa pela cabeça de qualquer autor. Alguns clichês bem desenvolvidos e trabalhados podem resultar em histórias interessantes, mesmo que a premissa de onde partam seja repetitiva e muito conhecida.

### VOCÊ SABE RESPONDER?

Eu preciso me preocupar com o clichê?

A princípio, essa não deveria ser uma preocupação relevante para o roteirista. Apesar de não ser uma boa ideia partir de uma premissa repetitiva, isso de forma alguma significa que a sua história não pode ser contada comovente. O público se sente mais comovido com uma história bem contada do que com uma história “nova” que ele não se sente identificado. Mais importante do que diversificar é contar bem a história, criar identificação e criar pontes com o público. Uma história bem contada é uma espécie de comunicação. Você consegue falar o que queria e o outro consegue entender aonde você queria chegar, e ambos aproveitam essa mensagem. E o que é mais interessante ainda é: a interpretação do público nunca será igual a do autor. Então, mesmo que para você sua história possa parecer banal, batida ou comum, para alguém que se sentir relacionada com ela, pode ser uma história linda, especial e emocionante.

Alguns gêneros do cinema, séries e audiovisual, em geral, costumam repetir padrões. Por exemplo, o que existe de parecido entre faroestes e animes e mangás shonen? É muito comum que seus títulos tratem de histórias de redenção de personagens. Personagens com *backgrounds* trágicos ou, no mínimo, moralmente duvidosos, pessoas antes “ruins” que se tornam heróis.

Por exemplo, filmes de drama costumam tratar de problemas familiares, maritais, evolução de personagens perante eventos trágicos. Costumam inclusive gerar um subgênero, que também está atrelado à comédia, romance e outros, que é o “*coming of age*”. Filmes e mídias que tratam de amadurecimento, da jornada de crescimento de um jovem.

Filmes de comédia são o “outro lado da moeda”, de certa forma, do drama. Enquanto um vê a tragédia saída de uma interpretação da tristeza, a comédia entende o trágico como cômico, vê o conflito como uma forma de ridicularizar o próprio evento trágico, complexo, ou os personagens envolvidos. É uma forma de “amaciar o drama”, as agruras que os personagens vivem, e que podemos reconhecer assistindo, porque sentimos nós mesmos algo parecido um dia. Portanto, a comédia pode contar a mesma história que um filme de drama, partindo de uma interpretação completamente diferente.

## **NÃO TENHA MEDO DE SE EXPOR**

É importante que isso seja um fundamento em qualquer forma de arte. Um autor, um comunicador, sempre deverá mostrar um pouco de si no que produz. Isso não significa que seu roteiro ou história deve ser autocentrado ou “*self-insert*”. Isso significa que ele precisa ter propriedade sobre a sua autoralidade. Precisa ser autêntico. Você pode se apaixonar e sofrer uma desilusão como toda pessoa sente e sofre, mas o jeito que você sofrerá, sua interpretação desse sofrimento é própria e não pode ser substituída. E é isso que você tem de buscar nas suas obras. Como você conta uma história com as suas próprias palavras?

Testando, testando e testando. E soltando as amarras.

## **LEMBRE-SE DO CLÁSSICO “SHOW, DON’T TELL”**

Uma frase repetida por quem trabalha com audiovisual é “*show, don’t tell*”. Do inglês, a tradução mais acertada seria “mostre, não descreva”. Ela é baseada em uma carta escrita por Anton Chekhov para seu irmão, na qual ele defende como é mais interessante que algo seja mostrado em um texto narrativo do que contado.

Por isso, seria melhor utilizar metáforas, valorizar detalhes e não descrever de forma “entediante” sobre um fato, uma caracterização, porém, sim, fugir de uma descrição óbvia e tentar torná-la sensorial. O leitor ficaria naturalmente mais inclinado a continuar a leitura se movido por imagens do que por descrições.

Como frisado, o roteiro não é um formato literário sozinho, ele por si só não se sustenta porque ele foi criado para ser filmado. Portanto, lembrar de que seu roteiro será filmado significa evitar descrições exageradas. A descrição é uma ferramenta muito usada na literatura, mas que deve ser explorada de outras formas em uma obra cinematográfica ou audiovisual. Movimentos de câmera, expressões de personagens, interações, revelações no formato visual, e não no formato descrito.

Um problema que muitas obras audiovisuais enfrentam é quando elas deixam de contar pelas câmeras, e contam pela exposição descritiva. Por exemplo: imagine uma cena clássica do desenho Pocahontas, quando John Smith persegue Pocahontas, achando que ela é uma ameaça para ele, alguém que o seguiu para atacá-lo sem que percebesse. Até o momento, John Smith não tinha discernido quem era a pessoa que o tinha seguido. Se era um aliado, um inimigo... Ele salta da cachoeira, vê apenas a silhueta de Pocahontas e está pronto para atirar. Quando ele a vê por trás da delicada névoa da água que a envolve, fica chocado: John encontrou uma lindíssima mulher indígena e ficou admirado, surpreso, sem ação.



#### EU INDICO

Vamos à cena: <https://www.youtube.com/watch?v=Z5QnhXbfZaE>.

Nada nessa cena é descrito com palavras. Os personagens não têm fala alguma, apenas seus movimentos, ações e expressões revelam o que se passou. Imagine a mesma cena caso John Smith falasse “nossa, é uma linda mulher, estou chocado.” Seria desnecessário, certo? Ou algo menos descritivo, mas que ainda assim não precisaria ser perguntado: “quem está aí?”

Sem palavras sendo ditas, John Smith se esconde, percebe que está sendo seguido e quase ataca. A cena perderia muito da intensidade e da própria beleza caso ele tivesse falado algo. O diálogo só entra quando Pocahontas foge, mas o evento central da cena já tinha acontecido: o primeiro encontro dos personagens que viverão o romance principal do filme.

Se algo não precisa ser dito, é melhor que seja mostrado.

### VOCÊ SABE RESPONDER?

E qual é o caminho de uma história?

Sabemos que toda história tem personagens, bem como jornadas. Os personagens são quem irá viver aquela história, e as jornadas são a história em si, os atos externos que esses personagens viverão, participarão, resolverão e mais. Existem histórias que se classificam como *story-driven* ou *plot-driven*, outras como *character-driven*, o que significa que algumas são movimentadas pelo carisma e desenvolvimento da história, e outras pelo envolvimento do público com os seus personagens. Em algumas, queremos saber o que acontece com os personagens que acompanhamos, em outras, queremos saber da ação. Ação é um “ato preventificado”, não no termo que conhecemos como gênero de ação: aventura, muitas explosões, conflitos. Mas o ato no que significa a trama, a quantidade e qualidade das ações compostas nela.

Dessa maneira, quando estamos mais interessados em saber sobre eventos externos dessa narrativa, ou seja, quando estamos curiosos para saber o que vai acontecer com aquela história, estamos interessados em uma narrativa que é mais *plot-driven* do que *character-driven*. Já quando estamos interessados em uma narrativa que trabalha muito bem eventos internos, tais como o amadurecimento de personagens, mudanças de relacionamento entre personagens, evoluções de personalidades, redenções ou até mesmo o contrário. Das jornadas de herói (explicaremos melhor adiante) às jornadas de vilões (também faremos essa diferenciação depois), estamos mais interessados em uma história *character-driven*, do que em seus eventos que não estão tão relacionados com o desenvolvimento de seus personagens.

Por isso, é muito importante compreender o arco narrativo da sua história. Mais adiante, faremos um aprofundamento do que ele é e como deve ser escrito, com etapas, detalhamento e descrições relacionadas. A princípio, é importante que você saiba, apenas, que o arco narrativo é o caminho da sua história. Como ela começa, o que acontece nela e para onde ela vai. É o famoso: "Ir do ponto A ao ponto B, enquanto isso, acontece C, D, E... etc. O ponto A sendo o começo da sua história, o B o final e C, D, E toda a ação que quiser inculcar no meio da sua história. É fundamental que você não perca o fio lógico da sua história, seja para desenvolver bem seus personagens, seja para desenvolver bem a trama.

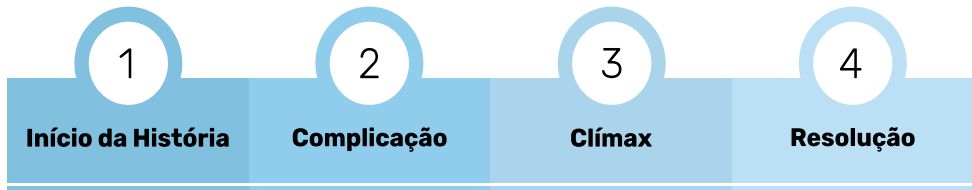


Figura 1 - Fluxograma do arco narrativo de uma história / Fonte: a autora.

**Descrição da Imagem:** a figura apresenta uma ilustração colorida em tons de azul de um fluxograma com quatro caixas, organizadas horizontalmente. Da direita para a esquerda: 1 Início da História; 2 Complicação; 3 Clímax; e 4 Resolução. Fim da descrição.

Exemplo prático e simples de arco narrativo: na fábula “amaciada” dos Irmãos Grimm, Chapéuzinho Vermelho precisa levar os doces para a Vovózinha (início). No caminho, encontra o Lobo Mau (complicação), não dá conversa para ele e vai até a casa da vovó. Na casa dela, o Lobo está disfarçado de Vovó na cama, engana Chapéuzinho (clímax), quando surge o Caçador, que salva Chapéuzinho e a Vovó do Lobo (resolução), e todos ficam bem.

Se você sabe onde a sua história começa e onde ela termina, você precisa preencher o meio. E é nesse meio que o bom roteirista se esbalda, construindo personagens repletos de carisma, complexidade, tramas emocionantes e cenas que deixam o público comovido. O autor que é capaz de trabalhar um bom storytelling é capaz de (inserir caixa de texto):

Gerar empatia, a identificação.  
Inspirar o público a alguma reflexão.  
Persuadir o público a ficar até o final.  
Expressar a mensagem desejada.

**EM FOCO**

Acesse a videoaula para ter mais informações e conhecimentos sobre os assuntos pertinentes a este tema. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

## NOVOS DESAFIOS

Depois de aprender alguns conceitos fundamentais tanto da perspectiva histórica de roteiro, ferramentas narrativas e uma pequena introdução ao que é o storytelling, é interessante trazer isso para como a teoria se aplica no mercado de trabalho e o que você terá de lidar ao desenvolver um roteiro, estudar um roteiro alheio ou trabalhar com outros roteiristas.

Apesar das indústrias mais conhecidas continuarem contratando, como cinema, séries e programas de televisão, roteiristas também são fundamentais em outros mercados, como: publicidade, marketing e produção de conteúdo para internet. Assim como designers participam de todas essas áreas, em diversas etapas

do processo criativo. Como designer e, por lógica, em qualquer outra profissão, é importante estar atrelado às novidades do mercado. Os produtos, hoje em dia, sejam do setor da comunicação, publicidade, entretenimento ou artes, de qualquer indústria, praticamente não existem se não estiverem online. E para levar um produto para a internet, seja ele direcionado para as plataformas de conteúdo voltado para internet, seja ele de outra origem, ele terá partido de um processo de criação com storytelling e roteiro.

Se você, como designer, quiser estar apto a participar de forma ativa e diversificada desse mercado, conhecer noções de roteiro e entender como funciona um roteiro e uma narrativa é muito importante. Já falamos no começo desse capítulo sobre a relevância, para qualquer marca ou produto, de saber contar uma história por trás da sua imagem. Você, como designer, tem uma história por trás da sua profissão, de como se apresenta para o mercado. E você pode também tornar sua capacidade de interpretação de outros produtos mais fluente se você conhecer noções de roteiro. Sua capacidade enquanto criador compreenderá outras linguagens e outros recursos além do que você já conhece a nível de ilustração em design, o que significa que você terá um olhar multifacetado, poliglota, por assim dizer, a nível artístico.

Como um designer pode melhorar a si mesmo conhecendo técnicas de roteiro?

- Ser capaz de formar uma história por trás de uma imagem.
- Conhecer a linguagem usada por trás do uso de câmeras, som e recursos visuais.
- Reconhecer a intenção escrita por trás de uma ilustração ou animação, seus arcos narrativos e desenvolvimento de personagens.
- Reconhecer arquétipos também presentes nas artes ilustradas e animadas.
- Desenvolver seu potencial criativo e aprimorar sua leitura de ferramentas visuais.

Se é bom que uma pessoa fale várias línguas, pois, assim, ela não só se torna mais capaz de se comunicar com outras pessoas e se diferencia por seu conhecimento, mas também tende a aumentar seu vocabulário, tanto na língua nativa quanto em

línguas estrangeiras, da mesma forma é bom que um designer conheça e aprenda sobre outras formas de arte, como, a escrita e narrativa. Isso o ajudará a se tornar um profissional diferenciado, bem como o capacitará a entender melhor onde o seu processo criativo se encaixa como um todo. Um designer que entende a narrativa por trás de uma marca, a que histórias ela se associa, quais são os valores que ela pretende inspirar, ou um designer que compreende as técnicas usadas para construir a história que ele vai animar já está “adiantado”, ele mesmo já pode reconhecer esse formato no que será demandado de si enquanto ilustrador.

Saber compreender aonde quer chegar um roteirista, o propósito narrativo de uma história, marca ou conteúdo, facilitará atingir o melhor resultado, enquanto ilustrador e designer, quando seu trabalho for requerido. Isso porque você entenderá as minúcias da história e poderá traduzi-las no formato gráfico, de forma ilustrada, com muito mais proficiência, o que adiantará seu trabalho e o tornará um profissional diferenciado.

De fato, não há nenhuma desvantagem criativa, cognitiva ou mercadológica em conhecer diversas linguagens, sejam elas artísticas ou não. Portanto, siga em frente que teremos muito mais para aprender!

# AUTOATIVIDADE

---

1. A descrição é uma ferramenta muito usada na literatura, mas que deve ser explorada de outras formas em uma obra cinematográfica ou audiovisual. Movimentos de câmera, expressões de personagens, interações, revelações no formato visual, e não no formato descrito, se o roteiro é um formato literário pensado para as telas, analise as afirmativas abaixo e escolha as que correspondem a essa estrutura de texto filmado.

I - João tinha um rosto entristecido enquanto bebia água e mexia no celular.

II - João franze as sobrancelhas. Bebe água, seus ombros começam a tremer. Pelo reflexo do celular apagado, vemos que está chorando.

III - João disca um número. Vemos na tela do celular "Mariana". Ele cancela a ligação.

IV - João liga para a esposa, mas parece hesitante. Desiste de ligar.

correto o que se afirma em:

- a) I e IV, apenas.
- b) II e III, apenas.
- c) III e IV, apenas.
- d) I, II e III, apenas.
- e) II, III e IV, apenas.

# AUTOATIVIDADE

---

2. Os produtores estão cada vez mais conscientes de que sem um material escrito sólido, não há como criar nada. O que funciona bem no papel geralmente funciona bem na tela. Um roteiro de qualidade não garante necessariamente um bom filme, mas, sem um bom roteiro, com certeza, não haverá um bom filme.

Se histórias em que a ação é o mais relevante do roteiro são histórias *story-driven*, o desenvolvimento dos personagens e suas jornadas internas são menos chamativos do que os atos preventificados. Dessa forma, as histórias em que os acontecimentos externos são mais importantes do que os acontecimentos internos dos personagens seriam *story-driven*, por assim dizer. *O Senhor dos Anéis* é uma história *story-driven*, uma trilogia de filmes dirigida por Peter Jackson. Os filmes são uma adaptação dos livros escritos por J. R. R. Tolkien, e, apesar de ter uma rica diversidade de personagens principais, anti-heróis e vilões, o que mais importa na narrativa é a união entre os heróis para destruir o Anel e proteger a Terra-Média. Dessa forma, podemos dizer que *O Senhor dos Anéis*:

- I - É uma história *story-driven* porque é movida pelos atos até a destruição do Anel mais do que o amadurecimento dos personagens, embora o desenvolvimento deles e seus conflitos internos também sejam muito trabalhados na história.
- II - A história não existiria sem a principal razão que une a todo os personagens: proteger a Terra-Média frente à ameaça de Sauron.
- III - É uma história em que o incidente incitante é a necessidade do Anel ser destruído para proteger a Terra-Média. Isso recai sobre Frodo, o protagonista. Herdeiro do Anel, que estava escondido com Bilbo, seu tio, Frodo precisa começar sua jornada do herói e ajudar os outros povos livres da Terra-Média na luta contra Sauron.
- IV - Os conflitos internos dos personagens de *O Senhor dos Anéis* são o foco narrativo.

É correto o que se afirma em:

- a) I e IV, apenas.
- b) II e III, apenas.
- c) III e IV, apenas.
- d) I, II e III, apenas.
- e) II, III e IV, apenas.

# AUTOATIVIDADE

---

3. Comparato (1995) entende que, para criar uma narrativa cativante, é essencial construir uma estrutura sólida. A estrutura é um dos pilares fundamentais do roteiro e é onde o roteirista precisa exercitar sua criatividade ao máximo. Sabemos que as histórias são *story-driven* e *character-driven*. Algumas histórias que são movidas pela trama são chamadas de *story-driven*, e as que são movimentadas pelo desenvolvimento de seus personagens e suas jornadas de amadurecimento são *character-driven*. Com base nas informações apresentadas, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas:

I - *Joker*, dirigido por Todd Phillips é um filme *character-driven*.

PORQUE

II - É um filme que fala sobre a jornada de um vilão. A decadência moral de um personagem.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta:

- a) As asserções I e II são verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- b) As asserções I e II são verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são falsas.

# REFERÊNCIAS

---

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora 34, edição bilingue, 2005.

COMPARATO, D. **Da Criação ao Roteiro**. São Paulo: Editora Rocco, 1995.

FIELD, S. **Manual do roteiro**: os fundamentos do texto cinematográfico. São Paulo: Editora Objetiva, 2001.

MCKEE, R. **Story**: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro. São Paulo: Arte e Letra, 2017.

# GABARITO

---

1. Alternativa B. As afirmativas II e III focam em imagens, focam no visual filmado, e não são apenas descrições.
2. Alternativa D. I, II e III apenas. O *Senhor dos Anéis* é movida pelos "atos" de seus heróis e anti-heróis, os personagens são bem trabalhados, mas seus conflitos internos não são o que movimenta a história e o incidente incitante é a necessidade da destruição do Anel para proteger a Terra-Média.
3. Alternativa A. "*Joker*" é um filme *character-driven*, poderia ser considerada uma "jornada de vilão", pois é um filme de origem do personagem que conta como ele se tornou o vilão reconhecido, saindo de um lugar de vítima para indivíduo violento.



TEMA DE APRENDIZAGEM 2

# CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA: STORYTELLING

## MINHAS METAS

- Introduzir o conceito de storytelling.
- Aprofundar o panorama do desenvolvimento narrativo.
- Listar usos e contextos em que o storytelling é importante.
- Apresentar ferramentas para a produção de um storytelling.
- Explicar as principais ferramentas envolvidas no storytelling.
- Sugerir técnicas de storytelling.

## INICIE SUA JORNADA

Basicamente, storytelling é a habilidade de contar histórias, inclusive com recursos audiovisuais, e não apenas as palavras. E como poderemos adaptar essa afirmativa para caber no material que estudamos nesse curso, sobre Roteiro e Storytelling? Como torná-lo mais compreensível de forma pragmática, com exemplos, contextualização e também um panorama do desenvolvimento da “arte de contar histórias” em diferentes campos de estudo, trabalho e conjunturas diversas?

Para começar, falaremos do livro *Story*, de Robert McKee. O autor desse livro é considerado uma espécie de “guru dos roteiristas”. Robert McKee defende que, apesar de não existirem regras para a escrita, existem formas que funcionam há anos. Não há fórmula, mas há forma. E o que isso significa?

Dessa maneira, as histórias seriam, portanto, moldadas pela estrutura, isso é, conforme o desenvolvimento dos eventos, organizados estrategicamente para contar a história de uma personagem, expressar ideias para o público e trazer emoção para ele. O que define cada evento seria a presença de uma mudança significativa na vida de uma personagem, expressa e determinada em termos de valor. E o que é valor? Estudante, gostaria que você pensasse e refletisse sobre o significado da palavra “valor” para nós, roteiristas!

Lembre-se: uma narrativa não é só falar a história de um personagem, mas contar uma série de eventos importantes nos quais nós entendemos e nos sentimos identificados com aquele personagem. Eventos difíceis, catárticos, emocionantes... Os valores, seriam, portanto, as “qualidades universais da experiência humana”, sejam elas agradáveis ou desagradáveis, mas algo que nós podemos sempre nos identificar e sentirmo-nos representados.



### PLAY NO CONHECIMENTO

Estudante, aguardo você no podcast para conversarmos sobre conceitos de branded storytelling: o que é, como trabalhá-lo, quais são as ferramentas mais usadas para fazê-lo e como reconhecê-lo no mercado de marketing. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

## VAMOS RECORDAR?

Para recordar um pouco sobre storytelling, uma listagem de ferramentas e boas técnicas a serem usadas, eu recomendo esse vídeo que apresentará os conceitos refletidos acerca do bom storytelling. No vídeo, André Arcas fala sobre "contação de histórias" e métodos de storytelling de forma simples e rápida. Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=TgLVe8Qtu7E>.

# DESENVOLVA SEU POTENCIAL



## PENSANDO JUNTOS

O verdadeiro caráter é revelado nas escolhas que um ser humano faz sob pressão – quanto maior a pressão, mais profunda a revelação, mais verdadeira é a escolha da natureza essencial do personagem (MCKEE, 2017).

Para que possamos falar do caráter desses personagens e de suas jornadas pessoais, nos sentir representados por elas e emocionados, o que é preciso? A história precisa ter **conflitos**.

Quando nos referimos a palavra **conflito**, não estamos falando de brigas, ação ou conflitos no sentido mais simples da palavra, mas sim de forças antagônicas aos protagonistas, antagonistas, que enriquecem a história e tornam ela com um constante senso de evolução, ajudando com que a narrativa seja não apenas interessante por ter muita ação, mas também expresse mais sobre a personalidade dos protagonistas, quem são, no que acreditam e como superam dificuldades humanas que todos nós passamos.

Isso significa que toda história vai ter que ser uma história de superação? Não, mas que toda história vai tratar também de uma resolução de conflito. Segundo McKee (2017), é preciso dar grande importância a estrutura, pois:

A função da estrutura é fornecer pressões progressivamente crescentes, que obrigam o personagem a enfrentar dilemas cada vez mais desafiadores, arriscar-se em suas escolhas e tomar atitudes cada vez mais difíceis, revelando gradualmente sua verdadeira natureza (MCKEE, 2017).

É por isso que também falamos de jornada do herói e “jornada do vilão”. Não necessariamente a resolução do conflito significará um final feliz para o protagonista. Ele tanto poderá ter sucesso quanto falhar. E nem sempre o protagonista será um personagem mais “raso”, o clássico “mocinho”, mas pode muito bem ser um anti-herói ou um personagem complexo com mais camadas do que apenas um conjunto de características associadas à uma moral, por assim dizer, boa.

Nem todo “bom personagem” é bom, por assim dizer, e nem toda “resolução de conflito” é benéfica no sentido moral. Os conflitos precisam se resolver, em uma história, para que ela possa, simplesmente, caminhar. Dessa maneira, podemos compreender um pouco da natureza do storytelling: contar histórias que emocionem e que consigam comover o público, fazendo com que ele sinta identificação com o que é expressado na obra e se sinta representado pelas jornadas tratadas nela, trazendo alguma reflexão pessoal e insights. As histórias precisam resultar em catarse.

## VOCÊ SABE RESPONDER?

E o que é catarse?

Justamente essa possibilidade de promover uma resposta emocional do público que induza a uma reflexão significativa. A interpretação da arte é subjetiva, as respostas emocionais podem variar, mas o pior para a arte não é que não exista consenso interpretativo, mas sim **indiferença**. O bom contador de histórias envolve, convence, interessa o público para que ele continue a querer ficar até o final.

A história “ruim”, ou “fraca”, ou que infelizmente não teve o sucesso pretendido é aquela que não consegue fazer essa ponte entre artista e público, e o que a história queria expressar, na autoralidade do artista que a criou. Para evitar essa indiferença, temos de desenvolver bons personagens que terão de lidar com a superação de conflitos que seguem a seguinte lógica:

1. Expectativa.
2. Forças do Antagonismo.
3. Brecha.

Até o momento, já sabemos como funciona a construção de conflitos, mas tem muito mais recursos de storytelling para construção de narrativas que são importantes de tentarmos reconhecer.

Para tanto, podemos falar de eventos que devem ser destacados no decorrer da escrita de uma história, também pela construção narrativa pensada por Robert McKee. Três eventos precisam ser ressaltados.

### O INCIDENTE INCITANTE

O incidente que “perturba” o protagonista e o tira de sua rotina, movimentando a história.

### A CRISE

Significa uma série de mudanças apresentadas pelo incidente incitante que determinam o progresso do protagonista, suas escolhas e amadurecimento, ou até mesmo falta desse amadurecimento.

### O CLÍMAX

Mudança profunda e intensa para o protagonista que o público não teria como ficar indiferente. Costuma ser um momento muito relevante de catarse, portanto, quando tanto o protagonista quanto o público, identificado com o protagonista, chegam em emoções profundas e reflexões muito significativas.

Isso será escrito, na linguagem audiovisual do roteiro, cena a cena. As cenas progressivamente vão trazer pontos de virada, resultando em surpresas, reviravoltas, intensificação de curiosidade, enfim, mudanças para a história e para o protagonista. É por isso que Robert McKee também é um defensor de “**cenas com significado**”, dessa maneira, as cenas que parecerem que não contribuem para essas mudanças, que são a famosa “encheção de linguiça”, deveriam ser cortadas.

É importante lembrar que McKee defende que se tratando de arte e audiovisual não existem regras determinadas ou manuais tão rígidos. Não são fórmulas, são sugestões de formas que tendem a ter resultados positivos na reação do público e na interpretação e recepção das obras audiovisuais.

Isso significa que não necessariamente uma cena que não pareça muito explícita sobre porque ela significa uma progressão, um avanço ou um amadurecimento da história e do personagem deve ser cortada. Ela pode sim ser mantida, não só pode como muitas vezes deveria, principalmente se traduzir muito da autoralidade, estilo e gosto do autor.

Lembre-se também do “*show, don't tell*”. Em tradução direta, o “mostre, não conte”. Nem tudo é expositivo, e há muito dito no subentendido. Dessa maneira, as cenas mais metafóricas, que sejam pensadas com alegorias, traduções visuais de sentimentos, podem muito bem serem ferramentas de “contação de histórias” com progressão, ritmo e amadurecimento dos personagens e também da narrativa, e, portanto, não devem ser deixadas de lado ou menosprezadas.



Se estamos falando de storytelling e ferramentas do storytelling, é importante dizer também que a “contação de histórias” não se restringe ao cinema, séries, animações, novelas, seriados e as manifestações de arte audiovisual mais tradicionais. O storytelling é usado para produzir roteiros de videogames, conteúdo institucional, programas de variedades e também conteúdo publicitário, de marketing, como histórias sobre uma marca.

É importante escrevermos de *branded* storytelling. Designers, ilustradores e outras profissões criativas não irão trabalhar necessariamente apenas com animações, videogames e formatos artísticos audiovisuais, mas podem muito bem entrar para times corporativos de empresas, e, para isso, seria muito positivo saber reconhecer o que é *branded content*, suas funcionalidades e ferramentas.

A área de marketing, conteúdo publicitário para internet e temas relacionados tem uma amálgama considerável de oportunidades para designers trabalharem, e se você consegue entender ou ao menos reconhecer o processo de criação de uma identidade de marca, seus valores, perspectiva histórica, personagens principais e mais ferramentas de storytelling usadas por empresas para traduzir as histórias que querem trazer ao público, que querem que sejam reconhecidas, isso significa que, no momento de entrar na produção de identidade visual e criação dessa estrutura enquanto designer, você também está em uma vantagem estratégica, pois você já entendeu qual é a mensagem principal que essa empresa quer passar.

O storytelling é uma ferramenta que serve não apenas para ser instrumento de entretenimento e da arte, mas também pode ser muito influente no momento de estratégias de venda, para reforçar o motivo de alguém escolher comprar uma marca e não outra. Isso também pode servir para definir qual história “fideliza o cliente”, o que falamos antes de entreter o público e também comover. Se a história não convence, não emociona, é possível dizer que, sim, você perderia o público. É algo defendido por James McSill no livro *5 Lições do Storytelling: fatos, ficção e fantasia*. Para isso, é justo refrescar a ideia apresentada pelo autor:

Por séculos, as histórias têm sido utilizadas como ferramentas para ensinar, informar, entreter, reforçar crenças e influenciar. Atualmente, isso é chamado de “fidelizar o cliente”. Desde então, quem contou a melhor história provavelmente saiu vencedor (MCSILL, 2017).


Sobre storytelling, também é importante falarmos da obra *O Guia Completo do Storytelling*, de Fernando Palacios e Martha Terenzzo, em que os autores compreendem a tendência de crescimento do storytelling e aprendizado de escrita criativa em funcionalidade com o aumento do uso da internet, expansão das redes sociais e outras modificações na forma com que nos comunicamos uns com os outros e usamos mídias para nos expressar, produzir e consumir conteúdo.

Para Palacios (2016), o tema Storytelling tem ganhado destaque nos últimos anos, tornando-se uma tendência no mundo dos negócios desde o início de 2006, justamente quando a banda larga cresceu no Brasil. O assunto passou a ser abordado em livros por diversos autores renomados, abrangendo áreas que vão desde a neurociência até a psicologia, e da inovação à liderança. Empresas consultoras de tendências previam algumas das mudanças que estavam por vir. E, como previsto, cinco anos depois, em 2011, tornou-se o tema principal em Cannes Lions, o maior festival publicitário mundial.

Essa evolução do tema dentro das organizações auxilia os executivos a otimizarem seus principais atributos: liderança, engajamento e disseminação de cultura e valores. Além disso, para as marcas, não se trata mais apenas de desenvolver uma boa campanha de comunicação, mas sim de transformar a história da marca em um verdadeiro universo criativo, desenvolvendo conteúdo autoral e transformando investimento em ganhos financeiros.

Compreendido que o storytelling não é apenas uma ferramenta para a arte e expressão, é também uma funcionalidade muito visada no mercado de trabalho, é importante para designers, roteiristas e outros profissionais dos meios de comunicação e da arte que tenham um melhor conhecimento sobre o tema, tendo em vista que a sua tendência é de otimização, especialização e crescimento.

Dessa maneira, quem conseguir perceber padrões técnicos de construção de narrativas, técnicas de escrita e desenvolvimento de textos pode estar com mais fluência e fluidez em seu próprio trabalho, seja ele relacionado com a escrita criativa ou não. Como escrito, roteiristas, escritores, ilustradores, artistas e até mesmo empreendedores, hoje em dia, todos os criadores de conteúdo e parceiros teriam ganhos em saber reconhecer ferramentas de storytelling e utilizá-las em seus respectivos empregos.

A person is seen from behind, sitting in a dimly lit room. They are watching a large screen displaying a medieval battle scene with soldiers and a fire in the background. To the left of the screen is a black lamp with a white shade. In the foreground, a glass bowl of popcorn is visible on a surface. The room has a stone wall on the left and a blue wall on the right.

O marketing tradicional costumava abordar a gestão da marca seguindo etapas básicas, nas quais era possível gerenciar o processo com relativo sucesso. No entanto, esse modelo tradicional já não é mais eficaz, e na prática, não há mais um único modelo a seguir. Agora, toda marca é comunitária e não pertence apenas à empresa, mas sim a todos os seus públicos de interesse. Por outro lado, editoras, estúdios de cinema, canais de TV e casas de show, assim como as obras que veiculam e seus autores, são todos considerados marcas. Cada livro de ficção disputa espaço nas livrarias e cada filme concorre pela quantidade de salas de exibição. O Storytelling entra no contexto atual como um elemento que pode auxiliar na disseminação de uma ideia, na construção de uma marca ou no impulso das vendas com mais eficiência, conquistando o público por meio da emoção (PALACIOS, 2016).

Isso, lógico, é uma perspectiva não apenas recente, como parte da nossa história, da nossa sociedade. Se as histórias, na interpretação de Robert McKee (2017), seguem estruturas narrativas, e essas estruturas narrativas existem há séculos e em diferentes culturas, de diferentes origens e conjunturas, então isso significa que existe um movimento de contar histórias desde que as sociedades se organizaram.

Além de transmitir conhecimento, o Storytelling desempenha um papel de extrema importância em nossa formação psicológica: as histórias contribuíam para a formação da identidade tribal. Elas atribuíam significado a algo que era compreendido dentro de um contexto, estabelecendo relações de causa e efeito. Dessa forma, compreendíamos o que era permitido ou proibido, os perigos da época relacionados às nossas atitudes (PALACIOS, 2016).

Saber ferramentas e técnicas de storytelling, será, portanto, um diferencial para qualquer profissional, seja ele mesmo da escrita criativa ou de outros ramos do mercado de trabalho.

## DICAS PARA O BOM STORYTELLING

É o momento de trabalhar como podemos usar o storytelling com mais eficácia em alguns passos relevantes.

### Audiência atenta

Uma audiência atenta é fundamental para saber se o storytelling está funcionando. Leve a atenção a sério, pois é importante que você saiba que a sua audiência não pode perder o foco. O que isso significa? Como falam Fernando Palacios e Martha Terenzio em *O Guia Completo do Storytelling*, um “livro de literatura pode falar sobre 'leitores', um auditório de cinema pode chamar seus espectadores de 'audiência'. Se você está consumindo alguma coisa você está atento”.

Isso é o poder de imersão. Você precisa reparar se a pessoa que lê, recebe ou escuta sua história, da forma como ela está sendo contada, está prestando atenção. Caso contrário, você precisa mudar algo. Seja na estética da história, no seu jeito de contá-la, nos personagens. **É preciso fugir da indiferença.**

## Verdade na história

É necessário apresentar a verdade, a honestidade na sua história, mesmo que você esteja contando uma ficção. Isso não significa que você não possa inventar ou não possa criar. Isso significa que é recomendado que você tente, por exemplo, contar uma história a partir de uma verdade, ou algo que você concorde, que você tenha experimentado parecido e queira mostrar e compartilhar. É sugerido que você “escreva sobre o que você conhece” porque o público não é tolo, e pode reparar se estiver sendo enganado. Principalmente quando se fala em histórias relacionadas à publicidade.

No livro *O Guia Completo do Storytelling*, de Fernando Palacios e Martha Terenzzo, os autores discutem casos de publicidade que tiveram repercussões negativas por apresentarem “verdades suavizadas” ou mentiras que pareciam apropriadas. Em 2014, um artigo da revista *Exame* revelou que uma marca brasileira de sorvetes muito conhecida utilizava “falsas biografias”, ou seja, histórias pessoais misturadas com elementos de ficção para promover seus produtos. Isso gerou problemas, pois contradizia parte da identidade e dos valores da marca.

Quando associamos uma história familiar a uma marca, não gostaríamos que ela fosse falsa, correto? Segundo Fernando Palacios e Martha Terenzzo, a jornalista Ana Luiza Leal investigou o caso e a revelação ganhou destaque com a publicação do artigo *Toda empresa tem que ter uma boa história*. Algumas são mentira, tornando-se referência para muitos veículos de comunicação e negócios. Isso resultou na denúncia da empresa ao Conar, e o conselho recomendou que a marca alterasse a comunicação de sua história, indicando ser uma narrativa ficcional.

A empresa acatou a decisão do Conar e mudou alguns personagens e o caso serviu como lição para o mercado. Como disseram Fernando Palacios e Martha Terenzzo: “Durante quatro anos os donos da marca contavam uma história que não era verdadeira. Mentira é mentira, publicidade é publicidade”. Por isso, é importante sinalizar o que é ficção e o que não é ficção sempre.

Não há dúvidas de que os profissionais por vezes exageram em suas histórias, assim como algumas marcas foram longe demais ao inventar histórias. Da mesma forma, alguns críticos também extrapolaram ao confundir os conceitos de pseudo-história (quando uma marca inventa uma ficção e diz que é real) com Storytelling (quando uma marca conta uma história), e até mesmo com DOC (denominação de origem controlada). O grande problema dos críticos acaba sendo a ausência de um contraponto (PALACIOS, 2016).

Mesmo que se pense sobre a citação relacionada, e a crítica não colabore, ela mesma fazendo suposições sobre conceitos diferentes, por vezes é mais fácil ir pelo seguro. Pense que ficção não é realidade e o seu público sabe disso, não menospreze a inteligência de quem decidiu acompanhar a história que você escolheu contar.

## Conte algo que é de pessoa para pessoas

Também fazendo uso do que ensinam e defendem Fernando Palacios e Martha Terrenzo (2016), é relevante saber que o público associa nas histórias o uso da memória e da imaginação para interpretar o que você fala, e também reparará se existe alguma representatividade no que você está contando, algo que sinta que os representa.

Assim, temos duas principais fontes para o Storytelling: **a memória e a imaginação**. Outro vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, Ernest Hemingway, afirma que nenhum tema é terrível se a história é verdadeira, se a prosa é clara e honesta, e se demonstra coragem e graça sob pressão. Esse é o ponto crucial da relação entre realidade e ficção. Devemos lembrar que as histórias sempre giram em torno de pessoas. São histórias de pessoas para pessoas.

A história do seu personagem tem, no mínimo, que soar como verdadeira. Para isso, é bom, sim, escrever sobre algo que você conhece, que você concorda ou sente parecido. Isso não é um “*self-insert*”, uma autoinserção de você mesmo na história, mas uma representação de algo que é verdade para você.

## VOCÊ SABE RESPONDER?

Vamos supor que você se divorciou e foi difícil superar o fim desse casamento. Você não poderia usar essa superação como fonte de inspiração para escrever a história de um personagem que passou por um término doloroso?

Sim, poderia. É importante ter um conhecimento sobre si mesmo profundo, sobre o que é ético, o que tem valor para você, antes de escrever sobre algo que você quer que os outros vejam valor. Um escritor, um autor ou um profissional criativo que não consegue entender de onde surgem suas inspirações, no que acredita e o que defende pode muito bem incorrer em criações superficiais, que não resultam no envolvimento do seu público, mas no tédio, por essa falta que suas histórias teriam: você não pode deixar de mostrar sentimento. Sem medo de ser cafona, clichê ou ridículo. É mais importante soar verdadeiro do que soar original, para uma boa história ser contada.

Não tenha medo de se expor, e não tente se esconder. Tem algo de muito bonito quando de fato conseguimos fazer uma ponte entre artista e público, criador e público. É bom para você, enquanto autor, e é bom para o público, que se sentirá contemplado e representado. Pense em alimentar o que há de generoso e sincero por esse vínculo, nutra essa verdade com muito carinho, e será muito benéfico.

## A evolução de uma ideia

Pense em evoluir uma ideia e deixar o público refletir e interpretar, a liberdade é dele para isso. Seja essa ideia de entretenimento, de reflexão, de crítica e de emoção. Já compreendemos que as narrativas servem para contar histórias, fábulas, verdades, transmitir uma moral, fazer críticas sociais. Como diriam Fernando Palacios e Martha Terenzio (2016), mais uma vez relacionando sua obra sobre storytelling com dicas para aprimorar a sua maneira de “contar histórias” e aprender mais sobre essa atividade.

As narrativas surgiram como uma maneira de preservar, transmitir e, acima de tudo, acumular os aprendizados mais importantes ao longo das gerações. Inventamos as histórias justamente para evitar ter que “reinventar a roda”. Nesse sentido, o Storytelling pode ser considerado uma forma de evolução externa ao corpo, pertencente ao plano do pensamento.

Como diz o ditado popular: “quem conta um conto, aumenta um ponto”. As histórias se expandem e se adaptam para abrigar e desenvolver ideias. O objetivo principal do storytelling era perpetuar descobertas. Mesmo após a invenção da escrita e da capacidade de registrar informações, as histórias continuaram a ser contadas e esse propósito educativo perdurou.



É claro que tem uma diferença relevante entre ser didático e escrever uma história entediante. Já falamos da importância de manter sua audiência atenta, e uma história sem conflitos, sem movimento e sem carisma será realmente mais parada, sem graça, por isso não se deve esquecer de manter sua história uma boa fonte de entretenimento de quem está acompanhando o que você transmite e comunica.

Mais um pensamento importante sobre esse assunto é o que Fernando Palacios e Martha Terenzzo (2016) discorrem, indicando que alguns autores levam em consideração o impacto emocional que uma narrativa pode provocar. Afinal, quem nunca saiu do cinema com um nó na garganta? Ou riu tanto ao ponto de chorar? O cineasta Alfred Hitchcock, conhecido como o mestre do suspense, sempre enfatizou em suas palestras que a função de um filme é evocar uma experiência emocional. Ele costumava dizer que apreciava ver a plateia gritando, pois “as pessoas pagam para serem assustadas, da mesma forma que vão a uma montanha-russa na Disney”.

Existem ainda os autores que vão enfocar o poder de argumentar sem ter que racionalizar, uma vez que tudo o que o autor faz é contar uma história e depois deixar que a audiência decida por conta própria o que fazer com essa informação. Quem assiste a seriados modernos sabe que é difícil decidir se o protagonista é “bonzinho ou malvado”. Veja casos como *Dexter*, *Dr. House*, *The Walking Dead* e até mesmo os vilões de algumas novelas, como a Carminha, da novela *Avenida Brasil*. Tente julgar se o personagem da história está certo ou errado?

Você vai ver que o veredito é difícil porque existem áreas cinzentas e incertas. Cada vez mais os roteiristas e diretores evitam delinear todas as respostas e deixam para a audiência refletir.

Quando vamos para a prática corporativa, as definições ficam ainda mais complicadas. Muitos autores consideram o storytelling — escrito assim, inteiramente em caixa baixa — como uma ferramenta para marcas e negócios. Há os que focam no storytelling como o registro de relatos de histórias de um determinado público. Existem estudiosos especializados em narrativas como forma de aperfeiçoar a comunicação. Finalmente, muitas empresas gostam de dizer que “fizeram um storytelling” porque soa bem nos releases para imprensa.

Por isso, não subestime as pessoas que estão naquele momento escutando e acompanhando sua história, elas são capazes de chegar sozinhas nas próprias conclusões. E como falamos, para a arte, existem interpretações diversas. A subjetividade não é um caminho único, e muitas pessoas podem interpretar uma mesma informação de forma diferente, em conformidade com o que elas sentem, experimentam e defendem por si próprias, em suas particularidades e reflexões.

Portanto, seja generoso com o seu público e aceite que ele possa divergir entre si e até de você, como autor e criador de um produto artístico. Isso só não é bom, claro, quando estamos tentando comunicar algo não fictício, uma mensagem clara, específica e direta. Aí é relevante que não existam ruídos de comunicação entre você e quem recebe a mensagem.

 **EM FOCO**

Acesse a videoaula para ter mais informações e conhecimentos sobre os assuntos pertinentes a este tema. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

## NOVOS DESAFIOS

Chegamos a um momento de conclusão da aula. Depois de nos depararmos com conteúdo sobre storytelling, tanto no que se refere ao trabalho de escrita criativa, storytelling artístico, como ao mercado digital, marketing, storytelling de conteúdo para internet, empreendedorismo e todos os assuntos já relacionados, é o momento de pensarmos em como aplicar todos esses conceitos, sugestões e dicas de forma pragmática.

Podemos chegar à resposta sobre o que é valor. O valor, na criação de uma marca, no contexto do *brand* storytelling, refere-se à capacidade da marca de transmitir significado, propósito e conexão emocional aos seus clientes. Esse valor vai além do produto ou serviço oferecido e se baseia na narrativa que a marca constrói em torno de sua identidade, valores e missão. O *brand* storytelling busca criar uma experiência envolvente e autêntica para os consumidores, conectando-os de forma emocional e construindo lealdade à marca. Ao comunicar sua história de maneira convincente, uma marca pode diferenciar-se da concorrência e criar um vínculo duradouro com seu público-alvo.

Sabendo disso, você se diria preparado para contar uma história? Vamos supor que, enquanto designer, você precisa vender a estética com que você produz uma linha de fontes, o design de *lettering* para conteúdo digital. Se você fizesse um *pitching* do seu estilo, que história você contaria? Qual seria a história que está por trás do seu gosto estético? Por que aquele estilo de letras é mais atraente? Por que alguém deveria concordar com você ou poderia concordar? E, se discordar, como você poderia trazer um ponto de vista diferente para essa pessoa? Você acha que seria capaz de discorrer com alguém sobre essa sua escolha e explicar suas preferências? Talvez, até mesmo, atrelar algo maior da sua sensibilidade, não só o seu gosto.

Para pensar nessa situação imaginária, podemos sugerir o uso de uma estrutura de escrita e aprimoramento da sua qualidade de profissional “contador de histórias” e criador de conteúdo, estrutura essa tergiversada por Robert McKee em *Story*, livro que já falamos algumas vezes durante este tema.

Siga as sugestões de McKee para organizar sua rotina criativa e poder responder as perguntas feitas aqui:

#### FAÇA UMA *STEP-OUTLINE*

Isso significa organizar sua história em tópicos, do começo até o clímax e o final.

#### REESCREVA O *STEP-OUTLINE*

Isso significa ir do final para o começo, você faz o caminho reverso, saindo do clímax para o incidente incitante do início da jornada, do trajeto da sua história.

#### CONTE SUA HISTÓRIA

Procure uma pessoa para quem você possa contar sua história, em uma conversa, de forma despreocupada mas descrevendo sua história. Assim, perceba se funciona.

## ARGUMENTO E RASCUNHO

Em algumas próximas aulas trabalharemos a estrutura do argumento, mas seria interessante fazer um rascunho da história, montando de forma também despreziosa as cenas. Escreva um pouco das ações dos personagens, desenvolva os conflitos...

## FAÇA A PRIMEIRA VERSÃO FINAL

Não estamos falando de um roteiro mesmo, mas de uma história montada com início, meio e fim. Se você conseguir organizar seus pensamentos e contar uma história com base nas perguntas sugeridas em aula, redonda e que se feche bem, parabéns, você já contou uma história e progrediu.

Lembre-se de que todos somos contadores de histórias, escritores ou não, profissionais criativos ou não, designers ou não. E, como contadores de histórias, nos encontraremos pelo caminho de nossas jornadas, enquanto nossos trajetos nos permitirem nos aproximar e comunicar nossas sensibilidades, verdades, reflexões e particularidades.

Na apresentação do livro *Como se encontrar na escrita: o caminho para despertar a escrita afetuosa em você*, publicado em 2018, a autora Ana Holanda defende:

Escrever, para mim, se transformou numa experiência amorosa, humana em sua essência. hoje eu não posso mudar políticas, mas posso transformar a vida das pessoas pelas palavras. Quando isso acontece, a mudança acontece também. E o mundo precisa mais disso. Que a gente siga se encontrando e se reconhecendo na palavra, nestas páginas, neste livro, pela vida afora.

O importante é que você não se limite e acredite em si mesmo enquanto artista. Ame sua história e se empodere dela. Sim, você também é um comunicador, você também tem potência criativa. Cuide dela e acredite nela, e em você mesmo.

# AUTOATIVIDADE

---

1. Toda história tem lacunas. Na vida real, existem anos que passam em branco, em que nada acontece ou em que as coisas não saem como foram planejadas.

Na criação de uma narrativa, esses momentos tendem a ser apagados. Afinal, não têm nada de interessante, não é? Porém, quando você retomar os fatos da história da marca, é importante identificar essas lacunas, que podem guardar momentos interessantes. Muitas vezes, é dali que surge a motivação para as mudanças na empresa que levam ao seu sucesso". Saber quais são as lacunas de uma marca, pode ser muito importante para o *branded storytelling*, e isso acontece por algum motivo.

- a) As lacunas precisam ser resolvidas.
  - b) As lacunas da história de uma marca dão motivação para que a marca tenha uma jornada a resolver, uma meta a conseguir. Algo para corrigir.
  - c) As lacunas são problemáticas.
  - d) Não é aceitável que existam lacunas de *storytelling*.
  - e) Não se fala em lacunas quando falamos em *branded storytelling*.
2. O bom contador de histórias deve ser capaz de trazer identificação ao público, emocionar e envolver quem recebe sua mensagem e arte. Dessa forma, não é ruim que uma mensagem tenha interpretações diferentes e mais subjetivas, contanto que emociona o público. Para contar uma boa história, é preciso que o público sinta identificação com seus personagens e se emocione com a narrativa, não sendo tão importante a interpretação da mensagem da obra audiovisual, escrita, e da arte em si, mas sim que ela resulte em uma catarse, uma resposta emocional. Dessa maneira, o que deve ser evitado ao se montar uma narrativa é que a resposta do público seja:
    - a) De revolta.
    - b) De indiferença.
    - c) De tristeza.
    - d) De felicidade.
    - e) De desgosto.

# AUTOATIVIDADE

---

3. Para Robert McKee (2017), três eventos base precisam ser ressaltados ao se falar de evitar a indiferença do público e escrever bons conflitos narrativos que depois se resolvem conforme a história continua seu trajeto. Quais são os três eventos, para Robert McKee (2017), que precisam ser trabalhados para que o escritor monte a superação de conflitos?

I - Expectativa.

II - Forças do Antagonismo.

III - Brecha.

IV - Reviravolta.

É correto o que se afirma em:

- a) I, apenas.
- b) II e IV, apenas.
- c) III e IV, apenas.
- d) I, II e III, apenas.
- e) I, II, III e IV.

# REFERÊNCIAS

---

MCKEE, R. **Story**: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro. São Paulo: Arte e Letra, 2017.

MCSILL, J. **5 Lições de Storytelling**: o Best Seller. São Paulo: DVS Editora, 2017.

PALACIOS, F.; TERENCEZZO, M. **O Guia Completo do Storytelling**. São Paulo: Alta Books, 2016.

COMPARATO, D. **Da Criação ao Roteiro**. São Paulo: Editora Rocco, 1995.

# GABARITO

---

1. Alternativa B. As lacunas na história de uma marca dão motivação para que a marca tenha uma jornada a resolver. Podem ajudá-la a ser mais humanizada e resultar em mais identificação com seu público-alvo, que pode receber essa lacuna e falta como uma prova de que a marca é feita por pessoas reais para pessoas reais, que também são passíveis de melhoria, autossuperação e outras experiências humanas que as pessoas se sentem representadas.
2. Alternativa B. Já que as boas histórias são as capazes de emocionar e resultar em envolvimento do público, o mais importante não é que a resposta seja necessariamente unânime, consensual, afinal, arte é subjetiva. E o gosto do público também. O mais importante é que a história não cause uma reação de indiferença, pois isso significaria que a ponte entre a expressão do artista e de sua arte e o público não foi feita, e o público não se sentiu comovido por aquela obra, portanto.
3. Alternativa D. É correto o que se afirma em I, II, e III, o conflito começa com uma expectativa, com o personagem tendo que resolvê-lo, ele tem de lidar com as forças antagonistas que o impedem de resolvê-lo até que ele ache uma brecha para conseguir a resolução dessa situação complicada.



TEMA DE APRENDIZAGEM 3

# TEMA E ENREDO

## MINHAS METAS

- Introduzir o conceito de tema.
- Apresentar o conceito de enredo.
- Desenvolver sobre as subdivisões narrativas, referenciando as peças.
- Entender sobre planejamento de enredo.
- Diferenciar enredo de outros conceitos da narrativa.
- Sugerir o estudo de técnicas de escrita criativa.
- Desenvolver os conceitos relacionados com enredo, narrativa e escrita criativa.

## INICIE SUA JORNADA

Vamos começar com uma pergunta: você não vai contar uma história sem motivo, certo? Por exemplo, se você já entendeu que as histórias são motivadas por sentimentos, experiências, vivências, eventos e momentos da vida humana, seja em um nível muito particular ou mais coletivo, você entende que elas existem por um motivo preexistente.

As pessoas que criam histórias para contar o que viveram, seja porque querem superar algum momento difícil, uma dor, e transformá-la em arte e algo que ajude outras pessoas, sejam pessoas que querem alertar outras pessoas para evitar que elas cometam algo que as complique, algum erro, alguma decisão ruim que vá atrapalhá-las, seja alguém que quer sugerir alternativas, soluções e orientações para outras pessoas. Histórias são pessoais, e são de pessoa para pessoa.

Se histórias são de pessoa para pessoa e você tem um motivo particular para contar uma história, qualquer que seja ele, tente reconhecê-lo. Você quer contar uma história que envolve algo difícil que você viveu e superou? Um término de relacionamento, a separação dos seus pais, a superação de uma doença ou de uma perda. O que te motiva a contar essa história? Quero que tire um minuto para pensar sobre e responda esse meu questionamento em algumas linhas de produção textual.

Talvez, você queira compartilhar algo que você aprendeu, seja vivendo um momento difícil por uma má decisão tomada; você usará os personagens como analogias do que você viveu ou do que alguém que você conhece ou leu sobre viveu, e ensinar o público algo com isso. Não de uma forma arrogante, opressora, mas estimulando a imaginação do público e sua reflexão própria. Você pode escrever desde algo próximo a uma fábula até uma história com diversas morais, e nem todas fáceis de interpretar, abertas a muitas conclusões diferentes.



### PLAY NO CONHECIMENTO

Aqui, vamos trabalhar estilo e estética autoral. Como compreender qual é o tema que você deseja falar? Que enredo você vai criar a partir disso? E a premissa central de sua história? Essas e mais perguntas serão respondidas no podcast, bem como o entendimento sobre a forma de uma história, e as técnicas de criação relacionadas a isso. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

## VAMOS RECORDAR?

Eu recomendo que você assista a esse vídeo, que aborda muito bem e de forma simples o conceito de alegoria, pois vai ser muito importante para os seus estudos e aprofundamento deste tema. Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=uN3egPpy1TQ>.

## DESENVOLVA SEU POTENCIAL

Neste tema de aprendizagem, vamos trabalhar a diferença entre tema e enredo, conceitos importantes para discutirmos um desenvolvimento de uma história. Porém, primeiro, é importante pensarmos sobre o ato de contar histórias: todos podem ser contadores de histórias, já que todos os seres humanos são dotados de experiências, vivências e sentimentos que eles podem traduzir em histórias das mais literais e simples às mais metafóricas e complexas.

É importante reconhecer o papel das histórias na união, na representação de um imaginário compartilhado, de arquétipos e de sentimentos comuns às pessoas em diferentes épocas e situações. As histórias refletem as tribulações e dificuldades enfrentadas pelas pessoas, mas também celebram os bons momentos e as alegrias. Compartilhar conselhos para superar e aprender com os momentos difíceis da vida, assim como compartilhar alegrias, sucessos e vitórias, inclusive oferecendo orientações para aproveitar esses momentos positivos, tudo isso é contemplado pela arte da contação de histórias.



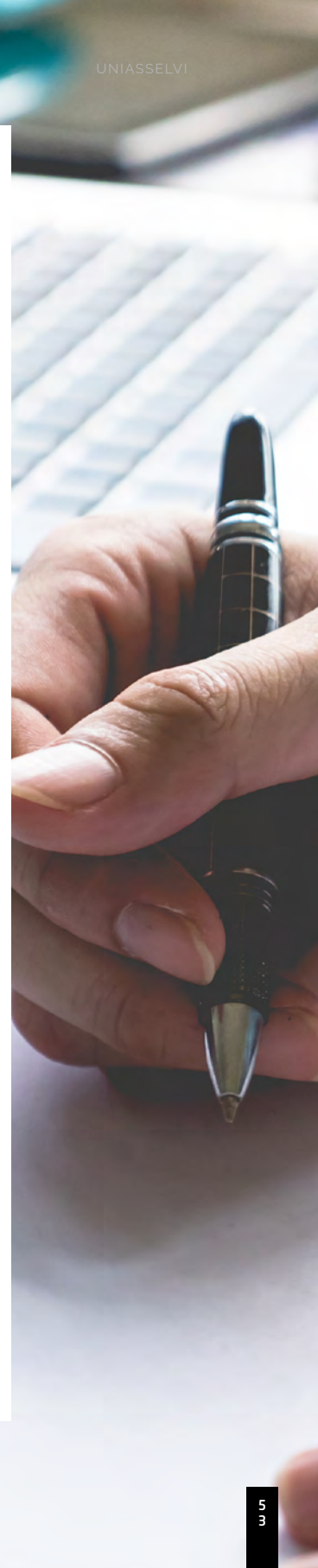
Para isso, pensamos em fábulas, histórias orientadas por uma moral, um senso de advertência, os “*cautionary tales*”, em tradução direta: “contos preventivos”, e também as histórias autobiográficas, semibiográficas ou usadas para trabalhar algum trauma, emoção difícil e sofrimento particular e torná-la arte, representando sua dor e dando a ela mais leveza. Também, com isso, o autor pode construir a ponte com o público, pois algumas experiências humanas podem ser compartilhadas: por exemplo, uma pessoa que vivenciou uma separação dos pais e teve dificuldades de adaptação. Quantas pessoas também não têm pais separados?

Alguém que escreva uma boa e interessante história que fale de uma separação de pais de um personagem pode tocar outras pessoas que viveram algo parecido. Ou, mesmo as que não viveram, podem reconhecer a dor de alguém que conhecem que viveu algo parecido, e assim por diante. O importante é reconhecer, assim, que as histórias falam sempre sobre a nossa humanidade.

Nossos lados bons, nossos lados difíceis, complexos. Nossas experiências e sentimentos. Simultaneamente muito particulares, mas também compartilhadas, já que vivemos em sociedade e somos pessoas que trocam umas com as outras, convivem, criam vínculos, se aproximam e amam umas às outras.

Dessa maneira, compreendendo que para contar uma história, escrever uma, montar um roteiro, ou definir o storytelling de um projeto, você vai precisar entender formatos de estrutura narrativa e também precisará entender os blocos, os detalhes e compostos da estrutura narrativa. Dois deles, muito importantes, serão trabalhados nesse momento.

Para isso, temos de começar a falar do que é **tema** de um roteiro, narrativa ou história e o que seria o **enredo** de



um roteiro, narrativa ou história. Diferenciá-los de uma maneira mais suave e menos aprofundada, e depois falarmos de outras subdivisões e composições importantes que fazem parte do estudo de escrita criativa, de como pensar em narrativas para montá-las de maneira mais eficaz e eficiente.

Pensar em regras na escrita criativa, no desenvolvimento de histórias e imaginar roteiros não é uma boa ideia. É preciso deixar a imaginação fluir e encontrar sua própria voz para se tornar um autor mais fluido, consciente de suas intenções e das intenções por trás de sua própria história, sua trama, seus personagens. Não ter essa vinculação emocional e fluência da sua história te atrapalha enquanto autor, pois a chance de torná-la mais rasa e menos comovente é maior por isso. Lembramos: é importante não ter medo de ser emotivo, de ser pessoal com a sua história. As pessoas não procuram impessoalidade ao escutar uma história, elas procuram conexão emocional e sinceridade. Muito relevante não esquecer disso.

Mas voltando ao assunto, já podemos pressupor o que significa a classificação de “**tema**” na sua história. Ele é a ideia central, o que já sugerimos quando falamos de histórias em torno da separação dos pais, superação de um término, de um evento vivido que foi doloroso. Citando o post do ano de 2019, escrito por Jaqueline M. Souza, autora e também roteirista, responsável por trabalhar a escrita de um post relacionado a tema e roteiro no blog *Tertúlia Narrativa*, em trecho que poderemos ressaltar:



Tema é parte do todo que organiza a história e a comunica ao público. A questão que a sua trama explora e debate. Muitas vezes podemos pensar que não são todos os filmes que trabalham com temas, mas observe atentamente, qualquer bom filme, mesmo os mais comerciais e encontrará lá, em graus maiores ou menores de sutileza, uma questão temática sendo explorada. Tema é a unidade que conecta tudo em uma história. Tema é o princípio organizador por trás da história, é ele que determina o que deve ser incluso e o que deve ser deixado de fora. É o tema que ajuda no desenvolvimento dos personagens, na escolha dos locais onde a história se passa, na criação de situações que os personagens irão enfrentar, na resolução dos conflitos etc. Tudo focando em um propósito maior, conseguir criar uma mensagem, um significado para sua trama (SOUZA, 2019, on-line).

Dessa leitura, também é transmitida uma citação do autor Karl Iglesias, da qual retiraremos um trecho de muita relevância:



Pode-se dizer, então, que as histórias são nossas metáforas para a vida, nossas plantas para viver e o tema em particular é a verdade específica sobre a experiência humana que o escritor deseja transmitir a uma audiência. É a mensagem, a moral, o significado da sua história, a razão de sua existência além de ganhar dinheiro. O tema é, portanto, o que torna sua história universal e, portanto, emocionalmente significativa (IGLESIAS *apud* SOUZA, 2019, on-line).

Tal como Jacqueline M. Souza, também podemos citar Robert McKee, que, em seu livro indica que contar uma história é uma expressão criativa da verdade. Uma história é a manifestação viva de uma ideia, a transformação da ideia em ação. A sequência de eventos de uma história é o meio pelo qual se expressa e comprova a ideia, sem necessidade de explicações. Os grandes contadores de histórias nunca explicam. Eles realizam a tarefa dolorosa e criativa de dramatizar.

Por exemplo, o tema maior de *O Senhor dos Anéis*, a famosa trilogia de livros e filmes de fantasia escrita por J. R. R. Tolkien e adaptada ao cinema, por Peter Jackson. É composto de tema e muitos subtemas. E qual seria o tema central de *O Senhor dos Anéis*? A superação de um grande mal por meio da união, do amor, e da amizade e generosidade entre pessoas. Nesses subtemas, falamos de muitas questões humanas: ganância, poder, corrupção, preconceitos raciais entre povos.

Mas todos eles existem porque existe um motivo central: a destruição do Um Anel para que os povos livres da Terra-Média possam viver em paz. Essa superação, esse épico da literatura de fantasia nos ensina continuamente que são as decisões feitas por amor, por amizade, por altruísmo e por gentileza e coragem que nos permitem seguir em frente, amadurecer, nos tornar mais fortes e sobreviver a grandes males e momentos terríveis de nossas vidas. Todos temos um Anel para derrotar: uma doença, um sofrimento particular, uma grande perda, uma dificuldade que parece muito difícil de lidar.

Muitas vezes, as respostas para lidar com essas dificuldades, solucioná-las ou torná-las mais fáceis de aguentar e resolver são justamente as mesmas que os personagens de *O Senhor dos Anéis* vivem: procurar nossa rede de apoio e afeto, olhar com carinho, paciência e empatia para o outro e para a dor do outro, procurar ajuda se necessário, termos humildade perante a vida, os outros e nós mesmos, descobrir nossa própria coragem, amadurecer, ouvir o ponto de vista alheio, deixar para trás antigos preconceitos, enfim. Foi o que já ressaltamos: os temas das histórias são particulares, mas também são relacionáveis.

Mas e o **enredo**? Já estamos no momento de falar dele? Sim! O enredo é uma composição da narrativa mais técnica, porque ele é caracterizado por uma

**lista de conflitos**, que fazem parte da premissa de uma narrativa. A premissa é uma descrição geral da história, e um fator-chave é a sugestão do conflito ou da série de conflitos que conduzirão seu enredo.

A premissa de *O Senhor dos Anéis* é a necessidade do Anel ser destruído, e essa missão é incumbida a ninguém menos do que Frodo Bolseiro, que herdou o Anel de seu tio, Bilbo. De repente, Frodo vê que sua vida pacata muda e ele precisa ir em uma jornada do bem contra

o mal para salvar a Terra-Média. Já o **enredo** de *O Senhor dos Anéis* é composto por todos os diversos conflitos desse épico que se desenrolaram a partir da premissa. Desde os conflitos de outros personagens que interagem com o Frodo, até sua evolução, amadurecimento, momentos de complexidade em que seu caráter e decisões são testadas. Isso faz parte do enredo, como já falamos.



Dessa forma, o enredo é a estrutura que alinha os eventos, fazendo com que eles sigam uma relação de causa e efeito pensando em uma possibilidade de intenção de aumentar e dar mais emoção aos conflitos.

## ALEGORIA

Um assunto que foi começado no podcast e pode ser deslindado no momento é o que significa **alegoria** em um texto e como elas podem ser usadas. Muitos roteiros utilizam dessa poderosa e eficaz ferramenta para tornar seus textos e criações audiovisuais decorrentes mais emocionantes, autorais e, por assim dizer, também mais interessantes de serem assistidos.

Para fazer referência a Jean Claude Carrière Pascal Bonitzer (1996, p. 50), no livro *Prática do Roteiro Cinematográfico*, é interessante pensarmos na seguinte citação que o autor relacionado propõe para que possamos refletir: “O romancista escreve, enquanto o roteirista trama, conta e descreve: a escritura lhe é contingente”.

O que isso significa? Que não é uma questão literária, como já falamos, inclusive quando pensamos em figuras de linguagem aplicadas ao cinema. Enquanto na literatura temos metáforas mais ou menos rebuscadas, comparações mais ou menos poéticas, no cinema e no audiovisual, por meio do roteiro, precisamos trabalhar imagens alegóricas, metáforas com imagens, com o que, já compreendemos, é filmado e posto no filme ou resultado audiovisual.

Podemos ler os seguintes exemplos: o romancista e autor José de Alencar, em seu renomado e bonito livro *Iracema*, decidiu fazer a descrição da aparência da personagem indígena com o uso de comparações com a natureza, mais ou menos dessa forma: virgem dos lábios de mel, cabelos negros tão quão a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

A comparação dos cabelos de Iracema com a cor das asas da graúna, seu comprimento mais do que o talhe de uma árvore de vegetação da praia, tudo isso serve à ambientação do livro, que se passa no Brasil com a chegada dos portugueses, no século XVII, quando o país ainda era pouco devastado e sua natureza permanecia preservada. Usar de metáforas de aves nativas e flora nativa, portanto, ajuda o

leitor a imaginar muito bem tanto os cenários quanto a aparência da personagem, e como um reflete no outro, inclusive em sua própria personalidade, emocional, identidade da personagem nativo-originária com sua terra, fauna e flora e mais.

E como fazer isso no cinema ou no audiovisual? Isso significa que no roteiro teria alguma descrição como essa? Não exatamente, afinal, como já falamos, o roteiro não é literário como um romance ou livro de poemas. Não é tão **expositivo** em palavras. Provavelmente seria usado um jogo de câmeras, algo que indicasse, por exemplo, uma gráua parada em folhas de palmeira, ou se alimentando perto. E, depois, criando essa ambientação, poderíamos sugerir o corte de cena para Iracema caminhando, seus cabelos balançando na altura de sua cintura, negros como as asas da gráua que antes apareceu em cena, e compridos como uma frondosa e bonita palmeira.

A linguagem fará a diferença. Em uma, somos descritivos. Na outra, não descrevemos, mostramos com a câmera. E é importante ressaltar que esse é um trabalho coletivo, ou seja, não será o roteirista sozinho que escolherá essa ambientação.

Provavelmente o diretor, o diretor de arte, o diretor de fotografia e outros profissionais ajudarão nessa intenção de criar alegorias e metáforas, conforme a estética de cada um deles também e o estilo fotográfico e filmográfico escolhido para o resultado audiovisual daquela filmagem, de forma que tudo aparente estar equilibrado, ressonante e interessante para o material que resultará dessa criação feita por diversos profissionais juntos, fazendo, portanto, uma união de interpretações e escolhas.

O roteirista, sozinho, não pode tomar decisões de escolha de câmera, a não ser, claro, que seja o diretor do filme ou da obra audiovisual que será filmada. Mas, ainda que fosse diretor, teria também de consultar a equipe de fotografia, de direção de arte, figurino, dentre outros. Audiovisual é sempre um trabalho coletivo, de estética, estilo, gostos e decisões coletivas, portanto.

Depois de compreendermos as diferenças entre tema e enredo, como funciona a escolha de um tema, suas motivações mais emotivas, de complexidade e existenciais por trás, compreendermos também que é importante escolher sua

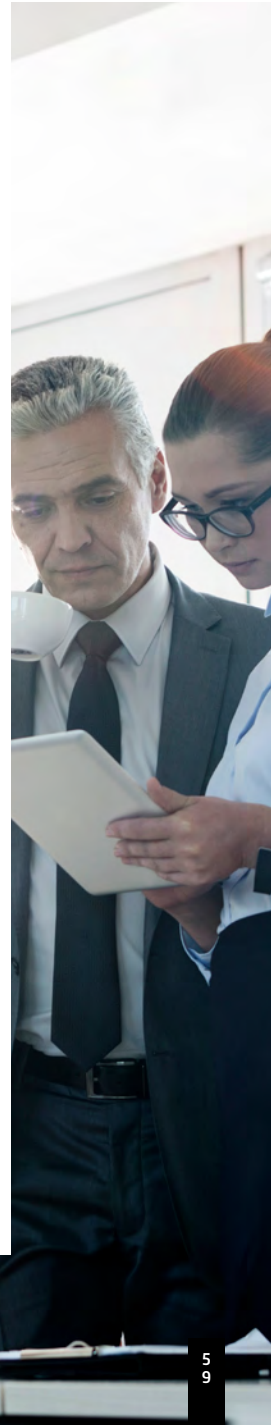
própria estética enquanto roteirista, autor e contador de histórias, ter um estilo narrativo próprio, sem medo de mostrar suas particularidades, identidade própria e personalidade, e também sabermos como funciona o enredo, é o momento de aplicarmos dicas e práticas para construção de enredo, portanto.

## A CONSTRUÇÃO DE UM ENREDO

Você precisa escolher a sequência de acontecimentos que irá montar a sua narrativa. Ou seja, vamos supor que você vai escrever a sua história enquanto designer. Por que você escolheu ser designer? Qual foi o **incidente incitante** que te fez escolher essa carreira? E que conflitos dificultaram a sua chegada até o momento de decisão, o que pode ter tornado sua história enquanto estudante de design mais emocionante? Que jornada você quer trilhar a partir desse momento?

Para que essa história seja interessante, já sabemos que ela precisa ter conflito. Qual pode ser esse conflito? Talvez, sua família achasse que uma profissão artística não era confiável e que você deveria seguir outra carreira. Vamos supor que você começou sua vida profissional em trabalhos que você considerava chatos, rendia pouco, se sentia um “impostor” no seu trabalho, então entrou na faculdade de design porque, desde pequeno, desenhava, criava ilustrações e histórias ilustradas.

Poderia, de outro pensamento, ser algo que você mesmo pensava, isso é, um conflito interno. Algo na seara de que você demorou a escolher a faculdade de design porque você mesmo não confiava na sua capacidade de ser um bom designer, mas, por exemplo, você tinha um avô pintor ou que amava pintar, e você tinha memórias maravilhosas de infância desenhando com ele, e vivia essa dualidade dentro de si. Mas, nunca levou a sério sua capacidade como artista. Entende a diferença?



Uma história chata e sem graça seria você simplesmente contar “ah, eu gostava de desenhar e virei designer” ou “eu desenhava bem e virei designer”. Falta algo emocional, falta uma reviravolta, falta enredo nessa história. Você vai preencher essa história com os conflitos que você achar bons, com o incidente incitante que te motivou a ser designer e trilhar a jornada que o levou até a faculdade de design e o clímax antes de você se encontrar na profissão, o momento mais emocionante antes da resolução dos conflitos, em que, talvez, tudo parecesse perdido e sua história de artista também, mas você descobriu uma solução para seguir seus estudos, e continuar insistindo na sua carreira e na sua arte, e desenvolvimento enquanto artista.

Estudante, você percebe como isso pode dar roteiro? A sua história é válida e pode ser contada, sim, de uma maneira criativa, profunda, bonita, interessante e emocionante, que outras pessoas também se relacionem e queiram assistir, saber sobre ela e sobre você, se você se dedicar ao jeito que vai escolher para contar.

## COMO PENSAR O ENREDO: IMAGINAÇÃO E CENAS

Sabemos que estamos trabalhando com imagens audiovisuais e com essa linguagem específica, é de ser ressaltado. Por conseguinte, um passo importante para começar a construir, na sua imaginação, o enredo da sua história, seria compreender que você irá usar a mostraçã cênica, mostraçã fílmica e mostraçã sonora.

Em citação do livro *A narrativa cinematográfica*, de André Gaudreault François Jost:



Na medida em que o processo fílmico implica uma certa forma de articulação de diversas operações de significação (a *encenação*, o *enquadramento* e o *encadeamento*), é possível elaborar um “sistema da narrativa” que acena para a importância disso que podemos chamar o “processo de discursivização fílmica (GAUDREULT, 1988, p. 119).

É relevante que você não perca do seu pensamento que o seu enredo precisa servir ao filme, e não o filme precisa servir ao seu enredo, portanto. Sua narrativa

precisa ser plausível de ser **filmada**. O que significa não só que ela possa ser enquadrada em câmera, encenada por atores ou dubladores, no caso de uma animação e, também, encadeada, por ser uma história contada.

Sabendo que você está contando uma história, você também, por lógica, sabe que os acontecimentos precisam estar conectados um ao outro. Mesmo que a narrativa escolhida não seja exatamente linear ou muito clássica. De uma maneira ou de outra, é importante que ela possa ser expressada pelo autor e sentida e compreendida pelo público.

## PENSANDO NÃO APENAS NA LISTA DE EVENTOS

Se você sabe que o enredo precisará conter as ações e conflitos na continuidade da sua história, é importante saber que isso também não significa que você vai montar apenas uma “lista” dura, superficial e sem emoção de acontecimentos. Você precisa pensar nos momentos em que cada acontecimento, conflito e resolução de conflito cabem. Caso contrário, é possível perder tanto a atenção do público, por você estar apresentando uma narrativa confusa ou entediante, como você mesmo prejudicará o potencial da sua história.

### VOCÊ SABE RESPONDER?

E como fazer isso?

É importante que essa lista de eventos seja **dinâmica**. Isso significa que sua história precisa ser cheia de ação no formato clássico que entendemos tal termo? Não, não estamos falando, novamente, de um filme repleto de ação física, com tiros, grandes momentos épicos, batalhas, explosões, feitos heroicos e grandiosos ou algo do gênero. Não é isso. Estamos falando de tornar **visível** o mecanismo que move os personagens de um lugar – físico ou emocional – a outro, da sua história.

A dinâmica da sua trama estará traduzida nisso. É preciso que esses eventos sejam organizados e pensados para que sejam motivadores de conflito, tensão e resolução, portanto. O espectador do roteiro que você montar deve sentir que espera reviravoltas, surpresas, quer assistir a algo que o emocione e cativem, sem que ele se distraia muito, se sinta entediado. Mesmo que ele não saia necessariamente surpreso, se você organizar o enredo de maneira que suas cenas e acontecimentos traduzam para quem vê o filme esses níveis emocionais de profundidade, emoção, tensão e convencimento do público, é isso o que importa.

Isso significa que você precisa manter não só a sequência de eventos da sua história interessante, como construir bons personagens. É necessário indicar que boas tramas costumam ter bons personagens, mesmo nas histórias *story-driven*, quanto nas *character-driven*.

Você pode fazer um "coming of age" sobre sua vida enquanto estudante de designer, por exemplo. Começando do incidente incitante de um personagem ainda imaturo, ingênuo, com questões existenciais e talvez mais também diretas a serem resolvidas, como: por que estudar design se venho de uma família que não tem muita estrutura? Dinheiro, posses, ou que precisa da minha ajuda trabalhando? Como conciliar dois trabalhos, duas carreiras? Será que devo ser um artista, existe ainda lugar para artistas desconhecidos? Será possível criar arte, ainda, e ganhar dinheiro com isso? Por que eu quero ser ilustrador? O desenho, a arte, por muitas vezes na minha vida, foi minha companhia? Foi minha maneira de expressar amor, desenvolver minha identidade?

Muitas questões plausíveis podem ser desenvolvidas para tornar seu personagem mais profundo. É importante estar então, sempre em questionamento dos **motivos**, da **identidade** e da **formação enquanto pessoa** do seu personagem. Ele precisa parecer **verossímil**, e os acontecimentos que ocorrem com ele, verossímeis ou **não**, no que se refere a **realismo**, precisam ser **comoventes**, independentemente de ser uma obra documental, séria, ou uma ficção de comédia.

O relevante é que você consiga traduzir quem é o seu personagem junto aos acontecimentos da história e não perder a graça nem da trama, nem do desenvolvimento dos personagens que participam dela e se relacionam com os eventos que decorrem dela.

## DICAS PARA TORNAR O ENREDO MAIS ATRATIVO AO PÚBLICO

Se você falar “eu vou contar a história de um designer, que não acreditava muito em si mesmo, mas insistiu e um dia entrou na faculdade”, isso parece chato, bobo, sem estilo e atrativos, certo? Sabendo disso, como você evita um enredo desvinculado de emoção e mais entediante para o seu público?

É importante saber quem é seu público-alvo. Isso faz diferença ao escolher um formato, classificação indicativa, o que pode ou não estar contido na história por acolher as vivências de uma determinada faixa etária ou grupo de pessoas, mas, antes de entrar em pormenores específicos como dessas catalogações, é relevante fundamentar algo **maior**. E mais **generalizado**, que pode muito bem ser aplicado ao seu roteiro independente de que público-alvo você pretende direcionar o seu filme, série, programa ou arte audiovisual.

O enredo precisa servir à trama e aos personagens, na lógica de que ele precisa inspirar mais emoção, tornar o conflito mais difícil e incutir dificuldades ao seu personagem. Não é uma questão de sadismo ou de escrever um melodrama, algo muito dramático, pesado, complicado, mas sim dificultar a jornada do personagem principal, porque se tudo vier, se resolver e acontecer muito fácil, onde estará a tensão, o interesse subjetivo e a graça da história? Não terá.

O enredo, primariamente, deveria seguir uma ordem de causa e efeito. O personagem, ao tomar uma decisão, resulta em uma situação que ele precisa lidar. Não necessariamente por culpa sua, mas motivada por uma ação. Ação, como já falamos, no sentido de ato, de atividade feita pelo personagem.

Por isso, é uma boa sugestão e dica pensar que podemos ir trabalhando os conflitos no começo da história, no sentido de que o personagem principal pode ele mesmo causar muitos conflitos para si, por motivos internos ou externos, ou também outros personagens principais sendo os causadores de conflitos. Assim, a história já começaria com o personagem principal tendo de resolvê-los.

Não importa se o que motivou esses conflitos foi um erro, uma decisão mal pensada, ou algo externo aos personagens, mas que sejam eventos tão difíceis e complicadores para os personagens que eles não consigam atingir os fins que querem, sem resolver esses conflitos antes disso.

### VOCÊ SABE RESPONDER?

Isso significa que os personagens podem ser mais inconsequentes, errarem mais, serem mais, vamos dizer, ingênuos ou, até mesmo menos, sagazes, inteligentes?

A resposta é sim, pois, não temos regras específicas quanto à criação e ao desenvolvimento de personagens. Se a personalidade deles for realmente mais ingênua, mais boba, porque assim foi decidido e desenvolvido, não ficará estranho. Mas, também, é importante que você não desenvolva “furos” no seu personagem de propósito, isso é, que você seja inconsistente com a personalidade do seu personagem só para criar conflito.

Se o seu personagem é descrito e trabalhado como uma pessoa mais sagaz, astuta, inteligente, ele provavelmente não deve tomar decisões mais impensadas, a não ser que isso aconteça por um motivo externo à sua inteligência: estar bêbado, talvez, ser ameaçado por alguém, não estar em plena confiança de si mesmo ou do que está acontecendo. Em suma, se você conseguir desenvolver motivações externas que não sejam contraditórias à descrição e a construção que você já fez do seu personagem para o público. Consistência é relevante.

#### EM FOCO

Acesse a videoaula para ter mais informações e conhecimentos sobre os assuntos pertinentes a este tema. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

## NOVOS DESAFIOS

Bom, depois dessa conversa, podemos dizer que você já está preparado tanto para escolher um ou mais temas para sua história, como para começar a desenvolver o enredo dela. Como dica final, podemos propor uma enunciação de etapas interessantes para te ajudar nesse desenvolvimento, portanto.



### EU INDICO

De tal maneira, podemos seguir o planejamento da sua história apresentando as sugestões de Stéfani Paludo, no post <https://stefanippaludo.medium.com/escrita-criativa-planejando-o-enredo-9e358c41b205>.

É importante saber os principais pontos que você deve se atentar enquanto profissional da área:

- 1 - Escolha o protagonista, desenvolva suas características.
- 2 - Defina a questão essencial desse personagem.
- 3 - Defina o conflito principal do personagem, o que movimentará a história que você vai contar.
- 4 - Escolha o que esse personagem quer conseguir, as motivações ressoando bem com a questão essencial do personagem e conflito principal.
- 5 - Defina a situação inicial do personagem.
- 6 - Escolha os fatores externos que vão aumentar o conflito e a tensão da história, e, portanto, tornar a história mais emocionante para o público.
- 7 - Desenvolva o amadurecimento do personagem conforme a trama avança, pensando na maneira como ele vê o conflito, sua questão essencial e, assim, escolha o final da história.

Está preparado? Se a resposta for sim? Pode, portanto, começar a pensar na sua história com mais desenvolvimento e firmeza. Lembre-se: você tem um autor dentro de si, esperando para contar muitas histórias!

# AUTOATIVIDADE

---

1. Uma boa ideia para pensar em conflitos para o enredo é definir uma série de problemas e fatores complicadores a serem resolvidas desde o começo da história. Podem ser fatores resultantes de ações dos personagens principais, por escolhas, decisões deles ou, até mesmo, de atos externos, aos quais eles precisam responder. Uma boa sugestão é reunir os conflitos e problemas que o personagem principal ou personagens principais terão de resolver durante a história. Isso significa que, para um enredo bem desenvolvido:

I - Servirá bem ao enredo desenvolver múltiplos conflitos.

II - Será potencialmente mais interessante o enredo que tiver múltiplos conflitos.

III - Desenvolver os conflitos e pensar nos personagens os resolvendo antes de terminar a trama é uma boa tentativa de manter o enredo sólido e emocionante para o público.

IV - O desenvolvimento dos conflitos é, portanto, irrelevante para o enredo e para a trama.

É correto o que se afirma em:

- a) I e IV, apenas.
  - b) II e III, apenas.
  - c) III e IV, apenas.
  - d) I, II e III, apenas.
  - e) II, III e IV, apenas.
2. É possível afirmar que o enredo, assim como a trama, precisa ser comovente e precisa organizar os conflitos contidos pela história. Dessa forma, o enredo pode servir à trama não só como uma lista de acontecimentos, mas se esses acontecimentos também ajudarem a potencializar os conflitos. Com base nas informações apresentadas, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas:

I - O enredo precisa ser pensado para aumentar a intensidade dos conflitos.

PORQUE

II - Os conflitos servem à tensão da história, e apenas para isso.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta:

- a) As asserções I e II são verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- b) As asserções I e II são verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são falsas.

# AUTOATIVIDADE

---

3. É importante saber usar a mostração cênica, a mostração filmica e a mostração sonora para desenvolver um bom enredo. Se falamos que escolher bem a mostração cênica, filmica e sonora, ou seja, mostrar no audiovisual, é importante para compor, de uma forma eficiente, o enredo, isso significa que:
- a) Devemos ser muito descritivos.
  - b) Os recursos sonoros, visuais e encenados devem seguir a ordem de eventos bem.
  - c) O roteiro não é relevante.
  - d) O roteiro deverá seguir, principalmente, um recorte visual.
  - e) O roteiro deve seguir, especificamente, um recorte literário.

# REFERÊNCIAS

---

ALENCAR, J. **Iracema**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959a, III.

CARRIÈRE PASCAL BONITZER, J. **Prática do Roteiro Cinematográfico**. 2 ed. JSN Editora, 1996.

GAUDREAUULT FRANÇOIS JOLT, A. **A narrativa cinematográfica**. Brasília: Editora UnB, 2009.

MCKEE, R. **Story**: substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro. 1 ed. São Paulo: Arte e Letra, 2017.

SOUZA, J. M. Tema: sobre o que seu roteiro realmente é? **Tertúlia Narrativa**, São Paulo, 10 jan. 2019. Disponível em: <https://www.tertulianarrativa.com.br/post/2019/01/10/tema-sobre-o-que-seu-roteiro-realmente-e>. Acesso em: 10 abr. 2024.

# GABARITO

---

1. Alternativa D. A afirmativa IV é falsa, o desenvolvimento de conflitos é relevante para a trama e para o enredo, posto que ele pode ajudar a organizar os acontecimentos da trama, ou seja, a "lista" de ações que também é uma das definições de enredo. E ter múltiplos conflitos torna uma história mais empolgante se eles forem bem desenvolvidos, dessa forma, o enredo também pode ser mais dinâmico com mais conflitos, bem como mais interessante, razões que motivam a escolha das afirmativas I, II e III como verdadeiras e bem justificadas.
2. Alternativa B. Os conflitos não servem apenas para dar tensão à uma história, eles também desenvolvem o caráter dos personagens em conformidade com as escolhas decididas e suas motivações.
3. Alternativa B. Tendo por base que o audiovisual é composto por imagem, som e encenação, seguindo o roteiro pré-planejado. Dessa maneira, essa é a única resposta lógica com essas premissas relacionadas e trabalhadas no material do tema acadêmico.





**unidale**



TEMA DE APRENDIZAGEM 4

# RITMO E ESTRUTURA

## MINHAS METAS

- Trazer uma introdução do conceito de ritmo nas narrativas.
- Recordar a estrutura de três atos e pensar como o ritmo se encaixa
- Refletir acerca de 'timing' no roteiro e em obras audiovisuais e literárias.
- Aconselhar o estudante a graduar cenas.
- Falar sobre estrutura de cena em termos de curva dramática e intensidade de ritmo.
- Conversar sobre pontos de vista e como eles podem mudar o ritmo de uma narrativa também.

## INICIE SUA JORNADA

Se a gente falar de ritmo, estrutura, provavelmente pensaremos primeiro em uma música, certo? Uma melodia, uma batida, talvez uma sequência de acordes, para os estudantes de música ou músicos profissionais, ou, simplesmente, pessoas afeiçõesadas à arte musical. Mas será que você já tinha parado para pensar que histórias têm ritmo?

Sim, não necessariamente poemas, canções escritas ou letras de música são planejadas e descritas para seguir um tom melódico, mas qualquer narrativa, além de, costumeiramente, ter início, meio e fim, também têm momentos de maior e menor intensidade, maior e menor gradação, maior e menor rapidez, mais calma, mais agilidade. Esse conjunto de movimentos e momentos diferentes é montado pelo autor de um livro ou roteirista de um filme, série, novela, programa de televisão ou outra obra audiovisual para que esteja em ressonância, criando a história em sua composição narrativa. Tal como a música é composta de notas, acordes, pode ser



cifrada, uma história pode ser ritmada.

Se você escuta uma música, você possivelmente não quer que ela tenha a mesma batida, a mesma nota repetida inúmeras vezes seguidas, ou os mesmos acordes repetidos sem parar, certo? Para uma história, o sugerido é

pensar da mesma maneira. Tentar não ser repetitivo, tanto na sua **estética**, isso é, no seu estilo autoral de expressar a sua história, contar aquela narrativa que você está desenvolvendo, quanto na sua **composição de cenas**. O seu **enredo** precisa ser movimentado e composto de uma maneira que o público não consiga prever tão fácil o próximo movimento.

Estudante, nesse momento, gostaria que você fizesse uma reflexão: então, isso significa que você precisa escrever algo sempre repleto de reviravoltas, de momentos de virada meticulosamente planejados, quase que empilhados um atrás do outro?

Ao contrário do que podem tentar fazer você pensar as redes sociais e os algoritmos, a arte não precisa ser matemática, não precisa seguir uma regra calculada de resultados.



#### PLAY NO CONHECIMENTO

É o momento de escutar o podcast para nos aprofundarmos no conceito de "timing". Qual é o momento de inserir mais ou menos tensão? Já dá para aliviar um pouco o suspense? Falta tensão ou falta um pouco de paz aos personagens, ou, pelo contrário, está na hora de perturbá-los mais? Pode parecer cômico, mas essas pautas revelam um bom trabalho de um autor na hora de examinar seus próprios escritos e ter certeza de que a história está fluida. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

#### VAMOS RECORDAR?

Aprenda sobre a importância do ritmo com o vídeo que selecionei para você, estudante: <https://www.youtube.com/watch?v=5f8YOWObz-w>.

## DESENVOLVA SEU POTENCIAL

A roteirista e professora de roteiro Beatriz Góes (2022) comenta que uma cena ou uma sequência de cenas precisa de alternância. Podem ter ritmos altos, ritmos médios ou ritmos baixos, o famoso ritmo lento, devagar. Isso depende do enredo, isso é, do que acontece naquelas cenas, naquela sequência de cenas, e a agilidade com que esses movimentos são delineados no material audiovisual em referência. Isso é chamado de **composição de cenas**, que consiste em escolher sequências de cenas, e subdividir as sequências de cenas menores dessa mesma obra audiovisual.

Para esse momento, é relevante indicar uma citação de Luiz Antonio de Assis Brasil, em seu livro *Escrever Ficção: um manual de criação literária*, conforme podemos ler:



#### CHARACTER IS PLOT

Essa é uma célebre frase que você já deve ter visto atribuída a quatro ou cinco ficcionistas, entre eles Henry James e F. Scott Fitzgerald, o que nos indica que teve autoria anônima e depois foi colada a um grande nome para dar-lhe dignidade. Plot — não é fácil encontrar palavra correspondente na língua portuguesa, por causa de seu esgarçamento semântico, mesmo no idioma original. Mas porque neste momento tratamos do conflito, e este se manifesta no enredo, aceitemos que plot é enredo; por essa razão, a tradução ficaria assim: 'Personagem é enredo' (ASSIS, 2019, p. 86).

O que isso significa? Sabemos que enredo é o conjunto de ações, isso é, personagem faz uma escolha, que se desdobra em um evento, que depois se relaciona com outro acontecimento, que leva esse personagem ou outro personagem a fazer uma escolha e assim por diante. É o tecido de cenas, de ações que formam cenas, de uma obra audiovisual ou de uma obra literária, para resumir, de uma relacionada história. Portanto, se personagem é enredo, ou pode ser enredo, isso significa que um bom desenvolvimento de personagens pode resultar em um bom enredo.

Sozinho? Não, dependerá de boas cenas em que esse desenvolvimento será encaixado, dependerá do quanto o autor sabe separar a ação da obra dos momentos mais internos e introspectivos do personagem, depende de muitos fatores. No entanto, um conselho bom de ser pensado é esse: personagens complexos e bem desenvolvidos costumam ajudar bons enredos. Também continuando a fazer uso desse material base de Luiz Antonio de Assis Brasil (2019), cabe ressaltar:



Personagem (também) é enredo Sim, concordo, não é uma definição objetiva, mas expressa a proposição — e não estou sozinho nisso — que assumo na íntegra: o enredo da novela ou do romance só será bom se provier de um personagem consistente. Precisamos apenas repassar algumas ideias.

A consistência do personagem implica que ele possua uma questão essencial, anterior à própria narrativa e que seguirá com ele mesmo depois do ponto-final. Essa questão é que dará sentido e, de certo modo, provocará a história e, assim, o enredo. “Enredo” é uma palavra que soa um pouco antiga, usada por meus pais quando se referiam a filmes e radionovelas, e vejo que hoje é retomada e atualizada no campo literário como sinônimo de ‘trama’, ‘intriga’, palavras interessantes, a que se somam outras, bem conotativas, como ‘teia’ e ‘urdidura’ (ASSIS, 2019, p. 87).

Lembremo-nos do verbo “enredar”, no seu sentido mais corrente, que é o de “emaranhar”, ou, na sua forma pronominal, “emaranhar-se”. Isso pode ajudar. Também pode ajudar se imaginarmos que, se já temos um personagem consistente e o conflito, precisamos decidir como contar essa história, transformando-a numa narrativa literária.

### VOCÊ SABE RESPONDER?

O que vamos contar primeiro? Qual evento? De que maneira os fios de nossa narrativa serão tramados? Ou seja, como vamos estruturá-la?

As respostas para essas questões são resolvidas na organização do enredo. Dessa maneira, podemos indicar sobre o enredo que a organização das cenas precisa servir à história e não a história precisa ser feita pensando em uma organização de cenas. Pode ser algo difícil de imaginar em uma época como a nossa, em que pensamos em resultados rápidos, eficazes, quase que mágicos, sem ter paciência de esperar uma história se desenrolar, o famoso “cozinhar” antes de ficar pronto.

De novo precisamos lembrar que a história também será ritmada pensando no gênero que ela aborda. Mas isso não é sempre uma regra, novamente, há filmes de ação mais ou menos rápidos, há filmes de drama que na verdade têm subgênero de suspense e ação, e filmes de suspense com subgênero de drama. Podemos ter “*coming of age*” como *Superbad*, *Booksmart*, *Quase Famosos*, todos muito diferentes entre si, o primeiro mais voltado para a comédia “*trash*” de dois jovens adolescentes, que critica masculinidade tóxica, homofobia e outras ques-

tões, o segundo traz questionamentos do amadurecimento feminino na perspectiva de jovens brancas de classe média. Já o último é um filme indicado a diversos Oscars baseado na história de vida do próprio diretor, Cameron Crowe, sobre a época em que foi repórter de música na revista *Rolling Stone* e conheceu diversas bandas famosas, quando ainda não eram tão propensas ao estrelato, e todo o cenário relacionado. O filme é pensado com carinho em seu contexto de jovem adolescente deslumbrado com a beleza, a liberdade, a pureza e a subversão do rock'n'roll, em um contexto muito bonito, inocente e até mesmo comovente.

Essa obra audiovisual é simultaneamente de romance, comédia, drama, *coming of age* e até mesmo “nostálgico” como gênero, pois não só fala de uma era



passada da música, da cultura e da arte de uma juventude e do “se sentir jovem”, como dialoga com essa criança interna que todos temos dentro de nós, o desejo de ser livre, de ser querido, de ser aceito, de criar, de expressar e de amar.



#### EU INDICO

Assista ao trecho em que os personagens principais de *Quase Famosos*, depois de uma noite de “derrota”, bebida e frustrações direcionadas na esbórnica, escutam a música “Tiny Dancer”, de Elton John, tocar no rádio. Essa cena transmite de uma forma simples e precisa o ritmo de uma cena em uma sequência muito bonita, que brinca com melodia, com o significado de uma música que fala sobre o extraordinário no comum, a beleza apesar da frustração e a melancolia conjunta com a alegria de viver. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zf1ymHOMXiw>.

O ônibus da turnê levando a banda mal conhecida pelo público, que mal ganha dinheiro, que mal consegue organizar shows que se une nesse momento catártico: cantam juntos, ressoam com a música, se divertem sem censuras, amarras e ressentimentos, com uma melodia do rádio. A personagem Penny Lane, antológica depois deste filme de Cameron Crowe, responde tudo o que o espectador sente e precisa saber para o personagem principal, que quase “corta o momento” falando “tenho que ir para a casa”.

A cena não só ecoa a ideia de ritmo por falar de música em um filme sobre o amor à música, mas também porque ela mesma é escrita musicalmente. Começamos com a tensão despreocupada do grupo, irritado com mais uma manhã frustrada, com a rotina desgastante da viagem em turnê, e terminamos com os personagens se divertindo aos brados, aliviando a tensão com o momento catártico que surpreende a todos.

Algo que é importantíssimo ressaltar é se o autor reparou que faltaram boas reviravoltas, desenvolvimento do caráter dos personagens, mais introspecção que permitisse desenvolvimento interno dos personagens, ou, diferente disso, mais ação externa e movimentos que não viessem de ações mais particulares e também reflexivas dos personagens. É necessário tecer esses questionamentos durante a escrita da sua história e do seu roteiro, mas também é importante confiar no seu *feeling*, na sua sensibilidade sobre a sua história.



Também lembrando de Robert McKee (2017) indica que contar uma história envolve fazer escolhas - selecionando o essencial da vida. Uma história é uma sequência de eventos que foram escolhidos e cuidadosamente organizados, assim como na composição musical. Cada nota encontra seu lugar para formar uma harmonia e melodia de perfeição singular.

James McSill (2017) contribui da seguinte forma: uma história sempre gira em torno de uma pessoa. Se for sobre algo, esse algo será personificado, ou seja, representado como humano. Em resumo, nosso cérebro reage com mais emoção ao ver nossa irmãzinha querida sendo atingida por um ônibus do que ao testemunhar a galinha do vizinho escapar e acabar como recheio de sanduíche entre o asfalto e o pneu de um ônibus. Ou ainda a árvore, que contribuiu para o ônibus desgovernar, perdendo os galhos no impacto.

Assim combinado, vamos aos cinco elementos que compõem o drama, isto é, o cerne de todas as histórias:

#### ELEMENTO 1

O que o personagem principal quer.

#### ELEMENTO 2

Quem/o que o impede de conseguir o que ele quer.

#### ELEMENTO 3

Que desastre ocorre quando seu personagem principal "força a barra" para conseguir o que deseja.

#### ELEMENTO 4

Como ele se transforma ao passar por essas complicações.

#### ELEMENTO 5

Como o leitor/a audiência se transforma ao vê-lo passar por essas complicações."

Certo, foi compreendido o que significa ritmo de cena, de sequência de cenas e de enredo. Falamos muito da estrutura dos três atos de Aristóteles. Mas você sabia que essa não é a **única** estrutura reconhecida para contar histórias?

**EU INDICO**

Assista a outro vídeo sobre estruturas narrativas. Conheça o "Kinshotenketsu", o "modelo oriental" de contar histórias, que, em vez de três atos, tem quatro atos. Enquanto a narrativa ocidental é muito baseada no conflito, a narrativa oriental seria mais baseada na quebra de expectativa. Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=Co-ZcCWXC4I>.

Importante falar que, enquanto, geralmente, nas narrativas ocidentais, temos o conflito como um dos desenvolvimentos mais importantes da narrativas e ferramenta de convencer o público e comovê-lo, na estrutura oriental, a quebra de expectativa se bastaria em si, por uma questão de contextos culturais, conjunturas, influências diversas.

**KI**

introdução.

**SHO**

desenvolvimento e contexto.

**TEN**

complicação, conflito ou virada.

**KETSU**

conclusão e solução.

Talvez, poderíamos dizer que, de certa forma, as narrativas orientais se importam mais com o ritmo, potencialmente, do que as narrativas ocidentais. Sem que isso signifique uma generalização ou conclusão aplicável para todo e qualquer modelo, importante ressaltar.

Se o kishotenketsu fala de quatro atos, ou seja, de introdução, desenvolvimento, a reviravolta (melhor dizendo, a virada) e a reconciliação, isso significa que temos a apresentação de personagens no começo da história, como já é costumeiro nas histórias do modo de storytelling que reconhecemos nos filmes Hollywoodianos, e também desenvolvido no segundo, o terceiro ato é que tem elementos surpresa.

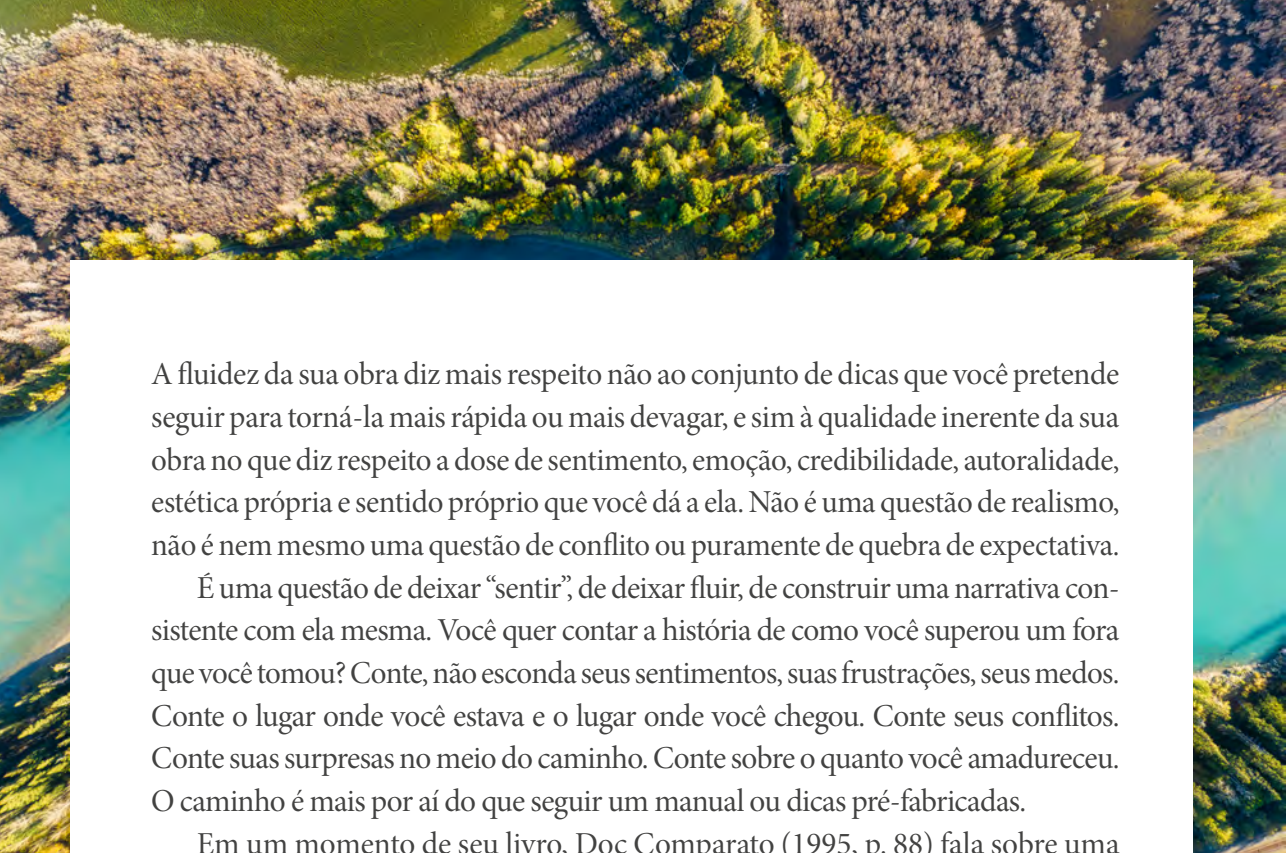
O quarto ato é a conclusão entre os dois primeiros atos e a reviravolta do terceiro, juntando a história e dando ressonância a ela. É a estrutura do yonkoma (quatro quadros) manga. O final é satisfatório sem precisar de uma vitória, enquanto os finais ocidentais quase sempre falam de algum conflito, de algum duelo e de algum sucesso.

### **VOCÊ SABE RESPONDER?**

Sabia que a essência de movimento da narrativa audiovisual é o ritmo?

Isso significa que nem você, enquanto designer, nem o roteirista vão trabalhar imagens audiovisuais não à toa. O roteirista não escreve sobre algo que não será filmado, e o designer vai ilustrar algo que não tenha significado, para ele, de estar na obra gráfica que ele está ilustrando. Essa lógica se aplica ao movimento da sua história e da sua narrativa.

Você não quer que ela seja lenta, tanto quanto não quer que ela seja rápida demais. Você quer que ela seja fluida, na metáfora que já usamos anteriormente – e também é referenciada na animação “Pocahontas”, diga-se de passagem –, você quer que ela seja como o correr dos rios. Heráclito já disse que não se entra em um rio duas vezes: você não é o mesmo, nem o rio que você entrará. Nenhuma experiência se vive duas vezes e nenhuma subjetividade é igual, as experiências artísticas são subjetivas, e, portanto, particulares.



A fluidez da sua obra diz mais respeito não ao conjunto de dicas que você pretende seguir para torná-la mais rápida ou mais devagar, e sim à qualidade inerente da sua obra no que diz respeito a dose de sentimento, emoção, credibilidade, autoralidade, estética própria e sentido próprio que você dá a ela. Não é uma questão de realismo, não é nem mesmo uma questão de conflito ou puramente de quebra de expectativa.

É uma questão de deixar “sentir”, de deixar fluir, de construir uma narrativa consistente com ela mesma. Você quer contar a história de como você superou um fora que você tomou? Conte, não esconda seus sentimentos, suas frustrações, seus medos. Conte o lugar onde você estava e o lugar onde você chegou. Conte seus conflitos. Conte suas surpresas no meio do caminho. Conte sobre o quanto você amadureceu. O caminho é mais por aí do que seguir um manual ou dicas pré-fabricadas.

Em um momento de seu livro, Doc Comparato (1995, p. 88) fala sobre uma qualidade literária que é pertinente a essa conversa que tivemos:



O talento, a capacidade criativa, é uma qualidade com que se nasce, como a noção de ritmo de uma bailarina, ou a capacidade que um músico tem de reproduzir uma canção que ouviu uma única vez. É o tempo dramático, a capacidade de fluir no espaço e no tempo em perfeita harmonia. E o porquê de uma cena começar aqui, e não ali, terminar agora e não mais tarde. Esta capacidade, que cada roteirista possui, de manejar o tempo dramático e o ritmo do roteiro é algo de particular e próprio de cada um.

Esse talento, pelo que posso afirmar, vai da sua subjetividade, da soma de experiências, vivências, emoções e sentimentos que você teve até o momento em que decidiu, enquanto artista, contar uma história. Não pode ser substituída, não pode ser copiada, não pode ser efetivamente trocada por outra, simplesmente porque não pode ser igualada. Ninguém entra no mesmo rio duas vezes, ninguém escreve a mesma obra sobre um mesmo sentimento porque ninguém sente nada da mesma forma, e isso é simplesmente maravilhoso.

## DICAS PRÁTICAS: SE EU QUISER PENSAR EM COMO CONSTRUIR MEU RITMO?

A partir desse momento, vamos apresentar algumas dicas relevantes para a construção do ritmo.

### Vá por escala: do menor ao maior

Se você sabe que o público já espera que sua história seja um pouco mais lenta no começo, mesmo para aquelas obras audiovisuais que começam de uma forma criativa, mais pitoresca e menos previsível, mesmo assim, é esperado uma apresentação de personagens, desenvolvimento da ambientação, conjuntura, cenários e mais. Afinal, o audiovisual é feito de uma maneira coletiva, a direção de fotografia fará sua parte, a direção de arte também, são muitas linguagens trabalhando juntas ao mesmo tempo dentro da narrativa também.

A sua história **não precisa ser progressiva**, isto é, ela não tem obrigação de sempre acelerar, você pode trabalhar curvas dramáticas diferenciadas, com idas e vindas, ou pode mesmo ir em um crescente até um momento climático da história, se a sua história estiver servindo a ela mesma e não a um cálculo matemático de tentativa de convencimento do público, tudo bem.

### Siga momentos de tensão com momentos de alívio

Mesmo que não seja uma regra ou uma obrigação do bom roteirista ou escritor ter que diminuir o ritmo a cada momento de tensão, uma maneira útil de surpreender o público é que a intensidade da ação desacelere depois de uma grande reflexão. Isso ajuda o público a ter tempo de digerir o que aconteceu. Mas nada impede de você pensar em boas ações que **somem** ou, até mesmo, intensifiquem o momento intenso que passou de uma forma que isso acrescente à sua história, torne a trama mais intrincada, recheada, interessante de acompanhar.

Se você estiver se divertindo com o que você escreve, se você mesmo percebeu que um momento levou ao outro e isso fez sentido dentro da narrativa que você montou e desenvolveu, se não pareceu algo gratuito, superficial ou simplesmente “mal posicionado”, só por estar ali, essas interpretações positivas costumam ser

um bom sinal. Por via das dúvidas, peça para um revisor de confiança ler e escute com atenção e carinho a opinião dele, já falamos sobre a relevância de ter mais de uma opinião e perspectiva sobre um mesmo material.

E sobre manter a humildade enquanto autor, se sabemos que subjetividades são particulares, são, portanto, insubstituíveis e intransferíveis, é importante também estar preparado para discordâncias, sugestões e, lógico, para críticas.

Importante refletir sobre os parágrafos desenvolvidos por James McSill (2017) a respeito do desenvolvimento da história e das ações dos personagens feitos por um autor. Sobre o propósito deles e de suas escolhas refletidas:



Uma história é sempre a respeito de alguém. Se for sobre ‘alguma coisa’, essa ‘alguma coisa’ será antropomorfizada, isto é, representada como humana. Em suma, nosso cérebro reage com ‘mais emoção’ quando vemos nossa irmãzinha querida amassada por um ônibus, do que quando testemunhamos a galinha do vizinho escapar e virar recheio de sanduíche entre o asfalto e o pneu de um ônibus. Ou a árvore, que contribuiu para o tal ônibus desgovernar, perder os galhos no instante do impacto (MCSILL, 2017, p. 179).

Assim combinado, vamos aos cinco elementos que compõem o drama, isto é, o cerne de todas as histórias:

#### ELEMENTO 1

O que o personagem principal quer.

#### ELEMENTO 2

Quem/o que o impede de conseguir o que ele quer.

#### ELEMENTO 3

Que desastre ocorre quando seu personagem principal “força a barra” para conseguir o que deseja.

**ELEMENTO 4**

Como ele se transforma ao passar por essas complicações.

**ELEMENTO 5**

Como o leitor/a audiência se transforma ao vê-lo passar por essas complicações.

Isso significa que essa lista pode ajudar a saber o quão “gratuitas” ou não estão as ações dos seus personagens e coordená-las melhor.

## **Não confunda estilo com falta de movimento**

Falamos no podcast sobre a trilogia *O Senhor dos Anéis* e seu autor, J. R. R. Tolkien. O diretor Peter Jackson fez uma primorosa adaptação dos livros, sendo premiado com onze Oscars pelos seus lindos longa-metragens, e conseguiu transcrever e traduzir, com seu estilo próprio para a linguagem cinematográfica, o detalhismo, o amor pela linguagem, por diferentes culturas, intercâmbio de povos e mais que o autor J. R. R. Tolkien também delineou em seus livros de fantasia medieval, tão amados em diversas conjunturas e culturas.

Mas podemos reparar que, na *A Sociedade do Anel*, tanto o filme quanto o livro, são dispostos de um estilo de storytelling mais lento. Seja por se tratar de um filme “de origem” e apresentação daquela história e personagens, seja porque o livro que se pretendia “volume único” de J. R. R. Tolkien toma fôlego e começa a correr em *As Duas Torres*, o segundo volume dos livros e segundo filme da trilogia cinematográfica de Peter Jackson. Tolkien não mudou seu estilo de escrita em *As Duas Torres*. Continua muito amoroso aos detalhes, fazendo pausas para inserir poemas lembrados pelos personagens, referências à história da Terra-Média, citações linguísticas e mais. Ele mantém sua estética e seu estilo, e mantém a coerência com a obra-prima criada, mas o ritmo está mais rápido. Por quê?

As *Duas Torres* contém **muito mais ação**. Batalhas são narradas, perigos são aumentados, os acontecimentos são muito maiores, tanto em proporção quanto em risco. O autor começa a preparar o clímax, os últimos **grandes eventos**, e ponha grande nisso, de *O Retorno do Rei*. Tolkien ama detalhes, mas não tem medo de adrenalina também. E, por isso, você também não deve ter. “Encontre sua coragem”, já diria o autor.

## Tente escrever as cenas primeiro e, depois, ver o que pode ser cortado ou diminuído

Mesmo sabendo que o seu foco é contar uma boa história, uma boa ideia a se refletir é a de escrever primeiro um rascunho das suas cenas, pensar nelas em um escalonamento, em uma cronologia, uma depois da outra e, depois, conferir se tem algo sobrando nelas, algo que poderia ser resumido ou simplesmente retirado porque acabou que, de fato, não serviu muito bem para a história em si.

Também é relevante recordar que se você tiver mais cenas curtas, provavelmente você também vai colocar mais mudanças, reviravoltas e desenvolvimento da sua história em uma duração menor de filmagem, assim sendo, sua narrativa terá um ritmo mais rápido, uma vez que essa narrativa vai ter mais atos se sucedendo em menor duração, portanto. Por exemplo, em vez de você escrever, algo como:

### CENA 1-2-3

são o começo da história.

### CENA 4-5-6

são o meio da história, os conflitos e desenvolvimento dos personagens.

### CENA 7-8-9

são o final da sua história, o clímax e a posterior resolução dele.

Você poderia ter uma mesma história mais dinâmica se a lista fosse:

<b>CENA 1-2</b>
o começo e apresentação de personagens.
<b>CENA 3-4</b>
o delineamento e desenvolvimento de conflitos e personagens.
<b>CENA 5-6</b>
o clímax e a resolução do final da sua obra audiovisual.

João Nunes, em seu blog, ao falar falando sobre roteiro e dicas de escrita para roteiristas, comenta a respeito de como descrever ação sem perder o ritmo ou ficar demorado: como princípio geral é recomendável nunca escrever parágrafos de ação muito longos. Normalmente não deveremos passar das duas, três linhas, quatro em algumas poucas situações.

Por exemplo, podemos escrever um parágrafo longo, de seis, sete linhas para tornar mais lenta a narrativa. Ou, pelo contrário, escrever cinco ou seis parágrafos de uma linha apenas, para reforçar a noção de rapidez de ação.

## **Intercalar as linhas de ação do seu roteiro, mudar pontos de vista de personagens**

As linhas de ação podem ser contadas de maneira intercalada, paralela, em uma montagem que acontece ao mesmo tempo. Usando de novo *O Senhor dos Anéis*, a trilogia de Peter Jackson, como referência, podemos compreender a história a partir do final de *A Sociedade do Anel* como vista por diversos

personagens diferentes em contextos diversos, mas no mesmo período cronológico. Enquanto Frodo e Sam seguem juntos para Mordor, Merry e Pippin tentam fugir dos orcs que pretendem levá-los para Isengard e Aragorn, Legolas e Gimli tentam convencer os homens de Rohan para se unir à batalha contra Sauron e Mordor. Isso porque, como diz João Nunes (2022, on-line): "Nesses casos, temos um outro recurso: mostrar essa linha de ação contínua sob os pontos de vista de vários personagens que nela participam".

É como se, com isso, partíssemos a cena em diversas subcenas, aplicando-lhes depois o princípio da montagem paralela. Com isso, também aumentamos a percepção de ritmo narrativo. Um exemplo dessa estrutura poderia ser, numa cena com dois personagens principais e quatro momentos importantes, narrar cada *beat* do ponto de vista dum personagem:

- Personagem A.
- Personagem B.
- Personagem A.
- Personagem B.

O que, naturalmente, daria uma sensação de ritmo mais elevado do que se a cena fosse apenas narrada do ponto de vista de um único personagem:

Personagem A-A-A-A.

#### EM FOCO

Acesse a videoaula para ter mais informações e conhecimentos sobre os assuntos pertinentes a este tema. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

## NOVOS DESAFIOS

Depois dessas dicas sobre ritmo e estrutura, você já pode se sentir pronto para continuar com a sua aventura nos percalços, caminhos, jornadas e veredas diversas da escrita. Siga escrevendo e desenvolvendo sua história e personagens, lembre-se de que regras não devem ser seguidas de forma rígida e restritiva, que sua criatividade é livre e você deve se empoderar dela. É como aprender a dançar: quanto mais você tenta, mais você presta atenção em uma coreografia, monta um movimento, deixa o seu corpo liberto para se mover com fluidez, melhor costuma ser o resultado.



# AUTOATIVIDADE

---

1. Se, para Luiz Antonio de Assis Brasil (2019), um “personagem é enredo”, podemos refletir que o enredo tem que ser pensado também com a adição de bons personagens. Se personagem é enredo e precisamos escrever bons personagens para que isso possa resultar em um bom enredo, também precisamos saber o personagem é que incita a qualidade da história, o quanto ela é interessante. Assim:
  - a) Um bom personagem costuma ser raso.
  - b) Um bom personagem costuma ser superficialmente escrito.
  - c) Um bom enredo só funciona tendo muitos personagens.
  - d) Bons personagens são personagens com complexidade e camadas.
  - e) Um enredo não se importa com personagens.
  
2. É importante entender o conceito de “timing” na narrativa. Isso tem muita correlação com saber o momento de inserir mais ou menos tensão, fazer curvas dramáticas, pausas e mais. Sabendo como funciona o uso de timing nas narrativas, escolha as alternativas que são coerentes.
  - I - É importante intercalar momentos de tensão e calma, paz, para criar uma boa composição de cenas.
  - II - O ritmo narrativo fluido costuma ser o mais envolvente para o público.
  - III - Uma maneira segura de compor narrativas sem exaltar o público é intercalar momentos de curva dramática com momentos de tranquilidade, sem muita movimentação de trama e dos personagens.

É correto o que se afirma em:

  - a) I, apenas.
  - b) III, apenas.
  - c) I e II, apenas.
  - d) II e III, apenas.
  - e) I, II e III.

# AUTOATIVIDADE

---

3. O Kishotenketsu traz algumas diversidades não apenas na quantidade de atos da narrativa, mas também no que diz respeito à condução da trama e desenvolvimento de personagens. Alguns motivos da narrativa e ferramentas muito usadas no modelo de storytelling ocidental não são assim tão presentes no Kishotenketsu, por motivos culturais, contextos diferentes, outras influências artísticas e mais razões relacionadas. Sabemos das diferenças de estrutura entre Kishotenketsu, de quatro atos, e a estrutura que conhecemos como a dos três atos. Mas, e a respeito dessas diferenças de desenvolvimento da história que falamos? De que maneira a estrutura Kishotenketsu é diferente da que conhecemos?
- a) Ela se baseia muito mais na quebra de expectativa do que no conflito.
  - b) A quebra de expectativa é irrelevante.
  - c) Ela não desenvolve bem os personagens.
  - d) Ela é uma estrutura que apenas usa personagens complexos.
  - e) A estrutura pede múltiplos personagens sempre.

# REFERÊNCIAS

---

BRASIL, L. A. A. **Escrever ficção**: um manual de criação literária. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

COMPARATO, D. **Da Criação ao Roteiro**. São Paulo: Editora Rocco, 1995.

NUNES, J. **O Poder do Storytelling**. JN, 2022. Disponível em: <https://www.joanunes.com/2022/recursos/ferramentas-do-guionista-sete-formas-de-acelerar-o-ritmo-da-sua-estoria/>. Acesso em: 2 nov. 2023.

MCKEE, R. **Story**: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro. São Paulo: Arte e Letra, 2017.

MCSILL, J. **5 Lições de Storytelling, o Best Seller**. São Paulo: DVS Editora, 2017.

# GABARITO

---

1. Alternativa D. Tem por base tanto a citação do livro *Escrever ficção: um manual de criação literária*, quanto a premissa de que personagens complexos trazem mais questões a serem resolvidas na narrativa, mais conflitos, uma trama de maior profundidade, e, portanto, aumentam a chance do enredo ser melhor, o que por sua vez qualifica mais a estrutura da história pensada.
2. Alternativa E. As alternativas se justificam em si, estão corretas.
3. Alternativa A. A estrutura Kishotenketsu tem como diferencial maior usar muito a quebra de expectativa como maneira de cativar seu público e torná-lo mais interessado na história, e a narrativa não é tão relacionada ao conflito ou medida por conflitos como a narrativa ocidental, da maneira mais reconhecida de ser montada.



TEMA DE APRENDIZAGEM 5

# CONFLITOS, DILEMAS E CONTRADIÇÕES

## MINHAS METAS

- Apresentar o conflito na narrativa e sua importância.
- Escrever sobre os tipos de conflito narrativos.
- Sugerir maneiras para o autor estruturar conflitos narrativos.
- Desenvolver a importância dos personagens enfrentarem dilemas.
- Sugerir o conflito na estrutura das jornadas do herói e suas diferenças.
- Confrontar personagens rasos x personagens complexos.
- Comentar sobre a contradição para o desenvolvimento de bons personagens.

## INICIE SUA JORNADA

Conflitos: por que eles são tão importantes e tão falados na estrutura narrativa? Bom, qualquer pessoa que já leu um livro, assistiu a um filme ou seriado ou, de alguma maneira, se divertiu com algum material audiovisual narrativo, em algum momento foi apresentado a uma narrativa que trouxe para seus personagens, no mínimo, um conflito e os colocou para superá-lo.

A escolha narrativa da resolução do conflito sempre serve a um propósito, e nem toda narrativa “fecha” seu ciclo de uma maneira mais conservadora, ou sequer quer um final “bom” para seus personagens. Às vezes, a não resolução faz parte do que o autor e roteirista pretendia. Mas tudo isso é pensado previamente, em geral até mesmo quando o autor está pensando em qual ou quais serão os conflitos principais enfrentados por seus personagens.



Mas o que é conflito na narrativa e por que ele é considerado muitas vezes o foco da história, ou até mesmo o cerne dela? Segundo Robert McKee (2017) e Syd Field (2005), a importância do conflito em uma narrativa cinematográfica é central. Para esses dois renomados especialistas em roteiro cinematográfico, o conflito desempenha um papel fundamental na construção de uma narrativa cinematográfica envolvente. O conflito é fundamental para criar tensão, interesse e desenvolvimento na trama.

**PLAY NO CONHECIMENTO**

Vamos falar um pouco no podcast sobre a diferença entre complexidade e complicações. Quando é interessante valorizar em sua narrativa a quantidade de complicações que serão incluídas, quando você deve aliviar o público, e qual é a importância da complexidade. A diferença entre uma história sem graça e uma história interessante, uma história com um desenvolvimento mais profundo e bem trabalhado e uma história com conflitos superficiais e mais. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

**VAMOS RECORDAR?**

Assista ao vídeo de Carol Santoian, roteirista, em que ela também aborda os três tipos de conflito mais falados por Robert McKee, o interno, o pessoal e o extrapessoal. Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=aOKf83EoyaY>.

## DESENVOLVA SEU POTENCIAL

Robert McKee (2017), em seu livro *Story: Substance, Structure, Style and the Principles of Screenwriting* (História: Substância, Estrutura, Estilo e Princípios da Roteirização), destaca a importância do conflito como uma força motriz que impulsiona a história para frente. Ele argumenta que o conflito é o que mantém os espectadores engajados, criando situações desafiadoras para os personagens superarem. Ele defende três tipos de conflito: o interno, o pessoal e o extrapessoal.

Syd Field (2005), em *Screenplay: The Foundations of Screenwriting* (Roteiro: Os Fundamentos do Roteirismo), também destaca a necessidade do conflito para criar uma narrativa cativante. Field enfatiza que o conflito é o que impulsiona o desenvolvimento da história, proporcionando aos personagens oportunidades de crescimento e transformação.

Em resumo, segundo McKee e Field, o conflito é vital para manter a atenção do público, criar drama e dar profundidade aos personagens, contribuindo assim para o sucesso de uma narrativa cinematográfica. Em narrativas, diversos tipos de conflitos podem surgir para impulsionar o desenvolvimento da personalidade, identidade e valores dos personagens. Para isso, é interessante pensarmos

em alguns dos tipos mais comuns de conflitos e como eles contribuem para o enriquecimento dos personagens:

### CONFLITO INTERNO

Esse tipo de conflito ocorre dentro da mente do personagem, envolvendo dilemas morais, emocionais ou decisões difíceis. Enfrentar esses conflitos internos permite que os personagens cresçam e amadureçam, muitas vezes resultando em uma transformação significativa em sua personalidade e valores.

### CONFLITO EXTERNO

Conflitos externos envolvem o enfrentamento de forças externas, como antagonistas, desafios físicos ou obstáculos tangíveis. Superar esses desafios pode fortalecer a determinação do personagem e reforçar seus valores fundamentais.

### CONFLITO INTERPESSOAL

Relacionamentos complicados, desavenças ou confrontos entre personagens proporcionam oportunidades para explorar dinâmicas sociais. A resolução desses conflitos pode moldar as relações entre os personagens e influenciar sua percepção sobre amizade, amor e lealdade.

### CONFLITO COM O AMBIENTE

Enfrentar desastres naturais, condições adversas ou situações ambientais desafiadoras, testar a resiliência e a adaptabilidade dos personagens. Esse tipo de conflito destaca as características de sobrevivência e determinação.

### CONFLITO DE VALORES

Conflitos que surgem de diferenças fundamentais de valores entre personagens ou grupos exploram questões éticas e morais. Lidar com essas diferenças pode levar a uma reflexão profunda sobre as crenças e valores pessoais, resultando em um crescimento substancial.

São os conflitos que permitem o crescimento dos personagens, proporcionando oportunidades para enfrentar desafios, tomar decisões difíceis e aprender lições importantes. Ao lidar com esses conflitos, os personagens crescem e evoluem, contribuindo para a complexidade e autenticidade da narrativa.

Se você já compreendeu a importância do conflito, o que é o conflito central, por exemplo: em *O Senhor dos Anéis*, Frodo Bolseiro, o protagonista, precisa destruir o Anel de Sauron. Todavia, o poder do Anel é a lenta, ou não, corrupção de quem o porta. Mordor, o único lugar onde o Um Anel pode e deve ser destruído, também fica muito longe do Condado, onde Frodo reside. E até chegar a Mordor, Frodo enfrenta diversos percalços, problemas, vilões, anti-heróis e tentativas de outros personagens e eventos de impedi-lo de conseguir salvar a Terra-Média, junto de diversos outros personagens importantes para a trama.

Ou seja: o conflito central de Frodo é ter de destruir o Anel e ser continuamente impedido por forças diversas. Internas, externas, do ambiente. É possível perceber o conflito central de diversas histórias fazendo esse trabalho de interpretação da obra, depois de assisti-la ou lê-la. A narrativa sempre revelará qual é o problema maior, o conflito principal, e o conflito mais importante de ser superado e resolvido pelos protagonistas.

O problema central de uma narrativa com pouco conflito reside na falta de engajamento e interesse do público. Quando uma história carece de conflitos significativos, ela corre o risco de se tornar monótona e previsível. Resultando em uma trama sem momentos impactantes, onde os personagens não enfrentam desafios significativos ou não passam por transformações marcantes.

Além disso, o conflito é muitas vezes a força motriz por trás do desenvolvimento dos personagens e da trama. Sem conflito, os personagens podem não ter a oportunidade de mostrar sua resiliência, crescimento pessoal ou superação de obstáculos, elementos que são frequentemente centrais para uma narrativa cativante. Em resumo, o problema central de uma narrativa com pouco conflito é a falta de elementos que mantenham a atenção do público e proporcionem um desenvolvimento envolvente da história e dos personagens.

O Kishotenketsu é um modelo de estrutura narrativa tradicionalmente utilizado na Ásia, especialmente no Japão, China e Coreia. Ao contrário das narrativas ocidentais, que muitas vezes são centradas em conflitos e resoluções dramáticas, o Kishotenketsu busca criar uma experiência narrativa sem conflitos diretos. A estrutura do Kishotenketsu é composta por quatro partes:

<b>KI (INTRODUÇÃO)</b>
Apresenta o contexto e os personagens. Esta fase estabelece o cenário sem indicar imediatamente um conflito. Os elementos são apresentados de forma tranquila e informativa.
<b>SHO (DESENVOLVIMENTO)</b>
Desenvolve a história sem introduzir um conflito claro. Os eventos e personagens se expandem, criando uma base para a narrativa, mas sem criar tensões dramáticas.
<b>TEN (GIRO)</b>
Introduz um elemento surpresa ou reviravolta. Este momento gira a história de uma maneira inesperada, adicionando interesse sem depender de conflitos diretos. Pode ser uma revelação, descoberta ou mudança de perspectiva.
<b>KETSU (CONCLUSÃO)</b>
Oferece uma conclusão que integra os elementos estabelecidos, incluindo a reviravolta, sem recorrer a um conflito resolvido de maneira tradicional. A história fecha de maneira coesa, mesmo sem a resolução de um conflito evidente.

Como o Kishotenketsu não se baseia em conflitos diretos para criar tensão, ele depende mais da construção de um ambiente intrigante e de elementos narrativos que mantêm o interesse do público. Aqui estão algumas maneiras pelas quais o Kishotenketsu consegue trazer emoção e despertar interesse, mesmo sem conflitos dramáticos:

### SURPRESA E INOVAÇÃO

A reviravolta (Ten) introduz um elemento surpreendente, mantendo o público envolvido ao proporcionar uma experiência inesperada.

### EXPLORAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento (Sho) permite a exploração dos personagens e do mundo da história, criando um envolvimento emocional sem depender de conflitos imediatos.

### HARMONIA NARRATIVA

A conclusão (Ketsu) proporciona uma resolução harmoniosa, integrando os elementos da história de uma maneira satisfatória, mesmo sem a necessidade de resolver um conflito dramático.

### ÊNFASE NA ATMOSFERA

O Kishotenketsu muitas vezes se concentra na atmosfera, na estética e na ambientação para criar uma experiência envolvente que pode ser emocionalmente rica, mesmo sem conflitos intensos.

Embora o Kishotenketsu seja diferente das estruturas narrativas ocidentais centradas em conflitos, ele demonstra que é possível envolver e emocionar o público por meio de outros elementos narrativos, destacando a importância da surpresa, desenvolvimento e harmonia na construção de uma história cativante.

Por isso, podemos compreender que, mesmo que o Kishotenketsu careça de conflitos, isso não atrapalha o interesse do público na narrativa porque é possível valorizar outras ferramentas importantes, que também podem caminhar passo a passo em conjunto com conflitos. Trabalhar a reviravolta, surpresa e carisma de personagens pode te ajudar.

Todavia, se falarmos em desenvolver bons conflitos, podemos pensar em um passo a passo que pode ajudar nesse processo, e até mesmo pode te ajudar a construir uma narrativa com poucos conflitos, já que essa lista te ajudará no desenvolvimento de personagens e a ter mais conhecimento da sua própria história. Ter conhecimento do que você quer contar é sempre algo que não pode ser subestimado. O bom autor sabe do que sua história se trata e sabe quem são seus personagens, o que eles querem, para onde vão e o que pode ou não impedi-los disso.

### CONHEÇA SEUS PERSONAGENS

entenda profundamente quem são seus personagens, suas motivações, medos, desejos e valores. Personagens bem desenvolvidos fornecem a base para conflitos autênticos e significativos.

### ESTABELEÇA OBJETIVOS CLAROS

defina objetivos específicos para cada personagem. Os conflitos muitas vezes surgem da busca por metas conflitantes, criando tensão e drama na história.

### CRIE CONFLITOS INTERNOS

explore conflitos internos dentro dos personagens, como dilemas éticos, lutas emocionais ou decisões difíceis. Isso adiciona complexidade e profundidade psicológica à narrativa.

### INTRODUZA CONFLITOS EXTERNOS

lance desafios tangíveis aos personagens, como antagonistas formidáveis, obstáculos físicos ou situações adversas. Isso cria ação e mantém o público envolvido.

### USE CONFLITOS INTERPESSOAIS

explore relacionamentos complexos entre personagens, incluindo amizades complicadas, rivalidades e traições. Esses conflitos humanos adicionam camadas emocionais à história.

**CONFLITOS DE VALORES**

introduza dilemas morais e éticos que forcem os personagens a confrontar suas crenças fundamentais. Isso cria debates internos e conflitos ideológicos.

**CRIE REVIRAVOLTAS SURPREENDENTES**

mantenha o público intrigado com reviravoltas inesperadas na trama. Isso desafia as expectativas e mantém a narrativa imprevisível.

**DOSAGEM ADEQUADA DE CONFLITO**

encontre um equilíbrio na intensidade dos conflitos ao longo da história. Evite sobrecarregar o enredo, mas também não permita que a narrativa fique monótona.

**DESENVOLVA A PROGRESSÃO DOS CONFLITOS**

faça com que os conflitos evoluam ao longo da história, intensificando-se à medida que a trama se desenrola. Isso proporciona uma sensação de crescimento e desenvolvimento.

**RESOLUÇÃO SIGNIFICATIVA**

certifique-se de que os conflitos sejam resolvidos de maneira significativa. A resolução deve ter um impacto duradouro nos personagens e na trama. Ela não precisa de fato resolver o conflito, mas no mínimo deve deixar uma interpretação possível para o espectador. O personagem progrediu? Não progrediu? Porque ele fez ou deixou de agir de tal forma, e assim deve ser pensado e desenvolvido.

Ao seguir esses passos, é possível criar uma narrativa rica em conflitos, proporcionando entretenimento e emoção ao público. Lembre-se de que a chave está na diversidade e na profundidade dos conflitos, contribuindo para uma experiência envolvente e memorável.



## JORNADA DO HERÓI E OS CONFLITOS

Ao pensar pela perspectiva da “Jornada do Herói” clássica, proposta pelo mitólogo Joseph Campbell e popularizada por Christopher Vogler, o conflito desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do personagem ao longo dos passos dessa jornada. A estrutura da Jornada do Herói é composta por várias etapas, e o conflito é essencial para impulsionar o herói ou heroína através dessas fases de amadurecimento. Aqui estão algumas das funções do conflito nas diferentes etapas da Jornada do Herói:

### CHAMADO À AVENTURA

o conflito muitas vezes surge quando o herói é chamado para a aventura. Pode ser uma crise, uma ameaça iminente ou uma oportunidade que desafia a zona de conforto do protagonista.

### RECUSA AO CHAMADO

o conflito interno é evidente quando o herói inicialmente reluta em aceitar o chamado. Isso pode envolver medos, dúvidas ou relações interpessoais complicadas.

### ENCONTRO COM O MENTOR

o mentor frequentemente apresenta conflitos ao herói, desafiando-o a superar limitações e aceitar a jornada. O conflito aqui serve como catalisador para o crescimento e aprendizado.

### CRUZAMENTO DO LIMIAR

ao entrar no mundo especial da aventura, o herói encontra desafios e adversidades que representam conflitos significativos. Essas provações testam a determinação e habilidades do herói.

### ALIADOS E INIMIGOS

a formação de alianças e o surgimento de inimigos introduzem conflitos interpessoais, contribuindo para o desenvolvimento das relações do herói.

### APROXIMAÇÃO

o herói se aproxima do objetivo principal, enfrentando conflitos mais intensos e desafiadores. Isso marca o auge da tensão antes do clímax.

### CRISE

o ponto de crise é um momento diferenciado de conflito, muitas vezes envolvendo uma situação difícil que força o herói a confrontar seus maiores medos ou fraquezas.

### CLÍMAX

o confronto final, seja com um antagonista ou com a própria natureza, representa o ápice do conflito na história. Aqui, o herói alcança um ponto decisivo em sua jornada.

### RECOMPENSA E RESSURREIÇÃO

após a resolução do conflito principal, o herói é recompensado de alguma forma. O confronto e a superação dos desafios anteriores resultam em um amadurecimento significativo.

### RETORNO COM O ELIXIR

o herói retorna ao mundo ordinário, trazendo consigo o que foi aprendido durante a jornada. O conflito anterior e a superação dos desafios culminam em uma transformação duradoura.

Em resumo, o conflito na Jornada do Herói serve como um catalisador para o crescimento e desenvolvimento do personagem. Cada etapa da jornada é pontuada por desafios que testam as habilidades, a resiliência e a moral do herói, contribuindo para uma narrativa rica em emoção, superação e transformação.

## A DIFERENÇA DO CONFLITO NA JORNADA DA HEROÍNA



Sim, há diferenças significativas na importância do conflito entre a “Jornada do Herói” e a “Jornada da Heroína”. Embora ambos os modelos compartilhem elementos estruturais semelhantes, a forma como o conflito é abordado e como afeta os personagens pode variar com base nas experiências, desafios e arquétipos associados aos heróis e heroínas. Vamos explorar essas diferenças:

## NATUREZA DO CONFLITO

na "Jornada do Herói", o conflito muitas vezes é retratado de forma mais externa e física. O herói frequentemente enfrenta inimigos tangíveis, realizações heróicas e desafios épicos. Já na "Jornada da Heroína", o conflito pode ser mais internalizado, envolvendo questões emocionais, relacionamentos interpessoais e desafios psicológicos.

## DESENVOLVIMENTO RELACIONAL

na "Jornada da Heroína", os relacionamentos e conexões interpessoais geralmente desempenham um papel mais proeminente. O conflito pode ser derivado de complexidades nas relações, dilemas éticos, ou desafios sociais que a heroína enfrenta. Em contraste, na "Jornada do Herói", o foco pode estar mais na missão externa e na conquista de objetivos grandiosos.

## EMPODERAMENTO FEMININO

a "Jornada da Heroína" muitas vezes destaca temas de empoderamento feminino e autodescoberta. O conflito pode ser moldado em torno de superar estereótipos de gênero, desafiar expectativas sociais ou encontrar força em características consideradas tradicionalmente femininas.

## CONFLITOS INTERNOS

a "Jornada da Heroína" geralmente dedica mais espaço para explorar conflitos internos, como questões de autoestima, autoaceitação e autoconhecimento. Os desafios emocionais e psicológicos são frequentemente centrais para o desenvolvimento da heroína.

## NARRATIVA COLABORATIVA

em algumas narrativas da "Jornada da Heroína", a colaboração e a conexão com outros personagens são enfatizadas. O conflito pode ser resolvido por meio da cooperação, compaixão e empatia, promovendo valores de comunidade e interdependência.

## AMPLITUDE DE EXPERIÊNCIAS

a “Jornada da Heroína” muitas vezes abrange uma gama mais ampla de experiências, incluindo a maternidade, as relações familiares e as demandas sociais sobre as mulheres. O conflito pode se manifestar em desafios multifacetados que refletem a complexidade da vida feminina.

Para compreender o resumo desses arquétipos, embora ambos compartilhem o tema fundamental da jornada pessoal e crescimento, a “Jornada da Heroína” enfatiza aspectos específicos relacionados à experiência feminina e aborda o conflito de maneira mais centrada em relações, emoções e desafios internos. Ambas as abordagens têm seu valor único na criação de narrativas ricas e significativas.

## A IMPORTÂNCIA DOS DILEMAS DE PERSONAGENS

### VOCÊ SABE RESPONDER?

Por que ter dilemas na história e por que os personagens precisam enfrentá-los?

Acrescentar dilemas à narrativa é fundamental para enriquecer o desenvolvimento dos personagens, pois cria situações desafiadoras que exigem escolhas difíceis. Esses dilemas não apenas tornam a história mais envolvente, mas também contribuem significativamente para a complexidade e autenticidade dos personagens. Os motivos pelos quais os dilemas são importantes podem ser também apresentados a seguir.

**Realismo e Autenticidade:** ao enfrentar dilemas, os personagens se tornam mais realistas e autênticos. A vida real é repleta de decisões difíceis, e ao retratar dilemas, a narrativa reflete a complexidade das experiências humanas.

**Exploração de Valores e Ética:** dilemas muitas vezes envolvem escolhas éticas e morais, proporcionando aos personagens a oportunidade de refletir sobre seus valores fundamentais. Isso adiciona profundidade à caracterização e permite que o público compreenda melhor a essência dos personagens.

**Desenvolvimento de Caráter:** a maneira como os personagens lidam com dilemas revela muito sobre suas personalidades. Suas escolhas, reações e resoluções contribuem para o desenvolvimento do caráter, destacando aspectos como coragem, ética, integridade ou fraquezas.

**Tensão e Suspense:** dilemas introduzem tensão e suspense na narrativa, mantendo o público ansioso para descobrir as escolhas que os personagens farão. Isso cria um envolvimento emocional mais profundo e mantém o interesse ao longo da história.

**Crescimento e Transformação:** superar dilemas muitas vezes requer um processo de crescimento e transformação para os personagens. A resolução bem-sucedida de um dilema pode representar um marco significativo em sua jornada de desenvolvimento.

**Conexão com o Público:** dilemas são relatos universais que muitos leitores e espectadores podem entender e se relacionar. Ao explorar dilemas com os quais o público pode simpatizar, a narrativa cria uma conexão emocional mais forte entre os personagens e o público.

**Variedade e Complexidade na Trama:** a inclusão de dilemas adiciona camadas de complexidade à trama, evitando que a história se torne previsível. Dilemas bem elaborados desafiam os personagens e oferecem oportunidades para reviravoltas inesperadas na narrativa.

**Questionamento da Natureza Humana:** dilemas muitas vezes levantam questões profundas sobre a natureza humana, explorando temas como sacrifício, lealdade, egoísmo e altruísmo. Essas reflexões adicionam profundidade filosófica à narrativa.



#### EU INDICO

Um dilema enfrentado por Frodo Bolseiro pode ser visto nesse vídeo de *A Sociedade do Anel*, dirigido por Peter Jackson: <https://www.youtube.com/watch?v=p-jAAC13algs>.

Em uma cena emocionante, na qual Frodo relembra sua conversa com Gandalf sobre desejar não ter tido que ser o Portador do Anel e ter de destruí-lo, entendemos um dos dilemas centrais do personagem. Antes disso, Frodo e Gandalf têm uma conversa significativa sobre a vida e a morte, compaixão e ódio, e Gandalf defende esse conselho estóico para Frodo: às vezes, não há o que fazer, nem escolhas fáceis. Temos de lidar com os conflitos que nos são dados e enfrentá-los dentro dos nossos limites. “Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado”.

Como uma compensação por sua coragem de enfrentar seus medos e o possível fracasso de sua jornada, Sam aparece lembrando Frodo de que ele não estará sozinho, mesmo enfrentando tamanho sofrimento e dilemas. Mais pessoas desejam o seu bem e o bem para a Terra-Média, e se recusarão a deixá-lo lidar sozinho com esse fardo. E é graças a amizade de Sam e Frodo que o Anel será de fato destruído na conclusão do derradeiro clímax de *O Retorno do Rei*, o terceiro livro e filme da trilogia *O Senhor dos Anéis*.

Em resumo, acrescentar dilemas à narrativa é um fator de muita importância para o desenvolvimento de personagens, pois desencadeia uma série de eventos e decisões que moldam a jornada dos personagens e proporcionam uma experiência mais rica e significativa para o público. É por meio do enfrentamento de seus medos, angústias e problemas que o público se comove com os personagens, com a história e pode ele mesmo ter insights significativos sobre si e suas histórias pessoais. Histórias inspiram e, muitas vezes, nos ajudam a nos tornarmos pessoas melhores.

## A IMPORTÂNCIA DAS CONTRADIÇÕES

Personagens controversos são, frequentemente, considerados mais cativantes e memoráveis do que personagens rasos devido à sua complexidade e dualidade. A dualidade em personagens complexos cria uma riqueza psicológica que os torna mais intrigantes para o público. Vamos explorar a importância dessa dualidade, as diferenças entre personagens complexos e rasos, e porque personagens complexos são geralmente considerados mais envolventes.

### MÚLTIPLAS CAMADAS PSICOLÓGICAS

Personagens complexos apresentam uma variedade de emoções, motivações e traços de personalidade, muitas vezes contraditórios. Essa dualidade reflete a natureza multifacetada da condição humana, tornando os personagens mais realistas e relatórios.

### TOMADAS DE DECISÃO DIFÍCEIS

A dualidade em personagens controversos muitas vezes se manifesta em suas escolhas difíceis. Eles podem enfrentar dilemas morais complexos, desafiando o público a considerar diferentes perspectivas e compreender a ambiguidade das ações dos personagens.

### DESENVOLVIMENTO DINÂMICO

A dualidade permite que os personagens evoluam ao longo da narrativa. Eles podem aprender com suas experiências, superar conflitos internos e passar por transformações significativas, proporcionando uma jornada narrativa mais bem escrita.

Para isso, é bom também falar sobre as diferenças entre personagens complexos e rasos. Os **rasos** são personagens com características e motivações superficiais. Suas ações podem ser previsíveis, e sua falta de profundidade emocional pode resultar em menor empatia por parte do público. Já os **personagens complexos** têm motivações mais profundas, enfrentam dilemas internos e podem surpreender o público com suas ações. A dualidade em personagens complexos permite uma exploração mais profunda de suas vidas emocionais e mentais. Um bom exemplo de filme que representa um personagem complexo é Coringa, de Todd Phillips, uma jornada do vilão.



Mas por que personagens complexos são melhores? Muitas respostas podem ser detalhadas:

#### ENGAJAMENTO EMOCIONAL

a dualidade emocional em personagens complexos cria um envolvimento emocional mais forte por parte do público. A capacidade de se relacionar com as lutas internas dos personagens torna a experiência mais rica e significativa.

#### REALISMO E AUTENTICIDADE

personagens complexos refletem a realidade da natureza humana, que é intrinsecamente complexa. O realismo proporcionado pela dualidade torna as narrativas mais autênticas e ressonantes.

#### EXPLORAÇÃO DE TEMAS PROFUNDOS

a dualidade permite a exploração de temas profundos, como moralidade, identidade e redenção. Personagens complexos muitas vezes são usados para transmitir mensagens mais sofisticadas e provocativas.

#### MEMORABILIDADE

personagens controversos e complexos tendem a ser mais memoráveis, pois desafiam as expectativas e deixam uma impressão duradoura no público.

#### DESENVOLVIMENTO NARRATIVO SATISFATÓRIO

a dualidade oferece oportunidades para um desenvolvimento narrativo mais satisfatório. Confrontar conflitos internos e superar desafios emocionais resulta em arcos de personagens mais ricos e gratificantes.

Em conclusão, personagens controversos e complexos, com sua dualidade emocional e psicológica, são considerados mais envolventes porque oferecem uma experiência narrativa mais profunda, desafiando as expectativas do público e proporcionando uma representação mais autêntica da complexidade humana. Por isso, é uma boa sugestão se dedicar a trabalhar bem o caráter, os dilemas éticos e as controvérsias de seus personagens, de maneira que sua história fique mais interessante e isso torne mais ressaltada a possibilidade do público e espectadores gostarem e se identificarem com seus personagens também.

 **EM FOCO**

Acesse a videoaula para ter mais informações e conhecimentos sobre os assuntos pertinentes a este tema. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

## NOVOS DESAFIOS

Depois de trabalhar a teoria por trás dos conflitos, dilemas e contradições, você já seria capaz de pôr em prática a construção de uma trama complexa e de personagens mais carismáticos e profundos. Para sugerir mais um passo a passo disso, vamos propor um pequeno dever de casa que você pode fazer.

Desenvolver um protagonista complexo requer uma abordagem cuidadosa para criar motivações profundas e camadas significativas de personalidade. Aqui está um passo a passo para ajudar no desenvolvimento de um protagonista complexo:

- **Compreensão da jornada narrativa:** antes de começar a desenvolver o protagonista, tenha uma compreensão clara da jornada narrativa. Identifique os principais pontos da trama e como o protagonista evoluirá ao longo da história.
- **Background e história pessoal:** crie um histórico abrangente para o protagonista. Isso inclui sua origem, experiências de vida, relacionamentos familiares, eventos significativos passados, traumas e triunfos. Esses elementos moldarão suas motivações e comportamentos presentes.

- **Motivações internas e externas:** defina tanto as motivações internas quanto externas do protagonista. Motivações internas podem incluir desejos, medos, aspirações e conflitos internos. Motivações externas referem-se a objetivos tangíveis relacionados à trama.
- **Conflitos e dilemas pessoais:** introduza conflitos e dilemas pessoais que o protagonista terá que enfrentar. Isso pode envolver questões éticas, decisões difíceis ou confrontos emocionais. Os dilemas contribuem para a complexidade da personalidade.
- **Traços de personalidade contrastantes:** dê ao protagonista uma gama de traços de personalidade contrastantes. Isso pode incluir virtudes e falhas, forças e fraquezas, tornando o personagem mais tridimensional.
- **Relacionamentos significativos:** desenvolva relacionamentos significativos para o protagonista. Como ele se relaciona com os outros personagens? Essas interações ajudarão a revelar diferentes aspectos de sua personalidade.
- **Crescimento e transformação:** planeje o crescimento e a transformação do protagonista ao longo da história. Considere como suas experiências e decisões moldarão sua evolução, levando a uma mudança significativa no final.
- **Flashbacks e memórias:** use flashbacks e memórias para revelar detalhes do passado do protagonista de maneira gradual. Isso adiciona profundidade à sua história e motivações.
- **Voz distinta:** desenvolva uma voz distinta para o protagonista. Isso inclui sua maneira de falar, pensar e agir. Uma voz distinta contribui para a identidade única do personagem.
- **Contradições e surpresas:** introduza contradições e surpresas na personalidade do protagonista. Ninguém é completamente previsível, e revelar camadas inesperadas mantém o interesse do público.
- **Feedback de teste:** compartilhe a descrição e características do protagonista com outros escritores ou leitores e obtenha feedback. Isso pode ajudar a identificar áreas que precisam de aprimoramento e garantir que o protagonista seja percebido como complexo e autêntico.

Ao seguir esse passo a passo, você estará criando um protagonista com motivações profundas, camadas significativas de personalidade e a complexidade necessária para envolver o público ao longo da narrativa. Da mesma maneira, conflitos interessantes são essenciais para aprofundar uma história e manter o interesse do público. A seguir, elencamos algumas etapas importantes para criar conflitos envolventes:

### ESTABELEÇA OBJETIVOS CLAROS

Defina claramente os objetivos dos personagens. Os conflitos surgem quando esses objetivos entram em conflito, criando tensão e interesse.

### INTRODUZA PERSONAGENS COMPLEXOS

Crie personagens com motivações e traços de personalidade complexos. Personagens multifacetados muitas vezes geram conflitos mais ricos e envolventes.

### CONFLITOS INTERNOS E EXTERNOS E UTILIZE DILEMAS ÉTICOS

Desenvolva tanto conflitos internos quanto externos. Introduza dilemas éticos que forcem os personagens a tomar decisões difíceis. Esses dilemas adicionam complexidade moral à história.

### CRIE CONFLITOS INTERPESSOAIS

Desenvolva relações interpessoais complicadas.

### PENSE EM CONFLITOS DE VALORES E CRENÇAS

Explore conflitos que surgem de diferenças fundamentais de valores e crenças entre personagens. Isso cria tensão ideológica na história.

### AUMENTE A INTENSIDADE GRADUALMENTE

Aumente a intensidade dos conflitos ao longo da narrativa. Comece com desafios menores e vá escalando para situações mais complexas e difíceis.

## USE O AMBIENTE A FAVOR E DESENVOLVA CONSEQUÊNCIAS RELEVANTES

Tire proveito do ambiente da história para criar conflitos. Seja através de desastres naturais, situações adversas ou configurações hostis, o ambiente pode ser uma fonte rica de tensão. Garanta que as escolhas dos personagens tenham consequências significativas. Consequências reais e impactantes aumentam a seriedade dos conflitos.

## RESOLUÇÃO SIGNIFICATIVA

Ao resolver os conflitos, certifique-se de que a resolução seja significativa e contribua para o desenvolvimento dos personagens e da trama.

Assim, você construirá uma narrativa rica em conflitos, criando uma experiência envolvente e emocionante para o público. Tente usar essas listagens de metas para escrever e defina um protagonista que siga esse catálogo, bem como uma história que também siga essas sugestões. Com imaginação, dedicação, esforço e criatividade, logo você, verá uma boa história, que você mesmo escreveu, fluir.

# AUTOATIVIDADE

---

1. Storytelling é a demonstração criativa da verdade. A história é a prova viva de uma ideia, da conversão de uma ideia em ação. A estrutura de eventos de uma história é o meio pelo qual você primeiramente se expressa e, então, prova sua ideia.... Sem explicação. Segundo Robert McKee (2017), quais são os três tipos mais comuns de conflito em uma narrativa?
  - a) O interno, o internalizado e o externo.
  - b) O externalizado, o interno e o coletivo.
  - c) O arquetípico, o externalizado e o interno.
  - d) O interno, o pessoal e o extrapessoal.
  - e) O interno, o impessoal e o pessoal.
  
2. Uma história é movida por conflito, pois ela nasce da luta que o personagem faz ao tentar alcançar aquilo que ele deseja. É a diferença entre expectativa e a realidade. A cada novo risco que o personagem assume, cria-se a tensão de uma história, que, por fim, resultará no clímax. O conflito pessoal é:
  - I - Medido por relações com outros personagens.
  - II - Decorre da ação de personagens secundários, e não do protagonista.
  - III - Pode ser o conflito entre pais e filhos.É correto o que se afirma em:
  - a) I, apenas.
  - b) III, apenas.
  - c) I e II, apenas.
  - d) II e III, apenas.
  - e) I, II e III.
  
3. Complicação é diferente de complexidade, e um pode ou não ajudar o outro. Depende de como serão escritos e pensados. Uma maneira de as complicações ajudarem a história a se tornar mais interessante é:
  - a) Boas complicações evitam que a história fique monótona e ajudam na progressão emocional.
  - b) As complicações não ajudam a história.
  - c) Complicações são necessariamente melhores.
  - d) A falta de complicações torna uma história menos bem escrita.
  - e) As complicações não influenciam na evolução dos personagens.

# REFERÊNCIAS

---

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. 10 ed. Pensamento, 2005.

FIELD, S. **Roteiro**: os Fundamentos do Roteirismo. São Paulo: Arte e Letra, 2005.

MCKEE, R. **Story**: substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro. São Paulo: Arte e Letra, 2017.

MURDOCK, M. **A jornada da heroína**: a busca da mulher para se reconectar com o feminino. 1 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

# GABARITO

---

1. Alternativa D. Pois Robert McKee divide os conflitos narrativos em três maneiras principais: conflitos internos, pessoais e extrapessoais.
2. Alternativa E. Porque as afirmativas I, II e III estão corretas, o conflito pessoal é o que se desdobra entre o protagonista e os personagens secundários, portanto, entre um personagem principal e outros personagens que ajudam a compor a trama também.
3. Alternativa A. As complicações ajudam a tornar a história mais interessante porque aumentam a dose de emoções, trazendo mais tensão e ação e evitando a monotonia ou que o ritmo da narrativa perca o movimento e fique sem graça.





TEMA DE APRENDIZAGEM 6

# CRIAÇÃO DE PERSONAGENS

## MINHAS METAS

- Introduzir a importância da boa criação de personagens.
- Comentar sobre estruturas de criação de personagens.
- Indicar sobre a relevância da complexidade de personagens.
- Destacar a importância de diversificar qualidade e perspectivas de histórias.
- Trabalhar arcos de transformação.
- Sugerir a importância de diálogos significativos.
- Apresentar dicas de um passo a passo para montar bons personagens.

## INICIE SUA JORNADA

Pensando em todas as formas de arte audiovisual que você conhece, sem dúvidas, muitas das obras que você mais ama se devem não só a uma excelente história, mas por algo a mais que é componente delas: **ótimos personagens**. Pensando nisso como podemos começar o desenvolvimento de personagens?

Dentro dessa ampla paisagem narrativa, onde as palavras se entrelaçam para contar histórias, os personagens são os verdadeiros arquitetos do encanto das histórias. São eles que dão vida às tramas, colorindo as páginas com suas nuances emocionais e jornadas cativantes. A habilidade de desenvolver personagens marcantes não é apenas uma destreza técnica, mas sim uma arte refinada, que eleva a qualidade da escrita.

Por isso, exploraremos a importância vital de criar personagens sólidos, trazendo à tona o impacto profundo que eles têm na ressonância de uma história e na conexão duradoura com os leitores. Prepare-se para descobrir como os personagens são a essência da narrativa, moldando e transcendendo as palavras para se tornarem seres inesquecíveis que habitam os corações daqueles que os encontram nas páginas de um livro.

Estudante, como atividade, gostaria que você começasse a desenvolver um personagem, e, claro, uma história para este personagem e lembre-se de que o caminho a se seguir é o da profundidade psicológica, das características físicas e sociais para a construção.



### PLAY NO CONHECIMENTO

Vamos comentar sobre uma aba muito importante na criação de personagens. A jornada da heroína e a criação de boas personagens femininas. No podcast, vamos escutar o que é a jornada da heroína, como ela se fundamenta, por que é importante e como ela se diferencia da jornada do herói. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

## VAMOS RECORDAR?

Assista ao vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=uQETPDgetjQ>, para ressaltar o que falamos sobre esse assunto, e aprendermos a melhorar a construção de personagens complexos de qualquer gênero, sem ficarmos presos aos papéis tradicionais e preconceituosos atribuídos aos gêneros e também a uma cultura de heteronormatividade, que apenas limita nossa criatividade e potencial enquanto artistas e autores. Por que diminuir e reduzir nossas histórias a perspectivas tão limitadas? É importante reaprender e ter a humildade para baixar nossas defesas e desenvolver o conhecimento de histórias, motivos e pessoas diferentes.

## DESENVOLVA SEU POTENCIAL

Precisamos comentar que a criação de personagens profundas e envolventes é uma peça fundamental no quebra-cabeça da narrativa, capaz de elevar uma história de comum a inesquecível. Dois gigantes no mundo da escrita de roteiros, Robert McKee e Syd Field, oferecem insights valiosos sobre como construir personagens que ressoam com a audiência. Neste texto, mergulharemos nas perspectivas desses mestres e forneceremos um guia prático, passo a passo, para o desenvolvimento de personagens que perduram na memória do público.

Robert McKee (2017) fala muito da profundidade psicológica. Em sua obra *Story*, o autor destaca a importância da profundidade psicológica na construção de personagens. Ele afirma que personagens que permanecem nas mentes dos espectadores são aqueles cujas motivações são complexas e cujos conflitos internos são palpáveis. Isso ressalta a necessidade de entender as camadas mais profundas dos personagens, indo além de suas características superficiais.

A primeira etapa no processo de McKee é a criação do “design de personagem”. Ele incentiva os escritores a delinear as características físicas, psicológicas e sociais de cada personagem, explorando suas origens e influências. Em suas palavras, “cada cicatriz conta uma história”. Isso destaca a importância de conectar a história pessoal de um personagem aos eventos que ocorrem na trama. Não à toa personagens

com cicatrizes físicas, como Rurouni Kenshin, o famoso Kenshin Himura e “Samurai X”, são heróis e protagonistas tão clássicos na ficção. Harry Potter é outro ótimo exemplo. Cicatrizes são literais e metafóricas de maneira simultânea.

A cicatriz de Kenshin Himura, protagonista de “Samurai X” (Rurouni Kenshin), é uma marca física profunda e simbólica decorrente de

seu passado como um assassino

letal conhecido como Battou-

sai, o retalhador. A cicatriz

atravessa sua bochecha,

representando não ape-

nas as feridas físicas de

seu passado violento,

mas também as cica-

trizes emocionais de

suas ações. Essa marca

é central para a trama,

pois simboliza a busca

de Kenshin pela reden-

ção e pela transforma-

ção de um guerreiro san-

guinário em um pacifista

dedicado a proteger a justiça

e a paz, influenciando seu pre-

sente e sua jornada ao longo da série

de mangás e anime.



A cicatriz na testa de Harry Potter desempenha um papel central na narrativa do bruxo. Resultado de um ataque do bruxo das trevas Lord Voldemort quando ainda era um bebê, a cicatriz é mais do que uma marca física; ela é uma conexão mágica entre Harry e Voldemort, representando o passado traumático e o destino entrelaçado dos dois personagens. Essa cicatriz age como uma lembrança constante do sacrifício de seus pais e da ameaça iminente representada por Voldemort, dando a Harry uma motivação única para confrontar as forças

das trevas. A cicatriz é uma fonte de poder, mas também de responsabilidade, desempenhando um papel fundamental na jornada de Harry Potter de enfrentar seu passado e cumprir seu destino como o “menino que sobreviveu”.

McKee (2017) também enfatiza a construção de arcos de transformação significativos. Ele sugere que “personagens estáticos são tediosos; os verdadeiros protagonistas crescem e evoluem”. Ao criar conflitos internos que desafiam as crenças fundamentais do personagem, os escritores têm a oportunidade de explorar sua resiliência e capacidade de mudança. Syd Field (2005), por sua vez, falará da estrutura narrativa e objetivos claros.

Syd Field, autor de *O Livro do Roteiro*, concentra-se na estrutura narrativa, mas reconhece a interconexão entre uma narrativa sólida e personagens bem desenvolvidos. Ele destaca a importância dos objetivos claros dos personagens como motores da trama, pois para ele cada personagem deve possuir um desejo ou objetivo, o que gera conflito e, por conseguinte, mantém o interesse do público.

O autor pensa e propõe um método em três partes para desenvolver personagens: o desejo consciente, o desejo inconsciente e o desejo não reconhecido. O primeiro é evidente e impulsiona as ações externas do personagem. O segundo refere-se às motivações mais profundas e subconscientes. O terceiro, muitas vezes desconhecido pelo próprio personagem, é revelado ao longo da história, adicionando complexidade.



## VOCÊ SABE RESPONDER?

Como começar o desenvolvimento de personagens?

Faça uma pesquisa profunda: entenda as motivações, origens e experiências de seus personagens. Explore suas cicatrizes emocionais e como essas influenciam suas decisões.

### DESIGN DE PERSONAGEM

Crie perfis detalhados, incluindo características físicas, psicológicas e sociais. Ligue suas características visíveis e invisíveis à sua jornada na trama.

### OBJETIVOS CLAROS

Estabeleça objetivos tangíveis e motivadores para cada personagem. Isso fornece uma direção clara à história e cria conflito quando os objetivos entram em conflito.

### ARCO DE TRANSFORMAÇÃO

Desenvolva um arco narrativo significativo para seus personagens, explorando conflitos internos que desafiam suas convicções fundamentais.

## E A JORNADA DO HERÓI?

Ao seguir esses passos, os escritores podem criar personagens que não apenas conduzem a história, mas também deixam uma impressão duradoura na audiência. Esses métodos não apenas se alinham com as ideias de McKee e Field, mas também se conectam com a mitologia clássica, como a "Jornada do Herói". A pro-

fundidade psicológica e objetivos claros convergem para formar personagens que não apenas existem na trama, mas que vivem nas mentes e corações do público.

A Jornada do Herói, popularizada por Joseph Campbell, é uma estrutura narrativa que transcende culturas e períodos históricos, fornecendo um modelo arquetípico para as narrativas épicas. Ela geralmente começa com o chamado à aventura, onde o protagonista é apresentado a um desafio ou oportunidade que o levará além dos limites conhecidos de sua realidade. Inicialmente relutante, o herói é frequentemente incentivado por um mentor a aceitar a jornada, entrando assim no mundo especial ou sobrenatural.

Ao longo da jornada, o herói enfrenta uma série de testes, desafios e encontros com aliados e inimigos. Ele cresce não apenas em habilidades físicas, mas

também em sabedoria e compreensão de si mesmo e do mundo ao seu redor. Em um ponto culminante, o herói enfrenta seu maior desafio, muitas vezes simbolizado por um confronto com um antagonista poderoso.

O clímax é seguido pela fase de recompensa e retorno, onde o herói traz consigo um elixir, conhecimento ou poder adquirido durante a jornada. Ao retornar ao

mundo cotidiano, o herói compartilha seus dons com a comunidade, restaurando a ordem ou trazendo benefícios. A Jornada do Herói é uma estrutura versátil que pode ser aplicada a uma variedade de histórias, proporcionando um arco narrativo rico e envolvente que ressoa com a experiência humana.

Essa jornada consiste em uma série de estágios ou passos que um protagonista típico percorre em uma narrativa épica. Embora as histórias possam variar, os principais estágios da Jornada do Herói geralmente incluem:



## MUNDO COMUM

O herói começa em um ambiente comum, muitas vezes mostrando sua vida normal antes de receber o chamado à aventura.

## CHAMADO À AVENTURA

O protagonista recebe um desafio ou oportunidade que o tira da zona de conforto, instigando a jornada.

## RECUSA DO CHAMADO

Inicialmente, o herói pode hesitar ou recusar o chamado devido a medos, responsabilidades ou incertezas.

## ENCONTRO COM O MENTOR

O herói encontra um mentor ou guia que fornece conselhos, conhecimentos ou ferramentas essenciais para a jornada.

## TRAVESSIA DO PRIMEIRO LIMIAR

O herói embarca na jornada, atravessando um limiar que simboliza a entrada no mundo especial ou sobrenatural.

## TESTES, ALIADOS E INIMIGOS

O herói enfrenta uma série de desafios, encontra aliados e inimigos, desenvolvendo suas habilidades e entendendo o novo ambiente.

## APROXIMAÇÃO DA CAVERNA PROFUNDA

O herói se prepara para enfrentar o desafio principal, muitas vezes simbolizado por uma "caverna profunda" ou um confronto significativo.

### PROVAÇÃO SUPREMA

O protagonista enfrenta seu maior desafio, muitas vezes em um confronto com um antagonista formidável.

### RECOMPENSA

Após superar a provação, o herói recebe uma recompensa, que pode ser conhecimento, poder, um objeto especial ou a própria sobrevivência.

### CAMINHO DE VOLTA

O herói inicia o caminho de volta ao mundo comum, carregando a recompensa consigo. O herói enfrenta um último teste ou confronto, muitas vezes uma versão mais difícil da provação suprema, mostrando seu crescimento e transformação.

### RESSURREIÇÃO

Essa fase do ciclo do herói reflete a ideia de renovação, transformação e renascimento, simbolizando que o herói emergiu das provações como uma pessoa transformada e mais completa. A ressurreição destaca o aspecto cíclico da jornada do herói, onde o fim de uma fase é também o começo de uma nova, demonstrando o ciclo contínuo de crescimento, desafios e renovação.

### RETORNO COM O ELIXIR

O herói retorna ao mundo comum, trazendo consigo o elixir, conhecimento ou dádiva adquirida durante a jornada.

Esses estágios não precisam ocorrer exatamente nessa ordem ou de forma linear, e muitas histórias podem omitir ou reorganizar alguns passos. A Jornada do Herói é uma estrutura flexível que serve como guia, mas sua aplicação pode variar conforme a narrativa e a criatividade do autor.

Usando *O Senhor dos Anéis* para consulta, falemos da proposta de Frodo Bolseiro enquanto um herói, como a narrativa de J. R. R. Tolkien se encaixa em tais pormenores, e o desenvolvimento de Frodo, e também de muitos outros personagens principais da trama, podem ser desenvolvimentos de jornadas de heróis. Afinal, na Terra-Média não faltaram personagens heroicos e com ótimas motivações, carisma e profundidade, sem dúvidas. Conforme proposta por Joseph Campbell. Frodo Bolseiro, o protagonista da história, personifica muitos dos elementos-chave desse arco narrativo.

### CHAMADO À AVENTURA

Frodo é convocado por Gandalf a empreender a jornada para destruir o Anel, que ameaça cair nas mãos de Sauron.

### RECUSA DO CHAMADO

Inicialmente, Frodo reluta em aceitar a responsabilidade e os perigos associados à missão, preocupado com o peso da carga que lhe é confiada.

### ENCONTRO COM O MENTOR

Gandalf atua como mentor de Frodo, fornecendo orientação, conselhos e um entendimento mais profundo da ameaça representada pelo Anel.

### TRAVESSIA DO PRIMEIRO LIMAR

Frodo parte de Vila dos Hobbits, atravessando a fronteira e entrando no vasto e perigoso mundo de Terra-Média.

### TESTES, ALIADOS E INIMIGOS

Frodo enfrenta inúmeros testes, encontra aliados leais como Sam, Merry e Pippin, e confronta inimigos mortais, incluindo Nazgûl e Gollum.

### PROVAÇÃO SUPREMA

A destruição do Anel em Mordor representa a prova final, onde Frodo enfrenta Sauron e a tentação de sucumbir ao poder do Anel.

### RECOMPENSA

Apesar das cicatrizes físicas e emocionais, Frodo alcança a recompensa de salvar a Terra-Média e a possibilidade de encontrar paz nas Terras Imortais.

### RETORNO COM O ELIXIR

Frodo volta ao Condado, mas sua jornada não está completa, pois ele precisa enfrentar o desafio da reconstrução após as mudanças provocadas pela guerra.

Frodo Bolseiro se define como herói não apenas por suas ações heroicas, mas pela maneira como enfrenta desafios pessoais e morais. Sua humildade, coragem e resistência à tentação do Um Anel o destacam como um herói verdadeiro. Ele não busca glória pessoal, mas aceita a carga da missão em prol do bem maior.

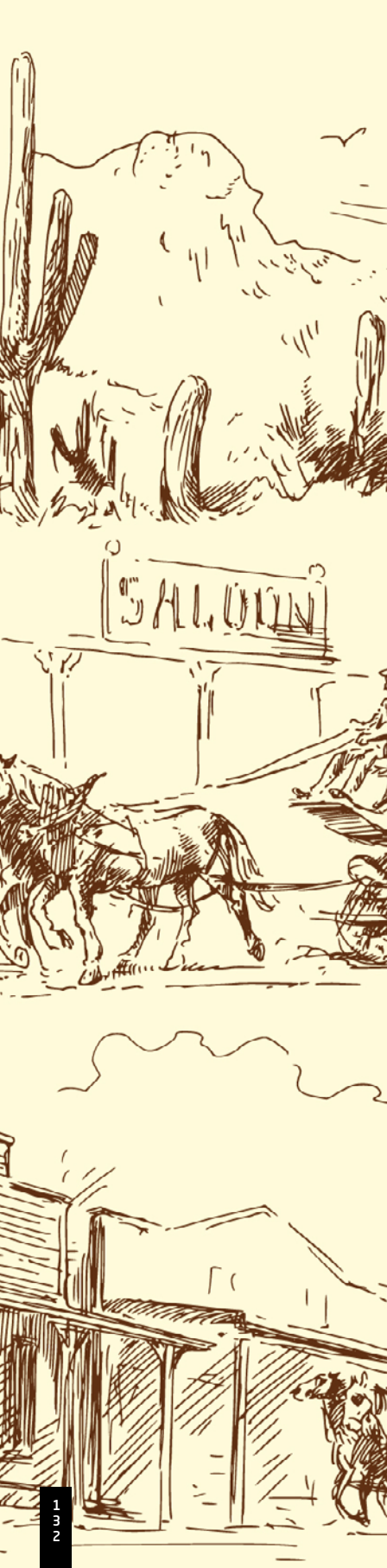
Representando a humanidade diante de desafios monumentais, Frodo mostra que até os mais simples e aparentemente frágeis podem fazer a diferença na luta contra a escuridão. Sua jornada, com todas as dificuldades e sacrifícios, reflete não apenas a Jornada do Herói, mas também a jornada universal de autodescoberta, coragem e resistência face ao mal.



## **PROFUNDIDADE PSICOLÓGICA EM PERSONAGENS: A CHAVE DA IDENTIFICAÇÃO E DO CARISMA**

A profundidade psicológica em personagens é uma ferramenta poderosa na construção de narrativas envolventes. Vai além da superfície, explorando as motivações, conflitos internos e evolução emocional dos personagens. Essa abordagem não apenas enriquece a trama, mas também ajuda a capacidade dos leitores e espectadores de se identificarem e se conectarem emocionalmente com os personagens.

A razão pela qual usamos personagens como veículos de identificação nas histórias está enraizada em nossa natureza humana. Através dos personagens, vivenciamos diferentes perspectivas e experiências sem sair do nosso próprio mundo. Ao nos identificarmos com as lutas, triunfos e transformações dos personagens, encontramos espelhos de nossa própria jornada, proporcionando empatia e compreensão.



Podemos falar de dois videogames de grande sucesso, os jogos *Red Dead Redemption 1* e *Red Dead Redemption 2*, ambas narrativas muitíssimo bem trabalhadas sobre redenção. Primeiramente, em *Red Dead Redemption 1*, John Marston é forçado pelo governo a caçar seus ex-companheiros de gangue, incluindo seu antigo líder, Dutch van der Linde, como parte de um acordo para proteger sua família. Durante o jogo, John busca redenção por seus crimes passados e tenta deixar seu passado violento para trás. No entanto, sua jornada termina tragicamente quando ele é morto por agentes do governo.

Falando de *Red Dead Redemption 2*, uma prequel de *Red Dead Redemption 1*, Arthur Morgan é retratado como um fora da lei endurecido que começa a questionar seu estilo de vida violento e suas lealdades conforme a gangue Van der Linde se desfaz. Ele busca redenção ao tentar proteger e ajudar os membros remanescentes da gangue, especialmente John Marston e sua família. Ao longo do jogo, Arthur confronta seu passado e suas ações, tentando fazer o que considera certo antes de seu final heróico, depois de uma jornada de generosidade e de aplacar seus crimes do passado. Ambos os personagens são protagonistas muito amados pelos jogadores.

Os personagens buscam redenção de suas vidas passadas como fora da lei, tentando fazer o que consideram certo em um mundo cada vez mais hostil e sem lei. Suas jornadas exploram temas de moralidade, lealdade e o preço da violência, culminando em finais que refletem suas lutas por redenção e aceitação.

O trabalho de desenvolvimento de John Marston e Arthur Morgan é exemplar pela forma como a

Rockstar Games construiu suas histórias e personalidades de maneira aprofundada e envolvente. Em ambos os casos, os jogadores testemunham uma jornada de redenção e autodescobrimento, tornando-se parte integrante da narrativa.

John Marston, em *Red Dead Redemption 1*, é apresentado como um ex-fora da lei em busca de sua família, forçado a caçar seus antigos companheiros de gangue para o governo, o que demonstra que sua jornada é marcada por escolhas difíceis e confrontos emocionais, culminando em um final poderoso e emocionalmente impactante.

Já Arthur Morgan, em *Red Dead Redemption 2*, é um membro leal e respeitado da gangue de Dutch van der Linde, que começa a questionar suas próprias crenças e lealdades à medida que a gangue se desintegra. Dessa maneira, podemos pensar que sua jornada é uma busca por redenção pessoal, enquanto ele tenta fazer as pazes com seu passado e fazer o que é certo para si mesmo e para aqueles que o rodeiam.

O que torna esses personagens tão bem desenvolvidos é a maneira como suas histórias são apresentadas ao jogador. As missões principais e secundárias não apenas avançam a trama, mas também exploram os aspectos mais profundos de suas personalidades. Além disso, os diálogos, interações e até mesmo as escolhas que o jogador faz ao longo do jogo contribuem para moldar a jornada emocional desses personagens.

Por fim, o trabalho de dublagem e captura de movimentos também desempenha um papel bem diferenciado na criação desses personagens. A performance de voz e a expressividade facial dos personagens adicionam camadas de emoção e realismo às suas histórias, fazendo com que os jogadores se sintam mais conectados e investidos em suas jornadas.

Em suma, o trabalho de desenvolvimento de John Marston e Arthur Morgan é uma conquista notável na indústria de jogos, demonstrando como personagens complexos e bem escritos podem elevar a experiência do jogador e criar narrativas memoráveis e impactantes.

Isso fala muito sobre identificação. A identificação ocorre quando os leitores ou espectadores conseguem ver traços familiares nos personagens, seja em suas aspirações, medos, ambições ou dilemas. A profundidade psicológica permite que os personagens transcendam estereótipos, tornando-se seres multidimensionais com os quais o público pode se relacionar. **A seguir, verifique alguns sinais de identificação bem-sucedida:**

### EMPATIA DO PÚBLICO

Se os leitores ou espectadores compartilham as emoções dos personagens, se preocupam com suas jornadas e sentem suas vitórias e derrotas, isso indica uma identificação bem-sucedida.

### REFLEXÃO DA EXPERIÊNCIA HUMANA

Se os personagens refletem aspectos universais da condição humana, como amor, perda, ambição e crescimento pessoal, há uma maior probabilidade de identificação.

### RELACIONALIDADE

Personagens com os quais o público pode se relacionar em termos de desafios, dilemas morais ou situações cotidianas tendem a gerar identificação mais forte.

## Carisma dos Personagens

O carisma é outra dimensão que se deve prestar muita atenção e ser cuidadoso, quando refletimos a respeito de trabalhar a profundidade psicológica dos personagens. Isso porque personagens carismáticos têm a capacidade de atrair e cativar o público de maneira única. Seja pelo seu caráter magnético, humor, sagacidade ou simples autenticidade, esses personagens permanecem na memória dos espectadores. Verifique a seguir os sinais de carisma em personagens:

### CARÁTER MAGNÉTICO

Personagens carismáticos têm uma presença magnética que capta a atenção do público sempre que estão em cena.

### DIÁLOGOS MEMORÁVEIS

Linhas de diálogo impactantes, inteligentes ou emocionais contribuem para o carisma do personagem.

### COMPLEXIDADE CATIVANTE

Personagens com camadas e contradições tornam-se mais intrigantes e carismáticos, pois desafiam as expectativas do público.

## Como garantir profundidade e carisma

Ao criar personagens com profundidade psicológica, você não apenas enriquece sua história, mas também estabelece conexões mais fortes com seu público. Personagens identificáveis e carismáticos transcendem as páginas e telas, deixando uma impressão duradoura na mente e no coração da audiência.

### PESQUISA PROFUNDA

Conheça o seu personagem intimamente, explorando sua história de vida, motivações, traumas e ambições.

### ARCO DE TRANSFORMAÇÃO

Permita que o personagem cresça e mude ao longo da narrativa. A jornada emocional é fundamental para gerar identificação.

### AUTENTICIDADE

Desenvolva personagens autênticos, com características realistas e imperfeições, tornando-os mais humanos e acessíveis.

## DIÁLOGOS SIGNIFICATIVOS

Construa diálogos que revelem a personalidade, pensamentos e emoções dos personagens. Diálogos bem escritos são essenciais para o carisma.

## DESAFIOS E CONFLITOS INTERNOS

Coloque os personagens em situações desafiadoras que exigem reflexão interna. Os conflitos internos contribuem para a profundidade emocional.

## Criando um arco narrativo complexo e carismático

Criar um arco narrativo complexo e carismático para um personagem é fundamental para envolver o público e tornar a história memorável. Robert McKee, renomado roteirista e educador de storytelling, enfatiza a importância de desenvolver personagens tridimensionais. A seguir, estão algumas diretrizes e exemplos citados por McKee (2017) e outros roteiristas famosos:

**Profundidade Emocional:** exemplo de McKee: em sua obra *Story*, McKee destaca a importância de explorar as emoções do personagem.

**Arco de Transformação:** exemplo de Michael Arndt (*Toy Story 3*, *Pequena Miss Sunshine*): Arndt destaca a importância do arco de transformação do personagem. Em *Toy Story 3*, Woody, Buzz e outros brinquedos passam por uma jornada que os transforma, explorando temas de perda e mudança.

**Conflitos Internos e Éticos:** exemplo de Christopher Nolan (*O Cavaleiro das Trevas*): Nolan cria um Batman complexo, que lida não apenas com desafios físicos, mas também com conflitos éticos. O Coringa desafia não apenas o herói, mas sua visão moral, tornando o arco narrativo mais intrigante.

**Ambiguidade Moral:** exemplo de Coringa, dirigido por Todd Haynes. A "jornada de vilão" que Arthur Fleck passa até se tornar o Coringa mostra que ele era um personagem inicialmente bom e mais encaixado com uma moralidade considerada "bondosa", antes de sua corrupção derradeira. Acompanhamos sua derrocada durante o filme.

**Motivações Intrigantes:** exemplo de Quentin Tarantino (*Pulp Fiction*, *Kill Bill*): Tarantino é mestre em criar personagens com motivações intrigantes. Em *Kill Bill*, a protagonista Beatrix Kiddo busca vingança, mas sua jornada também explora a maternidade e a redenção.

**Desenvolvimento de Relacionamentos:** exemplo de Harry Potter: é importante fazer um recorte da relevância de relacionamentos complexos. Harry Potter, o protagonista, enfrenta não apenas Voldemort e bruxos das trevas, mas desafios em seus relacionamentos interpessoais, enriquecendo seu arco narrativo.

Ao criar um arco narrativo, é preciso prestar muita atenção ao se considerar o contexto da história, as motivações do personagem e os desafios que ele enfrentará. A complexidade e carisma emergem quando os escritores exploram as camadas emocionais, éticas e relacionais de seus personagens, proporcionando uma experiência mais envolvente para o público.

## COMO FUGIR DE ESTEREÓTIPOS?

Pelo livro *A Jornada da Heroína* (MURDOCK, 2022), compreendemos que as mulheres teriam um “patriarca interiorizado”, porque, infelizmente, fomos ensinados culturalmente que o feminino e as performances de gênero femininas são super criticadas e desvalorizadas em comparação ao masculino. E como podemos romper com essas estruturas preconceituosas, ao mesmo tempo que não apenas “militamos por militar”, mas, sim, criamos personagens mais sinceros, complexos e menos reduzidos a papéis de gênero?

Na busca por personagens autênticos, é fundamental romper não apenas com estereótipos, mas também desafiar os papéis de gênero convencionais e subverter preconceitos sociais. Ao criar personagens, permita que eles expressem uma variedade de características independentemente do gênero, desafiando normas tradicionais que podem restringir ou limitar a complexidade emocional. A ousadia de desviar dessas expectativas pode resultar em figuras mais ricas e humanas, destacando que a identidade vai além de padrões binários.

A subversão de preconceitos sociais pode ser realizada ao questionar e desafiar as narrativas tradicionais que perpetuam estigmas e discriminação. Isso envolve a conscientização das representações culturais, étnicas ou sociais, evitando cair em armadilhas de generalização. Em vez disso, explore histórias de personagens que quebram barreiras e desafiam preconceitos, permitindo que a narrativa destaque as riquezas e nuances de experiências muitas vezes marginalizadas.

Ao dar voz a personagens que desafiam as normas sociais, é possível construir narrativas poderosas que inspiram a reflexão e promovem uma compreensão mais profunda da diversidade humana. Essa abordagem não apenas enriquece as histórias, mas também contribui para uma representação mais inclusiva e positiva na literatura.

 **EM FOCO**

Acesse a videoaula para ter mais informações e conhecimentos sobre os assuntos pertinentes a este tema. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

## NOVOS DESAFIOS

Agora vamos ao passo a passo para criar um bom personagem: ao criar um personagem, é aconselhável pensar em realizar uma análise profunda do contexto social que o cerca. Leve a sério a sociedade e o contexto social do personagem, considerando sua origem, classe social, educação e como esses elementos moldam suas perspectivas. Pergunte-se como o ambiente influencia suas crenças, valores e comportamentos, proporcionando assim uma base sólida para o desenvolvimento do personagem.

Além disso, é essencial adicionar complexidade ao personagem, criando camadas, contradições e conflitos internos. Desenvolva um indivíduo multifacetado explorando suas fraquezas, medos e desejos ocultos. Considere como suas experiências passadas influenciam suas escolhas presentes, criando uma narrativa rica e complexa que cativará o público.

Os relacionamentos do personagem são importantes para suas jornadas. Portanto, desenvolva diálogos autênticos que revelem aspectos de sua personalidade e proporcionem insights emocionais. Considere como ele interage com diferentes personagens e como essas relações evoluem ao longo da história, enriquecendo a narrativa com dinâmicas humanas realistas.

Aprofunde-se nas questões psicológicas do personagem, identificando traumas, dilemas morais e desafios emocionais que ele enfrentará. Explore conflitos internos e externos que o forçarão a crescer e se transformar ao longo da narrativa, adicionando profundidade emocional à história. Por fim, para tornar o personagem carismático e envolvente para o público, é importante equilibrar características cativantes com imperfeições realistas. Desenvolva gostos pessoais, paixões e habilidades que o tornem único, garantindo que suas ações e decisões se alinhem com sua personalidade, tornando-o coerente e intrigante aos olhos dos leitores.

### Dicas adicionais:

#### AÇÕES E DESAFIOS SIGNIFICATIVOS

Planeje ações que destaquem as habilidades e a personalidade do personagem. Desafios significativos revelam sua resiliência e determinação, cativando o público.

#### REALISMO E IDENTIFICAÇÃO

Certifique-se de que o personagem seja realista e identificável. Adicione características humanas, como falhas e imperfeições, para criar empatia entre o público e o personagem.

#### JORNADA DE DESENVOLVIMENTO

Planeje uma jornada de desenvolvimento significativa. Permita que o personagem evolua ao longo da história, aprendendo com suas experiências e enfrentando desafios que o transformam de maneira crível.

Pensando em seguir essas medidas, você cria não apenas um personagem, mas uma entidade vibrante e complexa que ressoa com o público. A empatia gerada por personagens bem construídos contribui significativamente para o sucesso e impacto de uma narrativa. E, então, está pronto? Pegue papel e caneta e comece a montar seu personagem!



# AUTOATIVIDADE

---

1. A primeira etapa no processo de McKee é a criação do "design de personagem". Ele incentiva os escritores a delinear as características físicas, psicológicas e sociais de cada personagem, explorando suas origens e influências. Em suas palavras, "cada cicatriz conta uma história". Se cada cicatriz conta uma história, isso significa que a personalidade do personagem tem a ver com a qualidade do storytelling. Dessa maneira, Robert McKee sugere que as histórias pessoais dos personagens (MCKEE, 2017).

- a) Sejam irrelevantes.
- b) Sejam sempre tristes e dramáticas.
- c) Sejam simplórias.
- d) Sejam pesadas.
- e) Se relacionem com os eventos contados na trama.

2. Robert McKee (2017) fala da importância da evolução de personagens, ele fala que: "personagens estáticos são tediosos; os verdadeiros protagonistas crescem e evoluem". Para Robert McKee, uma maneira de demonstrar que seu personagem está evoluindo é valorizar uma estrutura de construção dele. Qual seria essa estrutura?

- I - Arco narrativo.
- II - Conflitos que fazem o personagem amadurecer.
- III - Arco de transformação.

É correto o que se afirma em:

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

# AUTOATIVIDADE

---

3. Syd Field (2005), autor de *O Livro do Roteiro*, concentra-se na estrutura narrativa, mas reconhece a interconexão entre uma narrativa sólida e personagens bem desenvolvidos. Ele destaca a importância dos objetivos claros dos personagens como motores da trama. Para o autor, especialista na criação de roteiros, Syd Field, o personagem bem desenvolvido precisa ter:
- a) Desejo e motivação.
  - b) Relevância.
  - c) Estética.
  - d) Carisma.
  - e) Falta de emoções.

# REFERÊNCIAS

---

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. 10 ed. Pensamento, 2005.

FIELD, S. **Roteiro**: os Fundamentos do Roteirismo. São Paulo: Arte e Letra, 2005.

MCKEE, R. **Story**: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro. São Paulo: Arte e Letra, 2017.

MURDOCK, M. **A jornada da heroína**: a busca da mulher para se reconectar com o feminino. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

# GABARITO

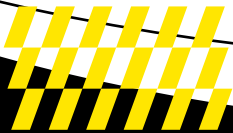
---

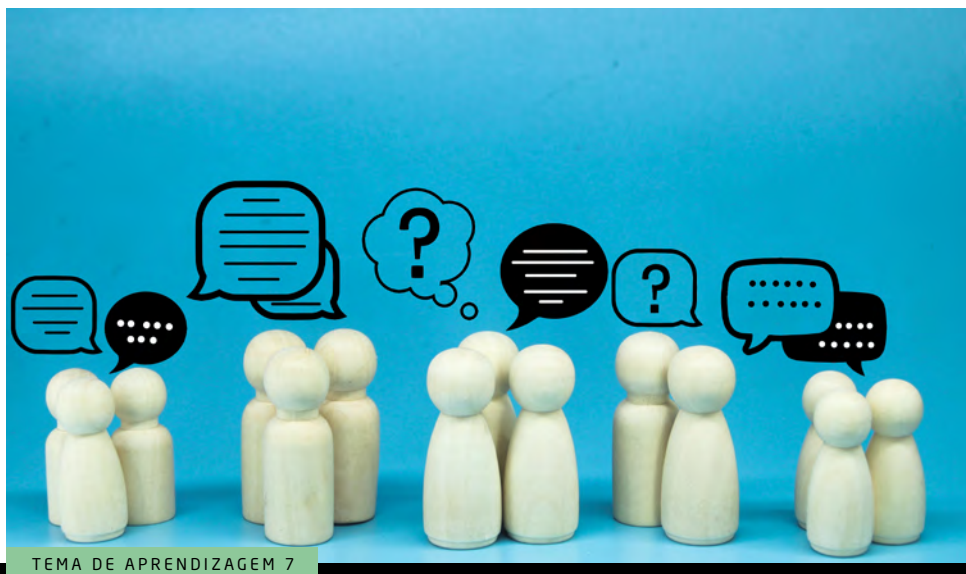
1. Alternativa E. Isso porque a primeira etapa no processo de McKee é a criação do "design de personagem". Ele incentiva os escritores a delinear as características físicas, psicológicas e sociais de cada personagem, explorando suas origens e influências. Em suas palavras, "cada cicatriz conta uma história". Isso destaca a importância de conectar a história pessoal de um personagem aos eventos que ocorrem na trama.
2. Alternativa D. O importante é que os conflitos amadureçam o personagem e o desenvolvimento do seu arco de transformação relacionado a esses eventos da trama.
3. Alternativa A. Porque o Syd Field defende que os personagens não só precisam de objetivos ressaltados, mas que eles tenham desejos, motivação, importância dos objetivos claros dos personagens como motores da trama. Cada personagem deve ter um desejo ou um objetivo. Isso cria conflito e, conseqüentemente, mantém o interesse do público.





*Unità*





TEMA DE APRENDIZAGEM 7

# DIÁLOGO, SUBTEXTO E FILTROS DE DIÁLOGO

## MINHAS METAS

- Introduzir o que significa "diálogo" para narrativas audiovisuais.
- Escrever sobre o que é "subtexto" e como ele se aplica em diálogos.
- Sugerir dicas de escrita de bons diálogos.
- Comentar sobre jargões, falas naturais e o uso do subentendido.
- Trabalhar as possibilidades de filtros de diálogo.
- Apresentar dicas para escrever bons diálogos, incluir subtexto.
- Rememorar temas como personalidade e estilo próprio na escrita.

## INICIE SUA JORNADA

Antes de mergulharmos nos intrincados detalhes dos diálogos, subtexto e filtros de diálogo, é muito relevante que possamos entender a importância fundamental que esses elementos têm na construção de uma narrativa cativante. A palavra “diálogo” não se limita apenas às interações entre personagens; ela serve como a própria essência do roteiro, conectando tramas, revelando caracteres e impulsionando a narrativa adiante.

### VOCÊ SABE RESPONDER?

O que é diálogo?

O diálogo, na esfera da narrativa, é uma ferramenta tão vital quanto complexa. Grandes autores e escritores notáveis têm oferecido perspectivas ricas sobre o significado e a importância do diálogo na construção de narrativas envolventes.

Isaac Bashevis Singer, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, coloca as palavras no centro da experiência humana, e isso repercute a capacidade transformadora do diálogo. Nas narrativas, as palavras não são apenas veículos de comunicação, mas instrumentos que moldam pensamentos, ações e relações entre personagens.

Essa mesma frase pode ser comparada à fala muito renomada da literatura fantástica e cinema de fantasia, pela saga Harry Potter, quando Albus Dumbledore diz, em *Harry Potter e as Relíquias da Morte* - parte 2, a seguinte frase em leitura:

Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de formar grandes sofrimentos, e também de remediá-los.

Essa afirmação, profundamente filosófica, revela a perspicácia e a sabedoria de Dumbledore, personagem criado pela brilhante mente de J. K. Rowling. Aqui, Dumbledore reconhece a dualidade intrínseca nas palavras: elas têm o poder de criar, moldar e, ao mesmo tempo, têm a capacidade de curar e consolar.

Ao considerar as palavras como uma fonte de magia, Dumbledore as eleva a um patamar além do simples meio de comunicação. Elas se tornam instrumentos mágicos que transcendem a realidade, influenciando não apenas a mente, mas também o coração. Estudante, quero que construa um diálogo ou um monólogo com a intenção de usar e ousar com as palavras sendo elas fonte de sua própria magia.

Para facilitar a sua vida: pense em um diálogo que faça parte do momento em que você está vivendo atualmente, e, a partir dele enriqueça com elementos extraordinários.



#### PLAY NO CONHECIMENTO

No podcast, vamos escutar mais sobre frases de efeito, jargões e outros usos de técnicas de comunicação que podem funcionar ou não na sua narrativa. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

#### VAMOS RECORDAR?

Assista a este vídeo, pois ele auxilia na produção de princípios básicos para se construir um bom diálogo: <https://www.youtube.com/watch?v=OG2oRoakyE>.

## DESENVOLVA SEU POTENCIAL

A capacidade das palavras de gerar sofrimento destaca a responsabilidade inerente a quem as profere, por exemplo. Assim como um feitiço poderoso, uma única palavra pode causar estragos e cicatrizes emocionais que perduram por muito tempo.

Voltando para o personagem Dumbledore, ele equilibra essa visão, reconhecendo o potencial redentor das palavras. Elas não são apenas instrumentos de destruição, mas também ferramentas de cura e consolo. Em momentos sombrios, as palavras certas têm o poder de iluminar a escuridão, oferecendo conforto e esperança. Elas têm a capacidade de transcender barreiras, conectar corações e inspirar mudanças significativas.

Em um contexto narrativo, o diálogo transcende a simples transmissão de informações. Ele é uma força motriz que revela a complexidade dos personagens, impulsiona o enredo adiante e constrói a atmosfera emocional da história. As palavras, habilmente empregadas, não apenas narram a trama, mas também proporcionam uma riqueza de significados e emoções, tornando-as verdadeiramente poderosas na criação de mundos fictícios.

Ernest Hemingway, conhecido por sua concisão e habilidade única no uso das palavras, tem uma visão sobre diálogos na qual o autor defende que eles servem para avançar na narrativa sem precisar descrever, uma ferramenta útil para delinear uma história. Diálogo é a maneira mais simples e direta de avançar na narrativa sem recorrer à descrição.

Portanto, Hemingway destaca a eficácia do diálogo como uma ferramenta que impulsiona a narrativa de maneira direta e eficiente. Em suas obras, os diálogos não são meros ornamentos, mas a espinha dorsal que avança a história sem a necessidade de extensas descrições. Cada palavra proferida pelos personagens tem um propósito, servindo como um veículo essencial para revelar trama e caracterização.

Margaret Atwood, autora de *O Conto da Aia*, apresenta uma perspectiva sobre a natureza dinâmica dos diálogos. Para a autora, um bom diálogo revela, ajuda as pessoas a se revelarem, e não a esconderem.

Assim, a autenticidade é muito relevante para percebermos os diálogos como bem construído, que de fato comovem o público. Atwood destaca que um diálogo eficaz não apenas comunica informações, mas, mais importante, revela camadas mais profundas dos personagens. Ao explorar suas vozes, nuances e escolhas de palavras, o diálogo se torna uma ferramenta de revelação, permitindo que os leitores se conectem emocionalmente com as figuras fictícias.

O diálogo, como percebido por esses renomados autores, não é apenas uma troca de palavras, mas uma expressão poderosa que molda, revela e impulsiona narrativas. É uma peça central que conecta leitores aos personagens e tece as complexidades emocionais que transformam uma história em uma experiência envolvente. A habilidade de usar o diálogo eficazmente é, portanto, uma arte essencial na construção de mundos fictícios que ressoam profundamente com os corações dos leitores.

---

**O diálogo é uma  
conversa envolvente  
pela arte narrativa!**



Grandes mestres do roteiro, como Robert McKee e Syd Field, destacam a vitalidade dos diálogos em suas obras. McKee (2017), renomado por seu livro *Story*, enfatiza que diálogos não devem ser meramente informativos, mas sim uma forma de ação que impulsiona a história. Segundo o autor, o diálogo não é uma conversa; é uma batalha onde as palavras são as armas. Essa perspectiva destaca a dinâmica e a energia necessárias para criar diálogos envolventes.

Syd Field (2005), autor de *Screenplay*, complementa essa visão, afirmando que os diálogos desempenham um papel crucial na revelação de personagens e no avanço da trama. Ele destaca que um bom diálogo não apenas informa, mas também gera emoção e conflito, elementos fundamentais para manter a atenção do público.

## DIÁLOGO

diálogos são mais do que simples intercâmbios de palavras entre personagens. Eles são janelas para a alma dos protagonistas, oferecendo ao público uma visão profunda de suas motivações, conflitos internos e transformações ao longo da narrativa.

## REVELAÇÃO DE CARACTERES

os diálogos revelam a essência de cada personagem. Cada palavra escolhida, tom de voz e expressão facial contribuem para a construção de uma personalidade única. Como McKee indica, personagens são o que fazem, não o que dizem. Assim, os diálogos não apenas transmitem informações, mas também moldam a percepção que o público tem de cada personagem.

## IMPULSIONANDO A NARRATIVA

diálogos bem construídos não são meramente exposições de informações; eles são motores que impulsionam a narrativa adiante. Cada interação verbal deve contribuir para o avanço da trama, seja revelando pistas importantes, desenvolvendo conflitos ou conduzindo a história para seu clímax.

## CRIANDO CONFLITOS

o conflito é a essência do drama, e diálogos carregados de tensão são tão poderosos quanto as batalhas físicas. Ao criar conflitos verbais, os roteiristas não apenas mantêm o interesse do público, mas também aprofundam os relacionamentos entre personagens, gerando complexidade e realismo.

## ESTABELECENDO TOM E ESTILO

cada personagem tem uma forma única de se comunicar, contribuindo para o tom geral da narrativa. Diálogos cômicos, poéticos, ásperos ou eloquentes definem a atmosfera da história. A escolha cuidadosa das palavras não apenas informa, mas também cria uma experiência sensorial para o espectador.

## **SUBTEXTO: AS CAMADAS MAIS PROFUNDAS**

O subtexto, muitas vezes descrito como a “linguagem não dita” de uma narrativa, adiciona uma camada de profundidade e complexidade aos diálogos e cenas. Para entender completamente o subtexto, é necessário analisar gestos, expressões, contradições e nuances linguísticas que transcendem o texto literal.



### **Gestos e expressões: comunicando sem palavras**

O que não é dito pode ser expresso através da linguagem corporal, gestos e expressões faciais. Um olhar intenso, uma pausa calculada ou um sorriso discreto podem comunicar significados tão profundos quanto qualquer diálogo elaborado. O que a câmera pode mostrar que palavras não precisam dizer? Isso ajuda muito o subtexto.

### **Contradições: quando as ações falam mais alto**

O subtexto muitas vezes reside nas contradições entre o que é dito e o que é feito. Personagens que contradizem suas próprias palavras criam uma tensão intrigante, convidando o público a explorar os motivos por trás dessas contradições.

## Tom e entonação: a mágica nas palavras

Já falamos de magia quando citamos Harry Potter, mas, de fato, as palavras contêm certa mágica. A maneira como algo é dito, incluindo o tom e a entonação, pode transmitir significados além do texto literal. Um simples “está tudo bem” pode carregar uma gama de emoções, dependendo do contexto e da maneira como é expresso.

### Exemplo prático: decodificando o subtexto

Vamos analisar um exemplo de diálogo inventado: “Você não me ama como ama seu trabalho, não é?”, o subtexto aqui pode variar desde a insegurança do personagem até a revelação de uma verdade dolorosa. Cada palavra é escolhida estrategicamente para transmitir emoções profundas, indo além da superfície.

## DIÁLOGO X SUBTEXTO: UMA DANÇA DE PROFUNDIDADE

A distinção entre diálogo e subtexto reside na profundidade da comunicação. **Diálogos superficiais** expõem informações óbvias, enquanto o **subtexto** mergulha nas entrelinhas, desafiando o espectador a decifrar significados ocultos. A chave para criar diálogos envolventes e profundos reside na compreensão da relação entre esses dois elementos.



## Economia de palavras: a arte da sutileza

Uma dica valiosa de roteiristas experientes é a economia de palavras. Cada diálogo deve ser preciso e ter um propósito claro. Evitar excessos ajuda a manter a eficácia e o impacto emocional das palavras escolhidas.

## Respeite sua personalidade

Carol Santoian, em seu blog, afirma que ler um texto, ou seja, para esse momento, ler seu diálogo, vai fazer diferença. Isso porque você materializa aquelas palavras, e nisso pode perceber algum tipo de maneirismo estranho, falta de naturalidade nas palavras, algo que você queira mudar de fato.

É uma boa ideia conferir essa leitura de uma cena de Community. O efeito que o bom diálogo de comédia gera nos atores que encenaram aquela cena. A prova de um roteiro bem escrito está nessas reações! Se você conseguir acompanhar legendas em inglês, sugiro esse vídeo: [https://www.youtube.com/watch?v=V6Q\\_nISULio](https://www.youtube.com/watch?v=V6Q_nISULio)

Depois de compreendermos melhor como escrever diálogos, como são elaborados os bons diálogos, pensarmos em algumas dicas e também compreendermos os conceitos de subtexto, como montá-lo e a importância dessa subjetividade e estética narrativa, é o momento de se ressaltar outra ferramenta relevante. Segundo Comparato (1995), os diálogos precisam surgir quando já estamos falando do tempo dramático da narrativa. Portanto, já estamos desenvolvendo cenas e colocando os diálogos nelas. Depois disso, como saber se esses diálogos estão funcionando?

É uma boa ideia pensar em usar os filtros de diálogo. Esses filtros são a forma que o roteirista poderia aplicar mudanças de tom, estilo, estética e ritmo nas falas dos personagens. Em outras palavras, são aplicados aos diálogos em narrativas, especialmente em roteiros, com o objetivo de transmitir nuances específicas de comunicação, personalidade dos personagens e contextos emocionais.

Esses filtros adicionam camadas de profundidade aos diálogos, indo além do simples significado literal das palavras e considerando como a mensagem é entregue. Existem diversos tipos de filtros de diálogo, e eles podem incluir:

### TOM E ESTILO DE FALA

cada personagem pode ter um tom e estilo de fala distintos. Por exemplo, um personagem pode ser formal e eloquente, enquanto outro é mais descontraído e informal. Essa escolha de linguagem cria um filtro que reflete a personalidade de cada personagem.

## GÍRIAS E JARGÕES

a utilização de gírias e jargões específicos de um grupo social, época ou região pode ser um filtro interessante. Isso não apenas dá autenticidade ao diálogo, mas também ajuda a contextualizar os personagens no ambiente em que estão inseridos.

## ENTONAÇÃO E RITMO

considerar como as palavras são faladas, a entonação e o ritmo da fala dos personagens é um filtro crucial. Isso pode indicar emoções subjacentes, como nervosismo, confiança ou sarcasmo.

## REAÇÕES E EXPRESSÕES FACIAIS

além do diálogo escrito, os filtros de diálogo podem incluir descrições das reações e expressões faciais dos personagens durante a conversa. Isso enriquece a cena, proporcionando insights sobre as emoções por trás das palavras.

## NÍVEL DE FORMALIDADE

determinar o nível de formalidade no discurso também é um filtro importante. Personagens podem optar por usar uma linguagem mais formal em situações sérias ou profissionais, enquanto adotam um tom mais casual em momentos descontraídos.

## LINGUAGEM CORPORAL E AÇÕES

incorporar a linguagem corporal e as ações dos personagens como parte do diálogo pode funcionar como um filtro adicional. Movimentos, gestos e expressões físicas complementam as palavras faladas, enriquecendo a comunicação global.

## FILTROS CULTURAIS

personagens que vêm de diferentes contextos culturais podem se expressar de maneira única. Isso envolve a escolha de palavras, a utilização de expressões idiomáticas específicas e até mesmo a interpretação diferenciada de certos conceitos.

O uso habilidoso de filtros de diálogo é uma técnica valiosa na escrita, pois contribui para a construção de personagens autênticos e cenas envolventes. Quando aplicados com sensibilidade ao contexto da história, esses filtros tornam os diálogos mais realistas e cativantes.

## **FILTROS CULTURAIS: COMO SABER SE ESTOU ESCRREVENDO DIREITO?**

Um anime e mangá muito famoso do Japão se chama Rurouni Kenshin, traduzido como “Samurai X”, e conta a história do ronin em busca de redenção, Kenshin Himura. Esse personagem é conhecido por falar de uma forma muito formal, utilizando um linguajar característico do período histórico em que a história se passa no Japão, conhecido como Período Meiji (1868-1912). Há algumas razões específicas para essa escolha de linguagem:

### **CÓDIGO DE CONDUTA SAMURAI**

Kenshin, como um ex-assassino que se tornou um andarilho, segue um código de conduta samurai. O uso de uma linguagem formal é uma expressão desse código, que enfatiza a honra, o respeito e a disciplina. Esses valores estão intrinsecamente ligados à maneira como ele se comunica.

### **EXPRESSÃO DA MUDANÇA PESSOAL**

Kenshin busca a redenção por seu passado sangrento como Hitokiri Battousai, um assassino temido. O uso de uma linguagem mais formal pode ser interpretado como uma tentativa de expressar sua transformação pessoal, buscando um modo de vida mais pacífico e ético.

## ESTILO DO PERÍODO MEIJI

A série "Rurouni Kenshin" se passa durante a transição do Japão do Período Edo para o Período Meiji, um momento de grande transformação social e cultural. O uso de uma linguagem mais antiga reflete a nostalgia e a reverência por um tempo passado, enquanto o país se moderniza rapidamente.

## DISTINÇÃO SOCIAL

a linguagem formal também pode ser uma maneira de Kenshin se distanciar socialmente, mostrando respeito mesmo em situações informais. Isso é especialmente evidente em interações com outros personagens, em que ele, muitas vezes, usa termos de respeito como "desu" ou "gozaru".

## IDENTIDADE DE SAMURAI ERRANTE

o modo de falar de Kenshin contribui para a construção da imagem do "samurai errante" ou "rurouni". Ao adotar uma fala formal, ele se destaca como um personagem que carrega tradições samurais em um mundo em rápida mudança.

Em suma, a escolha da linguagem formal, para Kenshin Himura, em "Rurouni Kenshin", é multifacetada, envolvendo elementos de sua história pessoal, códigos culturais samurais e a representação do contexto histórico da trama. Essa característica contribui para a complexidade e autenticidade do personagem na narrativa. Isso significa que essa mudança linguística na forma do personagem se comunicar fez toda a diferença para o desenvolvimento do carisma, identidade e personalidade do protagonista, quanto a qualidade histórica e fidelidade aos costumes japoneses que Nobuhiro Watsuki, o autor da obra, provavelmente prezava muito.

Como autor, buscar esse compromisso com as conjunturas sociais, locais, culturais e demais contextos de uma época ou recorte social é muito importante tanto na criação de personagens quanto nos seus diálogos. É preciso que eles sejam coerentes com a sua narrativa, caso contrário, naturalmente, soarão estranhos, anacrônicos e destoantes. A não ser, claro, que essa seja a proposta da sua obra audiovisual: de propósito, soar "errado" a uma época, contexto e mais.

## DICAS PARA USAR FILTROS DE DIÁLOGO E VER SE O SEU TEXTO ESTÁ BOM

E como eu sei que meu diálogo passou nesses filtros? Seguem algumas dicas para saber.

### 1. FILTROS CULTURAIS:

Pesquisa profunda: entenda a cultura dos personagens. Conheça expressões idiomáticas, tradições e normas sociais específicas.

Revisão por pares: peça a pessoas familiarizadas com a cultura em questão para revisarem seus diálogos e fornecerem feedback.

### 2. LINGUAGEM CORPORAL E AÇÕES:

Visualização cinematográfica: imagine cada cena como se fosse uma cena de filme. Descreva as expressões faciais, gestos e movimentos dos personagens.

Realismo: evite descrições excessivas. Escolha ações e linguagem corporal que se alinhem ao contexto e ao estado emocional dos personagens.

### 3. FORMALIDADE E ESTILO DE FALA:

Consistência: mantenha a consistência no estilo de fala dos personagens. Se um personagem é formal, certifique-se de que essa formalidade permeie seus diálogos em diferentes situações.

Transições graduais: se um personagem muda seu estilo de fala ao longo da história, faça essa transição de maneira gradual e orgânica.

### 4. REAÇÕES E EXPRESSÕES FACIAIS:

Mostre, não diga: em vez de dizer explicitamente as emoções, deixe que as reações e expressões faciais dos personagens comuniquem esses sentimentos.

Variedade: evite respostas padrão. Varie as reações dos personagens com base em suas personalidades e experiências únicas.

## 5. RITMO E ENTONAÇÃO:

Leitura em voz alta: leia seus diálogos em voz alta para avaliar o ritmo e a entonação. Isso ajuda a identificar áreas que podem parecer forçadas ou desajeitadas.

Pausas deliberadas: utilize pausas e ritmos variados para refletir a tensão, humor ou qualquer outro elemento emocional na cena.

## 6. ESTILO DE FALA E JARGÕES:

Contextualização: introduza jargões e estilos de fala de forma natural, contextualizando-os na história e na personalidade dos personagens.

Variedade Controlada: evite sobrecarregar os diálogos com jargões. Use-os com moderação para manter a autenticidade.

## 7. CONTEXTO E SITUAÇÃO:

Ajuste ao contexto: certifique-se de que os diálogos se ajustem ao ambiente e à situação em que estão inseridos.

Relevância: remova qualquer diálogo que não contribua significativamente para o desenvolvimento da história ou dos personagens.

## 8. FEEDBACK EXTERNO:

Grupo de leitura: tenha um grupo de leitura para fornecer feedback imparcial sobre seus diálogos. Pessoas diferentes podem oferecer perspectivas valiosas.

Profissionais da área: se possível, consulte roteiristas experientes ou profissionais da indústria para avaliar seus diálogos.

## 9. REALISMO E AUTENTICIDADE:

Observação: observe interações cotidianas e estude como as pessoas realmente falam. Isso ajudará a tornar seus diálogos mais realistas.

Evite estereótipos: fuja de estereótipos e represente personagens de maneira autêntica, levando em conta suas experiências individuais.

## 10. EDIÇÃO ITERATIVA:

Revisão constante: diálogos podem ser aprimorados com revisões contínuas. Não hesite em revisar e editar, buscando sempre mais clareza e impacto.

## 11. VARIAÇÃO NA LINGUAGEM:

Diversidade linguística: personagens diferentes devem ter estilos de fala distintos. Considere o background, educação e experiências únicas de cada personagem ao escolher sua linguagem.

Evite monotonia: varie o vocabulário e a estrutura das frases para evitar que todos os personagens soem iguais. Isso tornará seus diálogos mais dinâmicos e interessantes.

## 12. SUBTEXTO E NÃO DITO:

Leitura entre as linhas: inclua subtexto nos diálogos, permitindo que os leitores leiam além das palavras ditas. Muitas vezes, o que não é dito é tão impactante quanto o que é explicitamente comunicado.

Conflitos subjacentes: explore conflitos subjacentes e emoções não expressas. Isso adiciona camadas de complexidade aos diálogos, tornando-os mais intrigantes.

Lembre-se de que, ao aplicar essas dicas, a chave é a prática e a sensibilidade ao contexto da sua história e dos seus personagens. Cada detalhe contribui para a criação de diálogos autênticos que enriquecem a narrativa. Ademais, a prática constante e a atenção aos detalhes são fundamentais. Tarantino dizia que a melhor escola de cinema que ele teve foi a de assistir a muitos filmes. Faça o mesmo! Aumente seu repertório e divirta-se conhecendo outros materiais.



### EM FOCO

Acesse a videoaula para ter mais informações e conhecimentos sobre os assuntos pertinentes a este tema. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

## NOVOS DESAFIOS

Portanto, chegou o momento de revisar, depois de tantas leituras, dicas e sugestões, o que é preciso fazer para escrever um bom diálogo. Lembrando de que: o principal é, sempre, ser honesto com a sua autoria, com a sua criatividade e o seu jeito de escrever. Liberte o autor que tem dentro de você, tenha confiança em si e em suas criações.

Para Silvia Adela Kohan (2011), é de se falar que, para escrever bons diálogos, o autor conseguirá perfeita sintonia entre os personagens e suas falas. Será bom em diferenciar as falas dos personagens, definir suas características próprias, brincar com nuances de expressão e saber alternar, no texto, o que deve ser diálogo e o que deve ser de fato narrado mesmo.

Pensando de forma a resumir os ensinamentos de grandes autores que podem nos ajudar em nossa escrita e a aprimorar nossas habilidades, melhorando enquanto autores e criadores, temos uma última lista para que você siga e desenvolva um diálogo, no mínimo, entre dois personagens. Siga esse passo a passo:

### CARACTERIZAÇÃO CONSISTENTE

- Robert McKee: desenvolver diálogos que se alinhem à personalidade, motivações e background de cada personagem. A fala deve refletir a singularidade de cada indivíduo na trama.
- Margaret Atwood: utilizar os diálogos como uma ferramenta para aprofundar a caracterização, revelando nuances e complexidades que enriqueçam a compreensão dos personagens.

### SUBTEXTO E TENSÃO

- Syd Field: incluir subtexto nos diálogos, permitindo que os personagens se comuniquem mais do que fazendo uso das palavras explícitas. Isso adiciona camadas de complexidade e intriga à narrativa.
- Margaret Atwood: criar tensão e conflitos subentendidos nas conversas, explorando o não dito e as emoções subjacentes para manter o interesse do leitor ou espectador.

## DIÁLOGOS ORGÂNICOS E AUTÊNTICOS

- Robert McKee: escrever diálogos que soem naturais e autênticos, evitando artificialidades. A linguagem deve se alinhar ao contexto da história e ao mundo dos personagens.
- Margaret Atwood: observar e absorver a linguagem e os padrões de fala do mundo real para incorporar autenticidade aos diálogos. Criar diálogos que ressoem com a experiência humana.

## AVANÇAR A NARRATIVA E DESENVOLVER RELAÇÕES:

- Syd Field: garantir que os diálogos avancem a narrativa, contribuindo para o desenvolvimento da trama e dos personagens. Evitar conversas que não acrescentem significativamente à história.
- Margaret Atwood: usar os diálogos como uma ferramenta para aprofundar relações entre personagens, revelar dinâmicas interpessoais e criar momentos-chave que moldam o curso da narrativa.

Essas diretrizes oferecem uma base sólida para a criação de diálogos impactantes, incorporando a sabedoria de renomados escritores e roteiristas como Robert McKee, Syd Field e Margaret Atwood. Então, você está preparado para começar essa conversa? Monte seu diálogo e veja o que você aprendeu! Boa sorte e confie na sua criatividade, e, principalmente... Divirta-se!

# AUTOATIVIDADE

---

1. Texto significa a superfície sensorial de uma obra de arte. No cinema, isso significa as imagens na tela e a trilha sonora de diálogos, música e efeitos sonoros. O que vemos. O que ouvimos. O que as pessoas dizem. O que as pessoas fazem. Subtexto é a vida sob essa superfície – pensamentos e sentimentos tanto conscientes quanto inconscientes, escondidos pelo comportamento. Nada é o que parece. O princípio pede a ciência constante do roteirista sobre a duplicidade da vida, seu reconhecimento de que tudo existe em pelo menos dois níveis e que, portanto, ele deve escrever uma dualidade simultânea: primeiro, ele deve criar uma descrição verbal da superfície sensorial da vida, visão e som, atividade e conversa; segundo, ele deve criar o mundo interno do desejo consciente e inconsciente, ação e reação, impulso e id, imperativos genéticos e experimentais. Como na realidade, agora na ficção: ele deve encobrir a verdade com uma máscara viva, os verdadeiros pensamentos e sentimentos dos personagens sob o que dizem ou fazem. Dessa forma, podemos dizer que o bom diálogo precisaria:

- a) Externalizar uma mensagem mais explícita, mas conter outra implícita.
- b) Externalizar só uma mensagem.
- c) Não ser falado.
- d) Ser extenuantemente longo.
- e) Ser rápido.

2. A frase de Carolina Kotscho, no livro “Palavra de Roteirista” fala sobre como mostrar quem é um personagem através do diálogo: “Ninguém fala o que pensa. Ninguém pensa antes de falar”, isso é bastante profundo.

“Na fala existem lacunas, ruídos. Uma pessoa pode falar algo e suas ações serem contraditórias. Se seu personagem fala uma coisa e faz exatamente o oposto, por exemplo, essa é uma boa maneira de indicar que ele é um mentiroso ou um hipócrita.” Dessa maneira, podemos dizer que os diálogos servem não apenas para demonstrar características dos personagens, mas:

- a) Não servem para demonstrar características.
- b) Diálogos não auxiliam a construção de personagens.
- c) Diálogos devem ser isentos de características de personagens.
- d) Servem apenas para demonstrar falas explícitas.
- e) Podem servir como uma maneira de demonstrar contradições dos personagens.

# AUTOATIVIDADE

---

3. "Um diálogo não precisa ser real: ele precisa parecer real. John Truby, que é um dos maiores sobre narrativa audiovisual diz, em seu livro *The Anatomy of Story* (2007): "diálogo não é uma conversa real, é uma linguagem extremamente seletiva que soa como se pudesse ser real". Dessa maneira, podemos pensar que um bom diálogo:

I - Precisa servir à narrativa e se encaixar nela.

II - Não precisa parecer comum, mas precisa parecer verossímil.

III - Emociona o público e faz ele se sentir identificado ou comovido com aquela conversa.

IV - É, de preferência, longo.

É correto o que se afirma em:

- a) I, apenas
- b) II e IV, apenas
- c) III e IV, apenas.
- d) I, II e III, apenas.
- e) I, II, III e IV.

# REFERÊNCIAS

---

ADELA KOHAN, S. **Como escrever diálogos**: a arte de desenvolver o diálogo no romance e no conto. São Paulo: Editora Gutenberg, 2011.

COMPARATO, D. **Da Criação ao Roteiro**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.

FIELD, S. **Manual do roteiro**: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

MCKEE, R. **Story**: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro. São Paulo: Arte e Letra, 2017.

MCKEE, R. **Diálogo**: a Arte da Ação Verbal na Página, no Palco e na Tela. Arte e Letra, 2018.

# GABARITO

---

1. Alternativa A. Tendo em vista que a união entre texto e subtexto compõe um bom diálogo.
2. Alternativa E. Muito pode ser falado pelos diálogos dos personagens sobre eles mesmos, inclusive seus defeitos e problemas de caráter a serem resolvidos, ou não, a depender do que o autor pretende com o material que está escrevendo.
3. Alternativa D. As afirmativas I, II e III estão certas, uma vez que o diálogo serve à narrativa, não precisa necessariamente parecer uma conversa banal, mas é importante que o público se sinta convencido por aquele diálogo naquele contexto, e, dessa maneira, possa ter identificação com aquela conversa e se sentir emocionalmente relacionado com os personagens e suas relações e falas.





TEMA DE APRENDIZAGEM 8

# ***STORYLINE, SINOPSE, BEAT SHEET, ESCALETA E ARGUMENTO***

## **MINHAS METAS**

- Apresentar os conceitos de storyline, sinopse, beat sheet, escaleta e argumento.
- Explicar o que é cada um dos conceitos listados na estrutura de roteiro.
- Desenvolver os conceitos sobre estrutura de roteiro.
- Defender a importância da estruturação do roteiro no modelo apresentado.
- Sugerir passo a passo para começar a montar uma história.
- Organizar uma sugestão de por onde começar e onde terminar.

## INICIE SUA JORNADA

Neste tema de aprendizagem, vamos começar a mergulhar sobre o formato com que escrevemos o roteiro. Ainda não falaremos de formatação, a princípio, mas de estruturas que você deve escrever antes, de fato, abrir um roteiro. Como assim? Vamos explicar sim, com detalhes e tranquilidade.

Estamos falando das fundações da escrita de roteiros, onde mergulharemos nas estruturas fundamentais que dão vida a histórias memoráveis. Aqui, exploraremos conceitos essenciais como *storyline*, sinopse, *beat sheet*, escaleta e argumento, fundamentais para quem busca dominar a arte da narrativa cinematográfica.



Grandes mestres do roteiro, como Robert McKee e Syd Field, moldaram o cenário cinematográfico com suas ideias transformadoras. McKee, autor de *Story*, enfatiza a importância de entender o tecido narrativo que permeia grandes histórias. Segundo ele, as histórias são a linguagem da vida. Elas criam a vida que conhecemos e a vida que desejamos. McKee nos lembra que, ao desvendar as nuances da *storyline* e do argumento, estamos moldando mundos que ressoam com a experiência humana.

**PLAY NO CONHECIMENTO**

Uma ferramenta importante que você pode se familiarizar é, a *Beat Sheet*, uma técnica utilizada principalmente na escrita de roteiros para cinema, televisão e, até mesmo, para livros, que consiste em dividir a história em "beats" ou momentos-chave. Cada beat representa um evento importante na narrativa, como uma cena que modifica o rumo da narrativa, uma revelação, um conflito, ou uma mudança significativa na história ou nos personagens. Além disso, o *Beat Sheet* ajuda a manter o ritmo da história e a evitar que ela se torne monótona ou se desvie do foco principal. Confira o podcast e descubra o porquê *Beat Sheet* é uma ferramenta poderosa para os escritores, pois permite que eles visualizem a estrutura da história de forma clara e eficaz, tornando mais fácil a criação de narrativas cativantes e envolventes. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

Estudante, você está desafiado a contar a história da sua própria vida, por meio de um breve roteiro, no qual é necessário levar em conta não só os beat sheets da sua história, mas montar o *storyline*. Até aqui, o que você deve saber sobre *storyline* é que ele é a peça-chave que servirá como o esqueleto do seu roteiro, uma frase quase publicitária e representativa da sua obra audiovisual. Uma frase que resuma bem a história que você escreveu.

**VAMOS RECORDAR?**

Antes de ensinar um passo a passo para escrever as principais etapas da estrutura do seu roteiro, desde a *storyline* até o argumento, vamos dar uma revisada com o vídeo de Carol Santoian sobre e como escrever bons argumentos. É mais um bom material para dar uma lembrada sobre o assunto e nos concentrarmos em nos preparar para começar a escrita, já entendendo o que pretendemos fazer. Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=ZO4tDR3FXJo>.

**DESENVOLVA SEU POTENCIAL**

Syd Field (2001), conhecido como o pai do paradigma de três atos, compartilhou a visão de que o roteirista é um criador de mundos. Ele destaca a importância de estruturar narrativas de maneira envolvente para transportar o público para esses

mundos fictícios. Nossa jornada, hoje, será inspirada por esse mestre, explorando não apenas as suas ideias, mas as estruturas fundamentais que eles defenderam.

À medida que navegamos pelos intrincados caminhos da escaleta e do *beat sheet*, recordemos as palavras de grandes roteiristas que moldaram a indústria. Para ele, é preciso dar vida aos personagens e fazer com que o público, de fato, se importe com eles. Então, estudante, embarque conosco nessa jornada educativa, onde desvendaremos os segredos por trás das estruturas que transformam ideias em narrativas cativantes. Seja bem-vindo à aula que abrirá portas para a magia por trás da criação de roteiros inesquecíveis!



## O QUE É *STORYLINE*?

A *storyline*, nos bastidores da criação cinematográfica, é como a cola que mantém todas as peças da trama grudadinhas. Ela é o esqueleto, o GPS, a receita secreta e até mesmo o maestro da ópera cinematográfica. Em resumo, é o elemento-chave que guia a narrativa, dando coesão e direção à história, garantindo que cada personagem e reviravolta contribua para a sinfonia geral. Por exemplo, pense em *Harry Potter* – a *storyline* é como a carta de Hogwarts, levando Harry a uma jornada mágica, repleta de desafios e descobertas, mantendo o público ansioso por cada capítulo.

A *storyline*, conceitualmente, representa o alicerce narrativo de um roteiro. Ela é a estrutura que conecta os pontos-chave da trama, fornecendo uma linha mestra para o desenvolvimento dos personagens e eventos. Imagine a *storyline* como o fio

condutor que entrelaça todas as cenas, mantendo a audiência envolvida e ansiosa pelo próximo acontecimento. Em *Pulp Fiction*, de Quentin Tarantino, a *storyline* não segue uma ordem linear, mas é habilmente entrelaçada, criando um mosaico narrativo único. Assim, a *storyline* é mais do que uma simples linha narrativa; é o DNA que dá vida à narrativa, garantindo que cada elemento contribua para o impacto global da história. Então, da próxima vez que assistir a um filme ou série favoritos, saiba que a mágica está na intrincada dança da *storyline*.



#### EU INDICO

Confira este vídeo, de Adriana Mestrinelli, para entender o poder de síntese da *storyline*: <https://www.youtube.com/watch?v=d8kNrKaQy-E>.

A *storyline* épica de *O Senhor dos Anéis*, dirigido por Peter Jackson e inspirado nos excelentes livros de J. R. R. Tolkien, é uma jornada intrincada e repleta de reviravoltas, mas, mesmo assim, podemos pensar em uma versão simplificada:

O gentil hobbit Frodo Bolseiro embarca em uma perigosa jornada para destruir o Anel do Poder em Morder, atravessando limites físicos e mentais para salvar a Terra-Média das forças de Sauron. Contando com diversos aliados, Frodo vive uma busca que testará amizades, revelará jornadas entrelaçadas e determinará o destino de toda a Terra-Média.

Essa *storyline* incorpora temas de coragem, amizade, sacrifício e resistência contra o mal, tornando-a uma narrativa cativante e atemporal. A saga de *O Senhor dos Anéis* é um exemplo magistral de storytelling, onde a jornada dos personagens é intrinsecamente ligada ao destino do mundo que habitam.

Para Comparato (1995), uma *storyline* deve ser breve, concisa e eficaz, e não maior do que cinco linhas, contendo o conflito básico e o que se pretende desenvolver. Já segundo o blog da editora Bubok, é possível compreender que para escrever uma *storyline* é de se manter o foco e pensar em manter a concisão e originalidade da história que se vai resumir. Em cerca de cinco linhas, é mais do que relevante escrever apenas o essencial para compreender a trama, mantendo-a atraente.

Além disso, é importante destacar elementos únicos que diferenciam sua história. A *storyline* deve responder às perguntas fundamentais sobre o que, quem, onde e como a narrativa se desenrola. Descrever o protagonista com seu atributo mais marcante, seja profissão, papel ou adjetivo, adiciona profundidade à história. Seguindo essas dicas, é possível criar uma *storyline* brilhante, especialmente se houver aspirações de transformar a trama em um filme.

## O QUE É SINOPSE?

A sinopse, por sua vez, já é um pouco mais desenvolvida e aprofundada, é como o trailer de um filme, mas em versão literária. É aquela pincelada de genialidade que deixa o público curioso e ansioso por mais, um convite irresistível para adentrar de fato em uma boa história. Para os roteiristas, é como destilar a essência da trama em algumas frases, um desafio que faz os pensamentos dançarem com as palavras.

Como bem disse o talentoso Robert McKee, a sinopse é como se fosse um trailer mental. É o momento em que você precisa conquistar o coração e a imaginação do leitor, levando-os a visualizar a história como se fosse uma cena épica no grande cinema da mente. É como condensar uma tempestade de emoções em algumas palavras, uma arte que só os verdadeiros mestres dominam.

E para lembrar o que ensina o grande Syd Field, da sinopse o roteirista pode pensar em um ponto de partida para começar a planejar a história. Trazer para o público a possibilidade de curiosidade, da excitação, da urgência de saber o que vem a seguir. É uma dança delicada entre revelar o suficiente para intrigar e ocultar o bastante para manter o suspense.

Então, imagine a sinopse como o maestro que conduz a orquestra da expectativa, criando uma sinfonia de antecipação. É a arte de seduzir com palavras, fazendo o leitor desejar desesperadamente entrar na história e viver cada momento. Enfim, é a mágica que faz da sinopse um convite irresistível para uma jornada inesquecível.

Muitos roteiristas renomados destacaram a importância da escrita de sinopses como uma habilidade bem relevante na indústria cinematográfica. A sinopse é

um resumo conciso da história de um filme, que descreve o enredo, os personagens principais e os temas abordados. Para os roteiristas, a habilidade de escrever uma sinopse eficaz é fundamental, pois ajuda a vender a ideia do filme para produtores, diretores e investidores.

Além disso, a sinopse é uma ferramenta importante para atrair o interesse do público. Uma sinopse bem escrita pode despertar a curiosidade dos espectadores, levando-os a querer saber mais sobre o filme e, eventualmente, assisti-lo.

Para os roteiristas, a escrita de sinopses também é uma oportunidade de refinar sua habilidade de contar histórias de forma sucinta e envolvente. Ao condensar a trama de um filme em poucas frases, os roteiristas são desafiados a identificar os elementos essenciais da história e a comunicá-los de maneira clara e convincente.

Em resumo, a escrita de sinopses é uma habilidade valiosa para os roteiristas, que pode abrir portas na indústria cinematográfica e ajudar a promover suas ideias de forma eficaz.

Roteiristas compartilham a visão de que a habilidade de escrever uma sinopse eficaz é valiosa não apenas para comunicar a história de maneira envolvente, mas também como uma ferramenta de desenvolvimento crucial. Portanto, dominar essa arte é fundamental para roteiristas que buscam criar narrativas impactantes e cativantes.

Usando o exemplo de *O Senhor dos Anéis*, vamos falar de um exemplo de sinopse que poderíamos escrever:

O gentil hobbit Frodo Bolseiro é incumbido de uma missão épica: destruir o Anel do Poder do Senhor do Escuro, Sauron, para evitar que a Terra-Média seja dominada pelo vilão. Com a leal companhia de amigos como Sam, Merry e Pippin, além de Aragorn, Legolas e Gandalf, Frodo enfrenta terríveis adversidades para evitar que o mal domine toda a Terra-Média. A jornada os leva por paisagens deslumbrantes e perigos inimagináveis, desvendando amizades profundas e revelações surpreendentes. Enquanto a sombra de Sauron avança, a Irmandade do Anel embarca numa busca desesperada para salvar seu mundo

da escuridão eterna, numa saga que testa a coragem, lealdade e determinação de cada personagem. Uma aventura magnífica que transcende a luta contra o mal, tornando-se uma jornada de autoconhecimento e sacrifício, onde a esperança brilha mesmo nas horas mais sombrias.



#### EU INDICO

Conseguiu compreender o estilo e estética de escrita de uma sinopse? Se parecer ainda um pouco distante, pode conferir o vídeo de Adriana Mestrinelli, que resume bem o que é sinopse: <https://www.youtube.com/watch?v=IMTcJrmPZk8>.

## O QUE É *BEAT SHEET*?

O *beat sheet*, pensando pelo contexto literário e audiovisual do roteiro, é como a partitura que guia a execução da sinfonia narrativa. Para entender melhor, pense nele como uma estrutura esquelética que delinea os momentos-chave da trama. Blake Snyder, o renomado autor de “Save the Cat!”, popularizou a ideia, concebendo-o como uma série de “batidas” relevantes, talvez até mesmo coesas e fundamentais que formam a espinha dorsal do roteiro.

Cada *beat* tem um propósito específico, uma função dramática a desempenhar. McKee (2017), o autor de *A Jornada do Escritor*, argumenta que esses pontos estratégicos são como acordes essenciais para criar a harmonia na história. Por exemplo, o “Debate” é um *beat* onde o protagonista pondera sobre a jornada, algo semelhante ao que Joseph Campbell chama de “recusa do chamado” na jornada do herói.



Assim como um arquiteto planeja cada detalhe de uma estrutura, roteiristas utilizam o *beat sheet* para visualizar a arquitetura da trama. Não é apenas uma sequência de eventos, mas uma coreografia precisa de momentos-chave que mantêm a narrativa pulsando com vitalidade. Em resumo, o *beat sheet* é a bússola que orienta os roteiristas pelo território complexo da escrita, um guia técnico e artístico que transforma a narrativa em uma dança coesa de *beats* estratégicos.

**EU INDICO**

Podemos conferir Béa Goes, do Narratologia, falando sobre *beat sheets*, para compreender melhor: <https://www.youtube.com/watch?v=BorCA6xtlGo&t=277s>.

Pode ainda ser difícil de compreender, então que tal um exemplo mais prático? Certamente, podemos pensar em um! Vamos criar um *beat* narrativo para um momento icônico de *O Senhor dos Anéis* pensando na técnica de Blake Snyder, que você vai entender melhor ouvindo o podcast didático. Vamos focar no encontro da Irmandade do Anel com os Cavaleiros Negros, conhecidos como Nazgûl, em Weathertop. Esse momento tenso ocorre durante a busca de Frodo e sua equipe para destruir o Anel do Poder. Vamos lá:

**IMAGEM DE ABERTURA**

lua brilha no céu noturno sobre Weathertop enquanto a Irmandade do Anel descansa.

**DECLARAÇÃO DO TEMA**

Frodo, ao falar com Aragorn, expressa suas preocupações sobre a perseguição que sofrem.

**SET UP**

os quatro hobbits e Aragorn preparam-se para a jornada segura até Valfenda, revelando as tensões e preocupações individuais de cada membro.

## O CATALISADOR

o som de cavalos galopantes quebra a tranquilidade, indicando a chegada dos temíveis Nazgûl, com seus gritos terríveis e presença maléfica.

## O DEBATE

os hobbits e Aragorn tentam proteger Frodo, enquanto Frodo lida com o chamado do Anel.

## QUEBRA DO PRIMEIRO ATO

os Nazgûl atacam Weathertop, forçando Aragorn os hobbits a confrontar diretamente a escuridão que busca o Anel.

## TRAMA PARALELA

a ameaça dos Nazgûl destaca a necessidade de proteger Frodo e ressalta a fragilidade da Irmandade diante do mal.

## JOGOS E DIVERSÃO

a batalha se desenrola, com os quatro hobbits e Aragorn lutando para resistir à presença aterrorizante dos Nazgûl.

## *MIDPOINT*

a intensidade da batalha atinge seu ápice quando Frodo é ferido pela lâmina Morgul.

## VILÕES FECHAM O CERCO

os Nazgûl, agora mais implacáveis, intensificam o cerco, provocando desespero entre os membros da Irmandade.

## TUDO ESTÁ PERDIDO

Frodo fica à beira da escuridão enquanto os Nazgûl prevalecem temporariamente.

## A NOITE ESCURA DA ALMA

a ferida de Frodo piora, levando a uma cena de desespero e incerteza sobre seu destino.

Esse *beat* narrativo captura o clímax tenso e a transformação significativa que ocorre durante o encontro da Irmandade do Anel com os Nazgûl em Weathertop, um momento fundamental para a jornada épica de *O Senhor dos Anéis*. Depois, Aragorn recebe a ajuda de Arwen, nos filmes, e de Glórfindel, nos livros, e conseguem fugir até Valfenda, tendo mais um confronto épico com os Nazgûl que são arrastados no rio na frente de Valfenda, a um feitiço de Elrond feito no limite entre a vida e a morte dos personagens.

Certo, *beat sheet* compreendido, faltam apenas mais alguns itens. Continuamos, que temos mais a aprender!

## O QUE É A ESCALETA?

A escaleta, nesse fascinante universo da escrita de roteiros, é como o esboço detalhado que precede a obra-prima. É o mapa que guia os roteiristas pelas estradas da narrativa. Por isso, é preciso pensar que, antes de adentrar a escrita do roteiro em si, que esse é o momento em que os roteiristas delineiam minuciosamente os eventos, as emoções e os arcos dos personagens.

A escaleta também é um terreno fértil para experimentação, onde se pode ajustar e aprimorar as nuances da história. O autor Syd Field, mestre em teoria de roteiros, defende que a escaleta ajuda o roteirista a compreender melhor a estrutura da narrativa. É aqui que os roteiristas testam a fluidez da trama, refinam os *beats* e garantem que cada elemento se encaixe perfeitamente.

Portanto, a escaleta é mais do que um simples esboço: é o campo de treinamento onde os roteiristas lapidam suas ideias, preparando o terreno para a construção da narrativa. É um mergulho profundo na estrutura, um compromisso com a precisão que, como McKee ressalta, é essencial para transformar uma história em uma experiência cinematográfica envolvente.

A escaleta não pode conter diálogos. Pode indicar a cena, os movimentos, cenário, detalhes narrativos, sugerir falas, mas não pode escrevê-las. Por exemplo, “Fulano diz: eu disse isso”, não pode estar presente em uma escaleta.

Vamos fazer uma pequena escaleta para uma cena específica de *O Senhor dos Anéis: a Sociedade do Anel*. Vamos nos concentrar na cena em que Frodo e Sam estão atravessando o Rio Anduin com a intenção de seguir em direção a Mordor. Listaremos ponto por ponto do que poderia estar contido em uma escaleta. Assista a esta cena antes, para compreender melhor: <https://www.youtube.com/watch?v=Ck9kr85A33I>.

### ESTABELECIMENTO

Frodo pretende velejar sozinho pelo Rio Anduin até Mordor. Ele é parado por Sam, que se junta a ele e vão a sós na missão.

### OBJETIVO DA CENA

a cena tem como objetivo mostrar a determinação de Frodo e Sam em continuar a jornada rumo a Mordor, apesar dos desafios e perigos.

### DIÁLOGO

diálogo minimalista entre Frodo e Sam, destacando a conexão profunda entre os personagens e seu compromisso com a missão. Sam não deixará Frodo ir sozinho, Frodo aceita a companhia de Sam.

### AUMENTO DA TENSÃO

Sam quase se afoga para entrar na embarcação com Frodo.

### MOMENTO DE DECISÃO

Frodo expressa suas dúvidas sobre não ir para Mordor sozinho, e Sam expressa sua lealdade e avisa que não o abandonará.

### SURPRESA/REVELAÇÃO

Frodo é seguido por Sam, quando achava que estava conseguindo fugir sozinho de barco pelo Anduin.

### CONFLITO

Frodo quer ir sozinho para Mordor, Sam não pretende deixá-lo.

### CLÍMAX

a cena atinge seu auge quando Sam quase se afoga.

### RESOLUÇÃO

Frodo e Sam se abraçam e vão juntos para Mordor.

### PONTO DE VIRADA

Frodo entende que deve ceder e aceitar a lealdade de Sam, e Sam se sente acolhido pelo melhor amigo.

Essa escaleta captura a essência da cena, delineando os principais elementos dramáticos, os diálogos importantes e a evolução da tensão durante a travessia do Rio Anduin.



#### EU INDICO

Para ler mais exemplos de escaleta já escritas e formatadas, confira o post do blog Tertúlia Narrativa, especialistas em roteiro: <https://www.tertulianarrativa.com.br/post/2017/07/26/escaleta-estruturando-a-hist%C3%B3ria-em-um-roteiro>.

## O QUE É ARGUMENTO?

O “argumento” em um roteiro é muito importante para a narrativa, uma espécie de sinopse estendida que delinea os principais eventos, personagens e arcos da história. Ele serve como um mapa para o roteirista, proporcionando uma visão geral da trama antes de se aprofundar na escrita do roteiro completo. O argumento é frequentemente utilizado como uma ferramenta de planejamento, permitindo que o roteirista organize suas ideias de maneira coerente antes de entrar nos detalhes.

A estrutura de um argumento pode variar, mas geralmente inclui elementos-chave, como:

### INTRODUÇÃO

- ▮ Apresentação do mundo e dos personagens principais.

### CONFLITO INICIAL

- ▮ Estabelecimento do problema central que impulsionará a narrativa.

### DESENVOLVIMENTO

- ▮ Progressão dos eventos, revelações de personagens e aprofundamento do conflito.

### CLÍMAX

- ▮ O ponto mais alto da tensão na história, onde os principais conflitos atingem seu ápice.

### RESOLUÇÃO

- ▮ Conclusão da história, resolução dos conflitos e, muitas vezes, uma transformação nos personagens.

Roteiristas renomados, como Syd Field (2001), destacaram a importância do argumento como uma ferramenta crucial no processo de desenvolvimento de um roteiro. Field, conhecido por suas contribuições à teoria do roteiro, considerava o argumento como o ponto de partida fundamental para qualquer projeto. Ele argumentava que a clareza e a solidez do argumento eram essenciais para garantir uma estrutura narrativa coerente.

Outro defensor notável da utilização do argumento é Robert McKee (2017), autor de *A Jornada do Escritor*. McKee enfatiza que um argumento bem elaborado é essencial para manter a coesão e o impulso narrativo ao longo de toda a história.

Em uma aula de roteiro, discutir a importância do argumento é fundamental para orientar os futuros roteiristas na arte de planejar e estruturar suas histórias antes de iniciar a redação completa do roteiro. Essa prática não apenas ajuda a evitar bloqueios criativos, mas também fornece uma base sólida para o desenvolvimento de narrativas envolventes e bem construídas.

**EU INDICO**

Para compreender melhor o que é um argumento, é uma boa ideia assistir a mais um vídeo de Adriana Mellestrini sobre essa estrutura: <https://www.youtube.com/watch?v=6p5CgU6GAFM>.

Tendo compreendido que o argumento é uma sinopse estendida, não conseguiremos ver um exemplo de argumento tendo em vista que seria algo prolixo. Portanto, estudante, focaremos em ajudar a desenvolver o seu próprio argumento.

**EU INDICO**

Também recomendo o vídeo de Bea Goés em Narratologia com cinco dicas para escrever argumentos: <https://www.youtube.com/watch?v=YmXxbUMz3rQ>.

## O AUTOR DE *SAVE THE CAT*

Blake Snyder desenvolveu a técnica dos *beat sheets*, deixando bem detalhada cada fator listado para fazer uma investigação de uma cena em *beat sheet*. Ele é o autor de *Save the Cat!*, que é uma abordagem de roteiro criada por Blake Snyder, popularizada em seu livro homônimo. A expressão refere-se ao conceito de inserir um momento inicial no roteiro onde o protagonista realiza uma ação benevolente, como salvar um gato, para conquistar a simpatia do público desde o início. Snyder propõe uma estrutura de roteiro chamada “*beat sheet*”, que consiste em 15 *beats* essenciais, ou momentos-chave, para guiar a construção da narrativa.

O *Save the Cat!* e o *beat sheet* de Blake Snyder são ferramentas valiosas para roteiristas, oferecendo uma abordagem estruturada e acessível para a construção de histórias envolventes. Ao incorporar o conceito *Save the Cat!*, os roteiristas buscam criar empatia imediata com os personagens, enquanto o *beat sheet* orienta a trama, garantindo que os detalhes mais relevantes da cena sejam incorporados para manter o interesse e a coesão narrativa ao longo do roteiro. Essas metodologias tornaram-se amplamente utilizadas na indústria cinematográfica, fornecendo diretrizes valiosas para o desenvolvimento de narrativas impactantes.

Um bom exercício seria pegar cenas que você conhece bem e desenhá-las a partir dessas regras que Blake Snyder sugeriu das *beat sheets*.

## DA *STORYLINE* AO ARGUMENTO - COMO FAZER?

### VOCÊ SABE RESPONDER?

Por onde começar e devo continuar como?

## Como começar a escrever a *storyline* de um roteiro?

O primeiro passo é identificar o conceito central ou o “gancho” da sua história. Em seguida, destaque os elementos fundamentais, como o protagonista, o conflito principal e o ambiente em que a história se desenrola. Depois, expanda a *storyline* com detalhes, mas mantenha-a concisa, destacando os principais eventos que impulsionarão a narrativa.

### E a sinopse?

Comece resumindo a *storyline* em algumas frases impactantes, destacando os elementos-chave da trama e revelando o conflito central de maneira intrigante. Mantenha a sinopse breve e intrigante, despertando o interesse do leitor sem revelar todos os detalhes. Pense em escrever de maneira direta, mas dando muitos detalhes, ou seja, escrever o mínimo falando muito.

O tamanho médio de uma sinopse de roteiro geralmente varia de uma a três páginas, mas pode ser mais curta ou mais longa, dependendo das diretrizes específicas do projeto ou da finalidade da sinopse. Em contextos como envios para agentes, produtores ou competições de roteiro, é comum que as sinopses sejam mais curtas, muitas vezes limitadas a uma página



É importante manter a sinopse concisa, focando nos elementos essenciais da trama, nos conflitos centrais e nas reviravoltas significativas. O objetivo é fornecer uma visão clara e envolvente da história sem entrar em detalhes excessivos.

Se houver instruções específicas sobre o comprimento da sinopse, é crucial segui-las rigorosamente. Caso contrário, adaptar o tamanho da sinopse conforme a complexidade e a riqueza da trama, sempre mantendo a atenção do leitor, é uma prática comum.

## **E uma *beat sheet*? Deixo ao final do roteiro ou já posso começar?**

A *beat sheet* pode ser iniciada antes ou durante a escrita do roteiro, mas recomenda-se durante, para não se perder no desenvolvimento da história. Blake Snyder sugere a *Save the Cat!* como a primeira *beat*, criando empatia imediata com o protagonista. Além disso, é importante considerar os momentos cruciais da história, como o catalisador, *midpoint* e clímax, ao desenvolver a *beat sheet*, seguindo as ordens sugeridas.

## **Qual é o passo para fazer a escaleta de um roteiro?**

Comece pela introdução, apresentando o mundo e os personagens principais, incluindo a cena de abertura que irá capturar a atenção do público. Em seguida, desenvolva os principais pontos da trama em sequência lógica, criando pequenas cenas que avancem a narrativa de forma envolvente.

Além disso, inclua detalhes sobre os arcos dos personagens, os conflitos e os momentos-chave da narrativa para garantir um desenvolvimento rico e significativo. Se desejar, escale todas as cenas depois de escrever um argumento corrido, pois isso pode te ajudar a organizar as ideias de forma mais eficiente.

## E o argumento: como devo chegar a escrevê-lo? Antes da escaleta ou depois?

O argumento pode ser escrito antes ou durante a elaboração da escaleta, mas eu recomendaria fazer isso depois. Ao escrever o argumento, inclua uma introdução que destaque o conflito central e os personagens principais. Em seguida, desenvolva cada parte do argumento, mantendo-o claro, conciso e envolvente. É importante pensar que você está contando a sua história para vendê-la, ou seja, destacar seus pontos fortes de forma atrativa.



### EM FOCO

Acesse a videoaula para ter mais informações e conhecimentos sobre os assuntos pertinentes a este tema. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

## NOVOS DESAFIOS

Estudante e futuro mestre da narrativa, se você está pronto para embarcar em uma jornada criativa e desbloquear os segredos dos grandes roteiristas, está na hora de começar a escrever! Este dever de casa é a sua passagem para o mundo mágico, onde suas ideias ganham vida na tela grande.

### Passo a passo épico:

#### **BRAINSTORMING E CONCEITO INICIAL**

Prepare-se para uma chuva de ideias! Imagine mundos, personagens e reviravoltas incríveis. Escolha aquela ideia que faz seu coração acelerar.

**STORYLINE**

Deixe a sua história dar o primeiro grito! Escreva uma *storyline* que seja tão emocionante quanto um trailer de filme. O desafio? Empolgue o público em apenas cinco linhas de texto fluido.

**SINOPSE**

Transforme sua história em um conto épico! Crie uma sinopse que seja como a capa de um livro irresistível, fazendo com que todos queiram saber mais.

**BEAT SHEET**

Torne-se um maestro da trama! Identifique os momentos-chave que farão sua história brilhar. Seu desafio? Criar uma sinfonia de 15 *beats* incríveis!

**ESCALETA**

Agora é hora de traçar seu mapa! Desenhe uma escaleta que guiará seus personagens por terras desconhecidas. Cada cena é um novo capítulo na sua grande aventura.

**ARGUMENTO**

Sua história agora ganhará vida! Escreva um argumento que seja tão convincente quanto o seu melhor discurso. Faça-nos desejar comprar ingressos antecipados para o seu filme!

Cuidados na escrita: evite bizarrices narrativas da inconsistência.

- Mantenha o equilíbrio mágico entre emoção e ação.
- Cada cena é uma joia preciosa – é hora de fazer um polimento para brilharem ainda mais.
- Revise como um herói que enfrenta seu maior desafio. O feedback é seu aliado.

Você está prestes a criar algo mágico. Lembre-se de que a jornada é tão importante quanto o destino. Compartilhe suas criações, celebre suas vitórias e abrace os desafios. Prepare-se para a maior aventura da sua vida de roteirista! Agora, vá lá e liberte sua criatividade!

# AUTOATIVIDADE

---

1. Primeiramente, vamos falar sobre o que são *beats*. *Beat*, é um termo inglês, para o que chamamos na literatura de narrema, ou seja, a unidade mínima da estrutura narrativa. O termo foi popularizada por Robert McKee em seu livro *Story*, e lá é descrito como "Dentro da cena, o menor elemento da estrutura é o Beat. [...] Um Beat é uma mudança de comportamento que ocorre por ação e reação. Beat a Beat, esse comportamento em transformação molda o ponto de virada da cena". Sabendo o que são *beats*, o que podemos dizer que não pode faltar em um *beat sheet*?
  - a) Não existem critérios recomendáveis.
  - b) Ser escrito em flashbacks.
  - c) Ser escrito por meio de primeira pessoa.
  - d) Ser redigido em prosa poética.
  - e) Falar de um tema e de um final.
2. Da mesma forma que um artista visual pode traçar o rascunho de sua obra antes de colocar a tinta efetivamente na tela, o roteirista também pode passar por estágios de esboçar sua história antes de propriamente escrever o roteiro. Após ver o argumento, agora, falaremos sobre outra ferramenta/documento essencial ao roteirista, a escaleta.

A escaleta, em geral, vem após a escrita do argumento. Se no argumento a história toma forma, na escaleta o roteiro toma forma. Mais do que pensar os *beats*, na escaleta se pensa na estrutura, na construção de sequência e cenas. Enquanto o argumento conta o que, a escaleta conta como. O que não pode estar presente em uma escaleta?

- a) Ser escrita no passado.
- b) Ser escrita com verbos conjugados no pretérito perfeito.
- c) Ser montada com diálogos indicados.
- d) Ser montada sem diálogos indicados.
- e) Ser montada apenas com diálogos.

# AUTOATIVIDADE

---

3. Você provavelmente já ouviu falar da santíssima trindade do desenvolvimento de roteiros – *logline*, sinopse e argumento. E o que diferencia cada um deles é basicamente o tamanho. Quanto menor o tamanho, mais focado você fica nos elementos principais. A sinopse deve ter idealmente quantas páginas? E deve servir como uma o quê de venda?
- a) 50 páginas e história de venda.
  - b) 20 páginas e narrativa de venda.
  - c) 15 páginas e história de venda.
  - d) 1 a 3 páginas e peça de venda.
  - e) 5 páginas e narrativa de venda.

# REFERÊNCIAS

---

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. Pensamento, 2005.

COMPARATO, D. **Da Criação ao Roteiro**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.

FIELD, S. **Manual do roteiro**: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

MCKEE, R. **Story**: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro. São Paulo: Arte e Letra, 2017.

MURDOCK, M. **A jornada da heroína**: a busca da mulher para se reconectar com o feminino. Rio de Janeiro. Sextante, 2022.

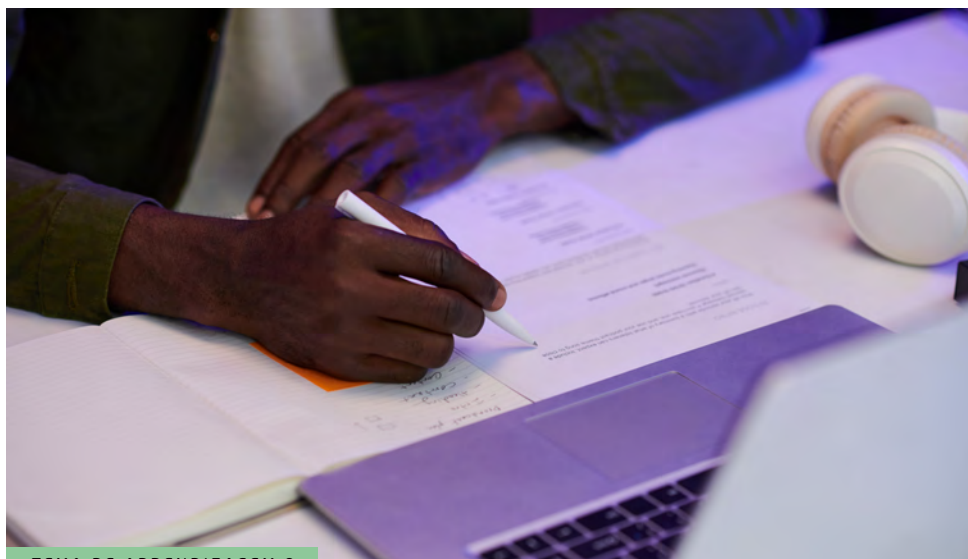
SNYDER, B. **Save the Cat!**: The Last Book on Screenwriting You'll Ever Need. Canada: Editora Michael Wiese Productions, 2005.

# GABARITO

---

1. Alternativa E. Em um *beat sheet*, o ideal é que você liste tanto o tema do material audiovisual que foi escrito quanto o seu final também.
2. Alternativa D. Porque, quando se escreve, a escaleta ainda não pode ter a abertura de diálogos, apenas a indicação de cenas e o que acontece pelas cenas da história e material audiovisual.
3. Alternativa D. Porque a sinopse precisaria ter idealmente de uma a três páginas, e deve servir como uma peça de venda, para que o roteirista possa fazer o *pitching* de sua história depois.





TEMA DE APRENDIZAGEM 9

# FORMATAÇÃO DE ROTEIRO

## MINHAS METAS

- Conceituar as formalidades acerca de regras da escrita de roteiros.
- Fazer uma cronologia histórica a respeito da formatação de roteiro.
- Trazer dicas para que o estudante se familiarize com a formatação.
- Apresentar conceitos relacionados às regras de forma e escrita de roteiros audiovisuais.
- Sugerir softwares gratuitos de edição de roteiro.
- Comentar dos "do" e "don't" na formatação de roteiro.

## INICIE SUA JORNADA

A escrita para ficção e não ficção é um processo em constante evolução que molda as narrativas cinematográficas e televisivas ao longo do tempo. Vamos nos aprofundar nos intrincados caminhos que conduziram à linguagem única do roteiro?

Nos primórdios do cinema mudo, os roteiros eram descomplicados e muitas vezes surgiam de improvisações. No entanto, a chegada do som, na década de 1920, trouxe a necessidade de uma estrutura mais definida, influenciada significativamente pelo legado teatral. Essa transição não foi apenas técnica, mas também uma mudança profunda na forma como as histórias eram contadas.



### PLAY NO CONHECIMENTO

Uma boa maneira de entendermos na prática mais sobre a formatação de roteiros é escutando o podcast "Sobre Diálogos: como escrevê-los bem", seguindo as estruturas de regra de escrita para roteiros audiovisuais. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

### VAMOS RECORDAR?

Para saber sobre formatação de roteiro, assista a este vídeo da Carol Santoian, que dá dicas sobre o que realmente importa quando falamos de formatar o roteiro:

<https://www.youtube.com/watch?v=r-mqAOggVyU>.

Produzir e formatar roteiros é uma arte que vai muito além de simplesmente escrever um texto. É uma forma de expressão única que exige experimentação e reflexão constantes. A linguagem do roteiro possui características próprias, um formato reconhecido e bem estruturado, o padrão Master Scenes, que ajuda o roteirista a pensar a narrativa de maneira eficiente.

Estudar essa linguagem específica não apenas ensina como escrever um roteiro dentro das normas da indústria cinematográfica, mas também ajuda a desenvolver habilidades essenciais para delinear roteiros mais bem escritos. A

compreensão das técnicas de formatação e estruturação de roteiros impulsiona a criatividade, permitindo ao escritor explorar diferentes formas de contar uma história e encontrar soluções narrativas inovadoras.

Além disso, ao aprender a linguagem do roteiro, você desenvolverá uma maior fluidez de escrita. A formatação específica dos roteiros, com seus elementos visuais e regras específicas, ajuda a organizar as ideias de forma clara e concisa, facilitando a comunicação da história para a equipe de produção e, posteriormente, para o público.

Em resumo, estudar a arte de produzir e formatar roteiros não apenas ensina as técnicas necessárias para escrever um roteiro, mas também estimula a criatividade e a fluidez de escrita, proporcionando uma base sólida para o desenvolvimento de histórias cativantes e que ficam com o seu público depois de assistirem o filme ou obra audiovisual que você antes escreveu o roteiro.

## DESENVOLVA SEU POTENCIAL

A respeito do que se trabalhava na não ficção, especialmente na televisão, novos desafios e oportunidades surgiram. O desenvolvimento do formato documentário e de programas de entrevistas influenciou a abordagem dos roteiristas, que tiveram que se adaptar às exigências específicas desse meio em constante transformação.

A busca por uma padronização gradual levou à criação de guildas e associações de roteiristas. Nos Estados Unidos, a fundação da *Screen Writers Guild* (SGW), em 1933, e sua posterior fusão com o *Radio Writers Guild*, resultando no *Writers Guild of America* (WGA), em 1954, marcou uma fase fundamental. Essas entidades não apenas representavam os interesses dos roteiristas, mas também estabeleciam diretrizes formais para a escrita de roteiros.

Em tradução feita por Beto Skubs, podemos falar um pouco da história da WGA, que remonta a 1912, quando a *Authors Guild* foi criada para proteger os interesses de escritores. Em 1921, membros da *Authors Guild* formaram a SGW para melhorar as condições dos roteiristas no emergente mundo do cinema. A SWG foi reconhecida como agente coletivo após uma decisão da Suprema Corte, em 1937.



## HOLLYWOOD PRODUCTION DIRECTOR CA

A complexidade crescente e conflitos internos levaram à criação da WGA em 1954, unificando profissionais de cinema, rádio e TV. A WGA enfrentou desafios, incluindo questões entre freelancers e contratados e debates com outras associações, como a *Directors Guild*. Greves, como a de 1988, foram de fato de muita importância relacionada para conquistas, mas também resultaram em perdas para alguns membros.

A filiação à WGA é obrigatória após vender dois roteiros, mas alguns escritores têm reservas sobre sindicatos. A WGA, composta por cerca de 9.000 membros, enfrenta desafios de diversidade e diferenças entre roteiristas de TV e cinema. O crédito de posse, iniciado pela WGA, tornou-se controverso, envolvendo disputas com a *Directors Guild*.

Importante ressaltar o fato de que a filiação à WGA não garante sucesso, mas proporciona benefícios como oportunidades de trabalho e supervisão de contratos. Apesar de desafios internos, a WGA atua como um fórum para roteiristas e desempenha papéis significativos na indústria, incluindo lobby por direitos e colaborações internacionais.

Essa busca por padrões não ocorreu sem desafios. No auge do macartismo, nas décadas de 1940 e 1950, a caça às bruxas anticomunista liderada pelo senador Joseph McCarthy, lançou uma sombra sobre a indústria do entretenimento. O macartismo influenciou diretamente as guildas de roteiristas, resultando na infame Lista Negra de Hollywood. Profissionais, muitas vezes acusados sem evidências concretas de simpatia ao comunismo, foram banidos e enfrentaram ostracismo profissional.

Essa era sombria impactou roteiristas notáveis, como Dalton Trumbo e outros “Os Dez de Hollywood”, que tiveram que escrever sob pseudônimos ou usar “testas de ferro” para sobreviver profissionalmente. O macartismo não só prejudicou indivíduos, mas também lançou uma ameaça significativa à liberdade de expressão e à criatividade artística.

No cenário de Hollywood, as guildas norte-americanas, notavelmente o WGA, emergiram como ressaltados defensores. Fundamentais para a criação e implementação de padrões na escrita de roteiros, essas guildas basearam-se em princípios de equidade, buscando garantir remuneração justa, reconhecimento adequado e direitos autorais para os roteiristas.

Essas entidades desenvolveram regras fundamentais para a atribuição de créditos, um processo vital para reconhecer a contribuição individual em projetos colaborativos. A definição de como os créditos são atribuídos, considerando fatores como contribuição substancial, revisões significativas e acordos contratuais, tornou-se parte integrante do sistema.



Curiosamente, a introdução de diretrizes específicas de formatação, como margens e espaçamentos, visou facilitar a leitura e compreensão dos roteiros pelos profissionais da indústria. Essa formatação foi aprimorada com o desenvolvimento de software dedicado, como o Final Draft, que automatiza a formatação de acordo com os padrões estabelecidos.

Os roteiristas renomados, como Aaron Sorkin e Quentin Tarantino, deixaram suas marcas na história do roteiro audiovisual. Sorkin destaca a importância da naturalidade nos diálogos, enquanto Tarantino explora o subtexto de maneira única. Essas abordagens, aliadas às diretrizes estabelecidas pelas guildas, criaram uma base sólida para a profissionalização da escrita de roteiros.

Ao mergulharmos na história e nas nuances da formação do roteiro, espero que você compreenda não apenas as regras, mas a rica tapeçaria que compõe a linguagem única do roteiro audiovisual. Vamos explorar juntos o vasto mundo da escrita de roteiros, em que a criatividade se encontra com a estrutura de maneira única e inspiradora.

Temos que falar da lógica por trás da fundamentação que guiou esse padrão Master Scenes para formatar roteiros. Existe ou não existe? Afinal, o conteúdo não é mais importante? Como um roteirista que está começando a aprender a escrever roteiros audiovisuais se habitua a isso?

## **REGRAS FUNDAMENTAIS PARA FORMATAR ROTEIROS**

A formatação de roteiros segue algumas regras fundamentais que garantem clareza e legibilidade. Uma delas é a padronização das margens, geralmente com 1 polegada de cada lado. O espaçamento duplo facilita anotações durante revisões. Cabeçalhos e rodapés contendo informações essenciais, como número de página e título, são elementos que fazem a diferença. A formatação distinta para diálogos e descrições ajuda na compreensão visual do roteiro.

Outro aspecto importante na formatação de roteiros é a maneira como os diálogos são apresentados. Eles devem estar alinhados no centro da página, com o nome do personagem em maiúsculas, seguido pelo diálogo, tudo isso facilita a identificação e compreensão das falas pelos atores e equipe de produção. Além

disso, é bom manter um equilíbrio entre diálogos e descrições, pois isso ajuda a manter o ritmo e a fluidez da história, garantindo que o roteiro seja atraente tanto para leitura quanto para execução.

Por fim, a revisão é uma etapa que não se pode deixar de lado no processo de escrita de roteiros. Além de verificar erros de ortografia e gramática, é importante revisar a estrutura narrativa, os diálogos e a formatação. Ter um olhar crítico sobre o roteiro pode ajudar a identificar pontos fracos e encontrar maneiras de aprimorar a história. É recomendável também buscar feedback de outras pessoas, como colegas ou profissionais do ramo, para obter diferentes perspectivas e melhorar ainda mais o roteiro antes da produção.

## Importância do conteúdo *versus* regras de escrita

Ambos são essenciais, mas a formatação correta não pode ser subestimada. As regras de escrita proporcionam uma linguagem comum para os profissionais da indústria, facilitando a colaboração. No entanto, o conteúdo é a alma do roteiro. Uma história envolvente e personagens bem desenvolvidos são fundamentais. Portanto, equilibrar ambas as facetas é crucial para criar um roteiro eficaz.

Além disso, é importante considerar o público-alvo ao escrever um roteiro. Entender quem serão os espectadores finais ajuda a moldar a narrativa de forma mais eficaz, garantindo que a história ressoe com o público. Isso inclui aspectos como tom, estilo e temas abordados, que devem ser escolhidos com cuidado para criar uma conexão emocional com os espectadores.

Outro aspecto a ser considerado é a originalidade da história. Embora existam muitas convenções e fórmulas estabelecidas na escrita de roteiros, é importante encontrar uma abordagem única e autêntica para sua história. Isso não significa necessariamente reinventar a roda, mas sim trazer uma perspectiva fresca e interessante para um tema ou gênero conhecido. A originalidade é o que torna um roteiro memorável e cativante para o público.

Aprofundamento na formatação? Use livros e técnicas:

- Livros: *The Screenwriter's Bible*, de David Trottier, é uma referência abrangente. *Save the Cat!*, de Blake Snyder, oferece insights sobre estrutura.
- Técnicas: estudar roteiros de filmes e séries conhecidos, analisando como as cenas são descritas e os diálogos são estruturados, é uma maneira prática de aprender. Além disso, praticar constantemente a escrita e buscar feedback são métodos valiosos para aprimorar suas habilidades.

## Lógica da formatação de roteiros

A formatação segue uma lógica que prioriza a clareza e a compreensão rápida. Elementos como margens e espaçamento proporcionam uma leitura fácil, enquanto cabeçalhos e rodapés organizam informações importantes. A centralização de diálogos e a diferenciação clara entre descrição visual e ações ajudam na visualização da cena. Transições e *sluglines* indicam mudanças temporais ou de localização. Em suma, a formatação busca criar um documento claro que sirva como guia preciso para a produção audiovisual.

Ao compreender e dominar essas regras, os roteiristas podem comunicar suas visões de maneira eficiente, garantindo que suas histórias sejam interpretadas e transformadas em realidade nos sets de filmagem.

Além disso, a formatação adequada não se limita apenas à estética do roteiro, mas também desempenha um papel crucial na economia de palavras. Em um roteiro, cada palavra é valiosa e deve contribuir para avançar a história ou desenvolver os personagens. Portanto, a formatação eficaz ajuda os roteiristas a expressarem suas ideias de forma concisa, evitando redundâncias e mantendo o ritmo da narrativa.

Outro aspecto importante da formatação é a consistência ao longo do roteiro. Manter um estilo uniforme em relação à formatação de diálogos, descrições e outros elementos ajuda a garantir a coesão e o profissionalismo do documento.

Isso facilita a leitura e compreensão por parte dos produtores, diretores e demais membros da equipe de produção, garantindo que a visão do roteirista seja interpretada da maneira desejada durante a filmagem.

## **IMPORTÂNCIA DA CONCISÃO E DA QUALIDADE EM ROTEIROS AUDIOVISUAIS**

A concisão é uma qualidade essencial em roteiros audiovisuais, pois um roteiro bem escrito deve transmitir informações de forma clara e eficiente. Em um meio onde o tempo é um recurso precioso, a capacidade de contar uma história de forma sucinta e impactante é fundamental. Roteiros concisos mantêm o ritmo da narrativa e evitam a redundância, garantindo que cada cena contribua significativamente para o desenvolvimento da trama e dos personagens.

Além disso, a qualidade do roteiro faz muita diferença para o sucesso de uma produção audiovisual. Um roteiro de alta qualidade apresenta diálogos autênticos, personagens bem desenvolvidos e uma trama envolvente. Ele é capaz de cativar o público desde o início e manter seu interesse ao longo de toda a história. Roteiristas que se dedicam à qualidade de seus roteiros estão mais propensos a criar obras memoráveis, capazes de se destacar em um mercado que leva muito a sério a criatividade e a destreza artística de seus profissionais. A concisão e a qualidade são aspectos interligados que garantem a eficácia de um roteiro audiovisual.

Em suma, os roteiristas que dominam essas habilidades são capazes de criar histórias poderosas que ressoam com o público e elevam o nível da produção audiovisual como um todo.

### **Compreensão da equipe de filmagem**

Um roteiro é a espinha dorsal de uma produção audiovisual, guiando a equipe desde a concepção até o produto final. Ser sucinto é uma qualidade que se espera de um roteirista, para garantir que todos os membros da equipe compreendam

claramente a visão do roteiro escrito por ele. Diretores, diretores de arte, figurinistas e outros profissionais dependem do roteiro para criar uma visão unificada. Uma equipe bem-informada é essencial para o sucesso de uma produção. Quando todos os membros da equipe entendem o roteiro, podem colaborar de forma mais eficaz, contribuindo com suas habilidades únicas para a realização da visão do roteirista.

Além disso, a clareza no roteiro facilita a comunicação entre os membros da equipe. Quando o roteiro é fácil de ler e entender, há menos probabilidade de mal-entendidos e erros durante a produção. Isso economiza tempo e recursos, garantindo que o processo de filmagem seja eficiente e sem interrupções. Por fim, um roteiro claro e compreensível aumenta a confiança da equipe na visão do roteirista. Quando os membros da equipe entendem e se conectam com o roteiro, estão mais motivados a trabalhar duro para tornar a visão uma realidade.

Em resumo, a clareza e a facilidade de compreensão do roteiro são essenciais para uma produção audiovisual bem-sucedida. Um roteiro que é lido e compreendido com facilidade pela equipe de filmagem ajuda a garantir uma colaboração eficaz, comunicação clara e confiança na visão do roteirista, resultando em uma produção de alta qualidade.

## Facilitando o trabalho do diretor

O diretor é responsável por traduzir as palavras do roteiro para imagens na tela. Ser conciso proporciona ao diretor a flexibilidade de interpretar e adicionar sua perspectiva única. Um roteiro bem trabalhado, sem excessos, permite que o diretor dê sua contribuição criativa de maneira mais eficaz. Além disso, um roteiro claro e conciso ajuda o diretor a visualizar o resultado final da obra audiovisual.

Dessa maneira, conferindo um roteiro bem estruturado, o diretor pode começar a pensar em aspectos técnicos, como a composição das cenas, os ângulos de câmera e a iluminação, que são essenciais para transmitir a mensagem e a atmosfera desejadas. O roteiro também ajuda o diretor a planejar o ritmo e a cadência da narrativa, garantindo que a história seja contada de forma envolvente e impactante. Em suma, um roteiro conciso e bem elaborado é uma ferramenta essencial para o diretor, ajudando-o a visualizar o resultado final da obra e a contribuir de forma criativa para sua realização.

## Colaboração efetiva com a equipe técnica



Profissionais de câmera, iluminação e som dependem da clareza do roteiro para planejar suas atividades. Um roteiro conciso facilita a colaboração efetiva, permitindo que cada membro da equipe técnica compreenda suas responsabilidades específicas.

Um roteiro bem escrito é essencial para a equipe técnica de filmagem, pois fornece todas as informações necessárias para a produção e filmagem do material audiovisual. Ele descreve detalhadamente cada cena, incluindo diálogos, ações dos personagens, configurações de cena e qualquer outro elemento importante para a narrativa. Isso ajuda a equipe técnica a compreender melhor a visão do diretor e do roteirista, permitindo que eles trabalhem de forma mais eficiente e eficaz.

Além disso, um roteiro bem escrito também ajuda a equipe técnica a se preparar adequadamente para as filmagens. Eles podem entender melhor o fluxo das cenas, os requisitos de iluminação, som e figurino, bem como quaisquer efeitos especiais ou técnicas específicas que possam ser necessárias. Isso permite que a equipe técnica planeje com antecedência e esteja pronta para lidar com qualquer desafio que possa surgir durante as filmagens.

Em resumo, um roteiro bem escrito é uma ferramenta essencial para a equipe técnica de filmagem, pois ajuda a garantir que todos estejam na mesma página e trabalhem juntos para criar um produto audiovisual de alta qualidade.

## Guia para o filme

Um roteiro bem elaborado não apenas guia a equipe de produção, mas também ajuda a transmitir a visão do roteirista e do diretor para o público. Através das palavras escritas, a emoção, a tensão e a atmosfera da história são cuidadosamente construídas, cativando a audiência e criando uma experiência memorável. Portanto, a qualidade e a concisão do roteiro são fundamentais para o sucesso de qualquer produção audiovisual, pois são o mapa, ou melhor dizendo, o guião sobre o qual toda a obra é construída.

O roteiro também desempenha a função de servir como um guia detalhado, indicando como cada cena deve ser filmada, que ângulos devem ser utilizados e como os atores devem interpretar seus papéis. Além disso, o roteiro também fornece informações importantes sobre locações, figurinos, maquiagem e efeitos especiais, garantindo que todos os elementos da produção estejam alinhados com a visão do diretor e do roteirista.

Por fim, o roteiro é o ponto de partida para a criação de um filme. Ele é a base sobre a qual toda a obra é construída, sendo essencial para o desenvolvimento da narrativa e dos personagens. Um roteiro bem elaborado não apenas dita o que será visto na tela, mas também inspira a equipe de produção a dar o seu melhor e a criar algo verdadeiramente maravilhoso e comovente para o público.

## Escrita de imagens e sons

Escrever imagens e sons é essencial para transmitir a experiência visual e auditiva desejada. O roteirista deve escolher palavras que evocam clareza mental para o leitor, permitindo que eles visualizem cada cena. Isso inclui não apenas o diálogo, mas também descrições visuais detalhadas e sugestões de sons. Quando se trata de roteiro, a habilidade de escrever imagens e sons é fundamental.

Cada palavra escolhida pelo roteirista deve ser capaz de evocar uma imagem vívida na mente do leitor, permitindo que eles visualizem cada cena com clareza.

Isso vai além do diálogo, abrangendo descrições visuais detalhadas e sugestões de sons que ajudam a criar a experiência sensorial desejada. Dominar essa arte é essencial para transmitir a experiência visual e auditiva pretendida, tornando-se uma habilidade valiosa para qualquer aspirante a roteirista.

## Tempo presente na escrita dos verbos



A escolha de escrever no tempo presente cria uma sensação de imediatismo e envolvimento. Isso não apenas proporciona um conforto narrativo a quem lê, mas também alinha o roteiro com a experiência real da produção. O uso do tempo presente torna as cenas mais dinâmicas e envolventes. A escolha de escrever no tempo presente em um roteiro cinematográfico não apenas cria uma sensação de imediatismo e envolvimento para o leitor, mas também oferece um conforto narrativo ao transportá-lo diretamente para o momento presente da história que está sendo contada.

Além disso, essa técnica alinha o roteiro com a experiência real da produção, já que, durante a filmagem, as cenas são vivenciadas e capturadas no momento presente. O uso do tempo presente não só torna as cenas mais dinâmicas e envolventes, mas também contribui para uma maior imersão do público na narrativa, fazendo com que se sintam parte da ação que se desenrola diante de seus olhos, o ajudando a se sentir menos passivo perante a história assistida de um filme ou outro material audiovisual.

Em resumo, a concisão e qualidade no roteiro são vitais para o sucesso de uma produção audiovisual. Ao compreender a importância de ser claro e direto, os roteiristas podem garantir que sua visão seja compreendida e interpretada de maneira eficaz, contribuindo para a criação de uma obra de arte cinematográfica.

## **IMPORTÂNCIA DE EVITAR AMBIGUIDADES E METÁFORAS EM ROTEIROS AUDIOVISUAIS**

É muito importante evitar ambiguidades e metáforas em roteiros para se ter mais clareza da narrativa: evitar ambiguidades ajuda a garantir que a história seja compreendida da maneira desejada pelo roteirista, sem deixar espaço para interpretações confusas ou equivocadas. Um roteiro claro e sem ambiguidades facilita o trabalho da equipe de produção e dos atores, pois todos entendem exatamente o que está sendo pedido em cada cena, evitando retrabalhos e mal-entendidos.

Em resumo, evitar ambiguidades e metáforas desnecessárias contribui para uma narrativa mais clara, eficiente e impactante, beneficiando tanto a produção do filme quanto, posteriormente, a experiência do público. Seu filme, pode, sim, ser mais artístico, conceitual, “cult”, experimental, mais intelectual não há nenhum tipo de proibição a respeito. Mas, ao escrever o roteiro dele, você precisa ser direto. A linguagem cinematográfica é que se encarrega de definir a carga mais “artística” e metafórica do filme ou material audiovisual. O roteiro apenas guia.

### **Consistência na narrativa**

Uma narrativa coesa depende da consistência nas ações, diálogos e desenvolvimento dos personagens. Ambiguidades podem comprometer essa consistência, prejudicando a qualidade e a lógica interna da história. Além disso, a consistência na narrativa de um roteiro é fundamental para manter a credibilidade da história e dos personagens. Quando as ações e os diálogos dos personagens são consistentes com suas características e motivações estabelecidas anteriormente, a história se torna mais crível e envolvente para o público. Por outro lado, inconsistências podem fazer com que os espectadores percam o interesse na trama, pois isso pode criar uma sensação de incoerência e falta de conexão com os personagens.

Outro aspecto importante da consistência narrativa é a manutenção do tom e do estilo ao longo do roteiro. Um roteiro que oscila entre diferentes tons ou estilos de escrita pode confundir o público e prejudicar a experiência de assistir ao filme. Portanto, é essencial que o roteirista mantenha uma abordagem consistente em relação ao tom, estilo e ritmo da narrativa, garantindo que a história flua bem para o público que a assistirá quando for um filme ou material audiovisual filmado.



## Foco na execução visual e sonora

O audiovisual é uma forma de arte que se baseia em imagens e sons. Evitar metáforas excessivas literárias concentra a atenção na execução visual e sonora, garantindo que elementos fundamentais para o meio se destaquem. Elas precisam ser mais visuais, e menos descritivas.

Além disso, a execução visual e sonora é algo que será relevante para transmitir a essência e a atmosfera de uma história no audiovisual. A escolha cuidadosa de imagens, cores, cenários e figurinos pode criar uma ambientação rica e imersiva, enquanto o uso inteligente de trilha sonora, efeitos sonoros e mixagem de áudio pode evocar emoções e complementar a narrativa de forma poderosa.

Portanto, ao focar na execução visual e sonora, os criadores audiovisuais podem criar uma experiência mais envolvente e impactante para o público, tornando a obra mais memorável e significativa.

Dessa mesma maneira, a abordagem “*Show, don’t tell*” é especialmente relevante no audiovisual, onde as imagens e os sons têm o poder de transmitir informações de forma mais eficaz do que palavras. Em vez de explicar diretamente o que está acontecendo na história, os criadores podem mostrar visualmente as emoções, os conflitos e os temas, permitindo que o público deduza e interprete as informações por si mesmo. Isso não só torna a narrativa mais envolvente, mas também estimula a participação ativa do público, tornando a experiência de assistir ao filme ou série mais interativa e satisfatória.

Em conclusão, evitar ambiguidades e o uso excessivo de metáforas em roteiros audiovisuais é crucial para assegurar uma compreensão clara e uma execução eficiente da visão do roteirista. Uma linguagem direta e objetiva promove uma comunicação eficaz, resultando em uma produção coesa e acessível ao público.

## **PARA NÃO DECORAR MANUAIS DE ROTEIRO: DICAS PRÁTICAS DE FORMATAÇÃO**

Tendo alguma compreensão sobre as águas da formatação, *sluglines*, e cabeçalhos, é o momento de dar mais dicas práticas, mas sem afogar ninguém em termos técnicos. Vamos tornar essa aula mais animada do que uma cena de perseguição em um filme de ação.

### **Cabeçalhos e fontes**

Primeira parada: cabeçalhos. Imagine-os como os anfitriões da sua festa, mas sem o terno e gravata. Use fontes que sejam como a playlist perfeita – ninguém quer ler algo que pareça um hieróglifo antigo. Mantenha a formatação chique, mas acessível.

## VOCÊ SABE RESPONDER?

E qual é essa formatação? Preparado para decifrar os segredos da formatação de roteiros?

### 1. FONTE

nada de frescuras aqui! Opte por uma fonte padrão, como Courier ou Courier New. Tamanho 12 é o favorito, mantendo tudo claro e legível. Nada de fontes cursivas ou extravagantes – salve essas para os convites de casamento!

### 2. CABEÇALHO

o cabeçalho é a identidade do seu roteiro. Na parte superior da página, coloque informações cruciais: nome do episódio ou filme, número da cena, e se é dia ou noite. Seja claro e direto, como um título de jornal.

### 3. ESPAÇAMENTO

respire! Espaçamento duplo é a regra de ouro. Dê espaço para suas palavras respirarem, assim como os atores e diretores vão precisar quando estiverem filmando.

### 4. PARÁGRAFOS

curtos e diretos. Cada parágrafo é como um take. Evite blocos de texto. Quebre para dar ritmo e facilitar a leitura rápida. Agilidade é o nome do jogo!

### 5. MARGENS

dê espaço para a margem! Padrão é 1 polegada de cada lado. Não amontoe informações como passageiros em um ônibus lotado. Margens espaçosas são a chave para a elegância.

## 6. SLUGLINE (CABEÇALHO DE CENA)

quando introduzir uma nova cena, use um slugline. Ele é o GPS do seu roteiro. Indique se estamos dentro ou fora (INT. ou EXT.), localização e se é de dia ou noite. Simplifique, sem rodeios!

## 7. DIÁLOGOS

centralize seus diálogos como estrelas no tapete vermelho. Use parágrafos curtos, e lembre-se, a fala deve ser clara como um close-up.

## 8. TRANSIÇÕES

indique mudanças de cena com classe! Utilize transições como CUT TO: ou FADE IN/OUT. Sua transição deve ser mais suave do que um fade musical no cinema clássico.

Agora você tem a chave para abrir as portas do universo cinematográfico. Mantenha a formatação padrão e seu roteiro será o astro principal!

## USE SOFTWARES DE ROTEIRO PARA TER MAIS FACILIDADE

Nossos assistentes digitais, tipo *Final Draft e Celtx*, são os verdadeiros heróis dessa jornada. Eles transformam seus devaneios em algo que até a avó entenderia. Explore essas ferramentas como se fossem mapas do tesouro – porque, afinal, seu roteiro é um tesouro.

## A REGRA DO “ESCREVA PARA SER LIDO”, DE CAROL SANTIAN

Imagine que cada palavra que você escreve é uma piada em um *stand-up*. Faça a leitura do seu roteiro ser mais emocionante do que uma montanha-russa. Transforme suas descrições em uma coreografia narrativa. Vamos entreter os diretores, não entediá-los com um manual técnico.

Treinamento: sim, treinar é importante, afinal, é uma linguagem diferenciada a da escrita de roteiros audiovisuais.

### DESAFIO DIÁRIO DE MINI ROTEIROS

Como um treino matinal, mas para sua criatividade. Escreva roteiros curtos todos os dias. Pode ser a saga de um biscoito tentando escapar do leite. A imaginação é o limite.

### DESMONTANDO FILMES COM PIPOCA

Assista seus filmes favoritos, mas com uma pitada de propósito. Analise os roteiros. Descubra o que funciona e o que não funciona. Lembre-se de que até os mestres foram aprendizes uma vez.

### COMPARTILHE E SORRIA

Compartilhe seu roteiro com amigos ou grupos de escrita. Divirta-se, aprenda, e lembre-se de que a crítica é como um bom tempero – essencial para o sucesso.

## A ARTE DE PINTAR COM PALAVRAS

Você é o Picasso das palavras. Transforme cada cena em uma obra-prima visual. Pense não apenas em palavras, mas em imagens que saltam da página. Pinte um quadro sensorial. Sua escrita não é apenas para ser lida, é para ser filmada! A criatividade é bem-vinda, a ambiguidade em demasia prejudica você.



#### EU INDICO

Escrever roteiros é como preparar uma receita. Um toque de clareza, uma pitada de humor, e uma generosa porção de criatividade. Mantenha-se despojado, aprenda enquanto ri e, lembre-se, seus roteiros não são apenas palavras – são a faísca que acende a magia do cinema e do material audiovisual. O filme vem, fique perseverante e escreva muito.

Para saber mais e ter um modelo de roteiro já visualizado com mais facilidade, confira o site: <https://www.aicinema.com.br/modelo-de-roteiro/>.

## Para não esquecer!

A capa do roteiro deve conter o título da obra e o nome do roteirista, juntamente com seus contatos, como e-mail e telefone. A primeira página nunca é numerada. Todas as outras páginas devem conter numeração. A fonte padrão é a *Courier News* tamanho 12, com espaçamento simples. Evite usar itálico ou negrito. Na descrição da ação, não repita informações que já estão no cabeçalho.

Existem diversos manuais de formatação de roteiros disponíveis na internet, mas o ideal é não desperdiçar energia com isso. Há softwares que padronizam automaticamente a formatação para você. O mais usado por roteiristas profissionais é o Final Draft, mas você pode começar com softwares mais simples. O Celtx oferece uma versão gratuita e a Amazon disponibiliza o Story Writer, que é totalmente gratuito.

É recomendável ler muitos roteiros disponíveis na internet. Vários sites oferecem roteiros na íntegra, o que pode ajudar a entender melhor a estrutura e o estilo de escrita utilizados por roteiristas experientes. Siga em frente, criativo roteirista!

## APRENDENDO A PRÁTICA

### Equilibrando o conteúdo e a formatação dos roteiros para o audiovisual

Ah, o casamento encantado entre conteúdo e formatação em um roteiro! Como juntar esses dois elementos e criar uma sinfonia cinematográfica? Vamos desvendar esse enigma literário e cinematográfico:

#### CONTEÚDO É REI, MAS...

o conteúdo é a espinha dorsal de qualquer grande história. Se você não tem uma narrativa envolvente, personagens memoráveis e diálogos afiados, seu roteiro será como um castelo de cartas prestes a desmoronar. Portanto, coloque sua energia na criação de uma história que emociona, surpreende e ressoa com o público.

## FORMATAÇÃO, O ELIXIR DA LEITURA FÁCIL

agora, a formatação é como a maquiagem que realça a beleza natural de uma história. Uma boa formatação torna a leitura suave, ágil e compreensível. Imagine abrir um livro com fonte minúscula e parágrafos intermináveis – assustador, certo? O mesmo vale para roteiros. Respeite as margens, utilize diálogos claros e adote cabeçalhos e sluglines que guiem o leitor sem esforço.

## UMA DANÇA HARMONIOSA

a verdadeira magia acontece quando o conteúdo e a formatação dançam em harmonia. Um diálogo poderoso, quando formatado corretamente, salta da página para a mente do leitor. Por outro lado, uma descrição visual impactante, quando apoiada por uma formatação adequada, transporta o leitor para dentro da cena.

## O ESTUDO CONTÍNUO

o caminho para a maestria em roteiro é pavimentado com estudo contínuo. Leia os clássicos, mergulhe em roteiros de filmes icônicos e explore obras contemporâneas. Observe como os mestres manipulam palavras e moldam suas histórias. A leitura é uma sala de aula interminável, e os roteiros, seus professores.

## PESQUISANDO ROTEIROS

quando se trata de pesquisar roteiros, a internet é sua aliada. Existem várias plataformas que oferecem roteiros gratuitos e legais. Sites como *IMSDb (Internet Movie Script Database)*, *SimplyScripts* e *Script Slug* são tesouros escondidos para os aspirantes a roteiristas.

## Os softwares gratuitos de roteiro

Existem diversas opções de softwares gratuitos de roteiro disponíveis para escritores e roteiristas que desejam criar e formatar seus roteiros de forma profissional. Essas ferramentas oferecem recursos essenciais para ajudar na organização e

elaboração de histórias para filmes, séries, peças teatrais e outros formatos audiovisuais. Leia mais para saber algumas ferramentas que podem ajudar você.

Um dos softwares gratuitos mais populares para roteiristas é o Celtx. Ele oferece uma interface intuitiva e fácil de usar, permitindo que os usuários criem roteiros de forma colaborativa, adicionem notas de cena, personagens e, até mesmo, desenvolvam storyboards. O Celtx também oferece modelos de formatação padrão da indústria, facilitando a criação de roteiros profissionais.

Outra opção é o Trelby, um software de roteiro gratuito e de código aberto, disponível para Windows e Linux. O Trelby possui recursos avançados de formatação, como suporte a múltiplos idiomas e exportação para diferentes formatos de arquivo. Ele também oferece ferramentas de organização, como listas de personagens e locações, para ajudar os roteiristas a manterem suas histórias organizadas.

Além disso, o Adobe Story é uma ferramenta gratuita da Adobe que oferece recursos avançados para escritores de roteiros. Ele permite que os usuários criem roteiros de forma colaborativa, com recursos de compartilhamento e comentários em tempo real. O Adobe Story também oferece integração com outros aplicativos da Adobe, como o Premiere Pro, facilitando o processo de produção audiovisual.

Esses são apenas alguns exemplos de softwares gratuitos de roteiro disponíveis no mercado. Cada um oferece recursos e funcionalidades únicas, por isso é importante experimentar diferentes opções para encontrar a que melhor atende às suas necessidades como escritor ou roteirista.

Em resumo, um bom roteirista é como um chef habilidoso, misturando ingredientes (conteúdo) de alta qualidade e apresentando a refeição (roteiro) de maneira atraente. Portanto, cozinhe suas ideias com cuidado, sirva com uma pitada de formatação impecável e, *voilà*, você terá uma obra-prima cinematográfica!

#### EM FOCO

Confira a aula referente a este tema. **Recursos de mídia disponíveis no conteúdo digital do ambiente virtual de aprendizagem.**

## NOVOS DESAFIOS

Depois de estudar sobre como funciona e deve ser montada a formatação de um roteiro audiovisual, podemos sugerir práticas que você, roteirista que começa essa jornada de aventuras literárias e cinematográficas, tenha mais afinidade com esse assunto. Como? Bem, leia, leia sempre. E fique com essas últimas dicas:

### **Dicas infalíveis para compreender melhor a formatação de roteiros e desbravar a literatura cinematográfica!**

- Revise os seguintes itens! Para aprimorar suas habilidades de roteiro, mergulhe em um mar de roteiros variados, explorando diferentes gêneros e épocas. A internet oferece cursos on-line, muitos gratuitos, que podem enriquecer sua compreensão de formatação e escrita. Pratique regularmente, experimentando estilos e temas diversos para aprimorar suas habilidades.
- Estude roteiros de filmes renomados, analisando cenas marcantes e aprendendo com os mestres sobre construção narrativa e desenvolvimento de personagens. Experimente diferentes abordagens até encontrar seu estilo autêntico, seja narrativo descritivo, diálogos afiados ou uma mistura única.
- Participe de comunidades de roteiristas online para receber feedback e insights valiosos. Consuma diversas formas de narrativa, incluindo livros, séries, peças teatrais e videogames, para expandir sua visão e absorver novas técnicas de contar histórias.
- A revisão é fundamental para aprimorar seu roteiro. Volte ao texto com um olhar crítico, refinando diálogos e garantindo que cada palavra contribua para a narrativa. Domine as regras básicas de formatação para criar um roteiro profissional e legível.
- Equilibre conteúdo e formatação, reconhecendo a importância tanto do que é escrito quanto de como é apresentado. Aprofunde-se em técnicas específicas através de livros especializados para obter insights valiosos. Mantenha a lógica da formatação para garantir clareza e consistência ao longo do roteiro.
- Seja conciso e trabalhe bem o texto, valorizando a qualidade e evitando ambiguidades e metáforas que possam gerar confusão. Escreva visualmente,

transmitindo o que será visto, e auditivamente, o que será ouvido, proporcionando uma experiência completa para o leitor e a equipe de produção.

- Utilize o tempo presente para criar um guia mais envolvente e imersivo. Escreva para ser lido com fluidez e também para ser filmado com precisão. Entenda as regras, mas saiba quando flexioná-las para servir à narrativa. Valorize a perseverança e a leitura constante para evoluir como roteirista. Repita, insista e se divirta muito!
- Com essas dicas, você está equipado para enfrentar os desafios da formação de roteiros e trilhar seu caminho no universo cinematográfico. Que cada linha escrita seja uma jornada fascinante rumo à criação de narrativas extraordinárias. Continue sua aventura, não tenha medo de errar e tentar de novo, e lembre-se de que a criatividade é como diz Heráclito: sempre flui, não se entra no mesmo rio duas vezes, não se escreve a mesma história duas vezes.
- Você já não é o mesmo roteirista, tampouco a história é a mesma. E, sempre se lembre: De se divertir com o que escreve! A paixão é muito importante para um bom escritor, seja ele um roteirista ou de outro estilo literário, cinematográfico ou não. É muito importante amar o que faz e acreditar em sua história também.



# AUTOATIVIDADE

---

1. O cabeçalho introduz uma nova cena. Geralmente, criamos uma nova cena quando existe alguma mudança de espaço (lugar) ou tempo. O cabeçalho aparece sempre em letras maiúsculas e traz as informações sobre onde a cena acontece e em qual tempo. Se a cena é dentro de alguma locação usamos a sigla "INT" e se for externa, cenas filmadas em ambientes abertos como praças a indicação é "EXT". Em leitura dos cabeçalhos a seguir, qual é o que foi escrito de maneira correta?

- a) Interior. Mar. Noite.
- b) Exterior. Quarto do protagonista. Noite.
- c) Interior. Sul da cidade.
- d) Exterior. Jardins do protagonista. Noite.
- e) Interior. Noite.

2. Com o argumento escrito e redondo e a escaleta feita, é hora de se concentrar nos diálogos.

Nessa fase, você já deve conhecer seus personagens mais do que a si mesmo e está pronto para tirar todas as frases da boca dele. Então, só sentar em frente ao computador e deixar os diálogos fluírem. Como você já viu por aí, existem padrões de formatação para escrever roteiros e é importante que você os siga. A fonte clássica para escrever um roteiro é:

- a) Courier New 12.
- b) Calibri 12.
- c) Garamond 12.
- d) Bookman Old Style 12.
- e) Arial 12.

3. Depois do cabeçalho vem a ação, que é a descrição do que ocorre na cena, sempre no tempo presente:

"Maria lentamente coloca a mão na maçaneta e abre a porta de casa".

Por fim, o bloco de diálogo, composto pelo nome do personagem e o que ele fala. A maneira em que uma ação foi descrita corretamente foi:

- a) Maria colocou a mão na porta de casa.
- b) Benjamin falou mal dos outros.
- c) Miriam provou um sorvete.
- d) Jandira gosta do doce que prova.
- e) José não gostara do que falaram para ele.

# REFERÊNCIAS

---

COMPARATO, D. **Da Criação ao Roteiro**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.

FIELD, S. **Manual do roteiro**: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

MCKEE, R. **Story**: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro. São Paulo: Arte e Letra, 2017.

MOSS, H. **Como Formatar o seu Roteiro**: um pequeno guia de Master Scenes. São Paulo: Editora Aeroplano, 2019.

PALACIOS, F.; TERENCEZZO, M. **O Guia Completo do Storytelling**. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2016.

SARAIVA, L.; CANNITO, N. **Manual de roteiro**. Ou Manuel, o primo pobre dos manuais de Cinema & TV. 2 ed. Editora Conrad, 2004.

# GABARITO

---

1. Alternativa D. Contém a indicação se é um lugar externo ou interno, informações onde a cena é passada e o tempo e horário em que ela será filmada.
2. Alternativa A. Porque a fonte Master Scene do padrão esperado de um roteiro é a *Courier New* 12 mesmo.
3. Alternativa D. É a afirmação que está com os verbos conjugados no presente.



# MINHAS ANOTAÇÕES

A large rectangular area with a black border and horizontal lines, intended for taking notes. A yellow highlight is visible at the top left corner.